

ROMANCES  NOVA CULTURAL

32
R\$ 4,50

Uma Lady Perigosa



Barbara
Cartland
EXTRA



Uma Lady Perigosa - (Love is Contraband) - Barbara Cartland

Título original - Love is Contraband

RESUMO

1809, Inglaterra

Ao deixar sua casa, altas horas da madrugada, para fugir de uma cilada, o Duque Trydon Ravel se viu prisioneiro de um grupo de malfeitores encapuzados.

Sem querer, foi testemunha de uma ação criminosa de, ao que tudo indicava perigosos contrabandistas. A surpresa maior, porém, ainda estava por vir.

Levado à presença do chefe do bando, descobriu que aquela figura vestida com roupas masculinas fora de moda, botas militares e chapéu era uma bela mulher!

Disponibilização - Mccayres

Digitalização - Marisa

Revisão - Ana Maria

CAPÍTULO I

1809

- Que inferno! Você ganhou novamente!

O Duque de Westacre ergueu-se da mesa de jogo, forrada de baeta verde, e atirou as cartas para o alto. Elas passaram por cima da elegante mobília marchetada e foram

cair no sofá de pés torneados, revestido de damasco.

Seu parceiro inclinou a cadeira para trás e riu.

- Você está se tornando um mau perdedor, Trydon!

- Esta é a terceira noite seguida que você ganha de mim nas cartas - replicou o Duque - Nunca mais jogo faraó com você.

- Sabe o que diz o ditado, não, Trydon? - perguntou o Capitão Peregrine Carrington.

- Não sei nem quero saber! - retrucou o Duque, zangado.

- Mesmo assim, vou dizer, “Infeliz no jogo, feliz no amor” - citou o Capitão.

O Duque olhou para o amigo com olhos fuzilantes, atravessou o salão e puxou com violência, as duas partes da alta porta de vidro que se abria para o jardim. Ficou

no limiar, parado sentindo no rosto o ar fresco da noite. Lembrou que poucas horas atrás uma profusão de velas acesas cercava os canteiros repletos de flores, o

tanque forrado de nenúfares e ladeavam os caminhos que conduziam ao lago artificial.

No momento, porém, as velas que não se haviam extinguido por completo, bruxuleavam apenas algumas lanternas chinesas, pendentes de árvores e arbustos, balouçando

com a brisa, ali estavam para revelar que o jardim fora cenário de uma grande festa e muita alegria.

- E então? - Peregrine Carrington perguntou da mesa de jogo.

- Então, o quê? - tornou o Duque, seu tom de voz ainda agressivo - Você acha que passei uma noite agradável? Ora, Peregrine, sinto-me como uma raposa sendo perseguida.

Agora sei como é ser caçado. Sim, caçado! Percebi qual era a intenção dessas mães casamenteiras com suas filhas choramingas, de cara ainda molhada de lágrimas.

- Esqueça-as. Todas já se foram - Peregrine falou em tom consolador - Sua Senhoria apareceu à porta do salão cerca de duas horas atrás. Imaginei que ela quisesse

desejar-lhe boa-noite. Mas viu-nos entretidos com as cartas e afastou-se com

uma carranca feroz, apenas me acenou com a mão.

Ao voltar-se para o amigo o Duque parecia quase envergonhado.

- Suponho que eu deva ser grato à minha madrinha pelo interesse que tem por mim - disse - Mas, com os diabos! Não pretendo me casar, esta é a verdade, Peregrine.

Toda essa conversa sobre a necessidade de eu arranjar uma esposa que seja a anfitriã em Londres e a senhora do castelo, me cansam. Quem terá de conviver com a fedelha

serei eu, não minha madrinha, tampouco aqueles malditos curadores que me dizem o que fazer e controlam a minha vida, tornando-a um tormento.

- Bem, é esse o ônus de ser um Duque. Em outras palavras, você não pode ter a coroa de folhas de morango sem pagar por isso! - Peregrine argumentou.

- Nunca esperei herdar o título, jamais quis ser um Duque! Enfim, meu primo e herdeiro do título morreu na guerra.

- Não sei por que está descontente Trydon - Peregrine observou em tom casual - A maioria dos homens daria o braço direito para estar no seu lugar,

- Sei disso - redarguiu o Duque, irritado - Você acha que sou ingrato, não? E claro que me alegra ser uma pessoa importante e influente, depois de ter sido considerado,

durante anos, apenas um parente pobre. Gosto de possuir tantas propriedades me envaidece ocupar elevada posição na corte e ser ouvido quando expresso minhas opiniões.

Eu vivia muito feliz até começar toda essa conversa de casamento. Dia e noite ficam repetindo, “E essencial para um homem como você ter uma esposa!”
“Você deve receber

convidados, tanto nas suas casas como no castelo, e precisa de uma anfitriã!”
“Você tem de escolher alguém para ser a Duquesa de Westacre!” E no baile desta noite

vi desfilar em à minha frente todas aquelas garotas como se eu fosse um sultão interessado em escolher uma concubina.

- Está enganado, meu velho - Peregrine discordou - As mocinhas que estiveram no baile nada têm a ver com concubinas.

- Está certo, está certo. Eu não devia ter feito a comparação - De repente, o Duque inclinou a cabeça para trás e deu uma risada sonora - Você reparou naquela pirralha

com uma rosa branca nos cabelos? Nunca vi criatura mais estranha. Parecia lunática. Entretanto, minha madrinha chegou a dizer que ela seria ótima esposa. Até argumentou,

“Vocês se darão muito bem e o casamento será mais do que conveniente. As terras do pai dela limitam com as suas”.

- Oh! Sei a quem você se refere. Nem pense naquela garota - Peregrine aconselhou o amigo.

- Claro que não. Bem, as outras não eram muito diferentes. Quando dancei com elas notei que me olhavam de modo cobiçoso. Era como se cada uma delas estivesse dizendo

a si mesma, que ficaria linda usando os diamantes Westacre.

- O problema com você é que está começando a ter consciência da própria importância, a se valorizar demais - apontou Peregrine.

- Não é verdade - o Duque objetou - Começo a me cansar de tanta pompa e formalidades. Quer saber onde eu gostaria de estar neste momento?

- Onde? - Peregrine perguntou, curioso.

- Na Península, com o que restou do meu regimento! Já perguntei a Prinny se eu poderia voltar.

- É mesmo? O que Sua Alteza Real respondeu?

- Ficou indignado. Queixou-se do grande número de mortos e feridos, além das

despesas. Disse que se dependesse dele todo o Exército estaria de volta.
Acrescentou

que não queria saber de seus Duques correndo perigo, caindo prisioneiros nas mãos do inimigo ou sendo mortos por soldados da ralé. E tudo isso para Napoleão vangloriar-se

de ser vitorioso! - expôs o Duque - O Príncipe estava tão zangado que achei melhor me afastar de sua presença.

- Você sabe que Prinny detesta essa guerra.

- Não acredito que alguém goste dela. Napoleão parece cada vez mais poderoso e assustador. Mantém a Europa sob o tacão de suas botas e está disposto a tudo para

nos esmagar.

- Ele não conseguirá seu intento enquanto Collingwood estiver lá - apontou o Capitão - Temos agora oitocentos e cinquenta navios no mar. Napoleão pensará duas vezes

antes de nos atacar!

- Nós teremos de atacá-lo primeiro, claro. O que me irrita é que não tomarei parte em ataque nenhum. Em vez de pensar em batalhas, devo refletir sobre o casamento!

- o Duque exclamou.

- Por vezes as duas palavras são sinônimos - gracejou o Capitão.

- Quando você começa com suas brincadeiras torna-se insuportável! - o Duque se zangou - Bem, se nenhuma daquelas senhoritas afetadas estão à espreita no corredor,

convém irmos para nossos quartos.

O Capitão Carrington recolheu da mesa de jogo a pilha de guinéus de ouro e levou-as nas mãos. As moedas não cabiam nos bolsos das calças justas, tampouco do casaco

bem talhado. Andou depressa para alcançar o amigo que já ia saindo do salão. Notando sua testa franzida, comentou,

- Sabe de uma coisa? Você quer demais, Trydon. Tem um belo rosto, corpo atlético, é um cavaleiro sem igual, atira com perfeição, o que o torna muito perigoso num

duelo, é o rei do turfe, é rico como Crespo e é um Duque! Como se tudo isso não bastasse, você ainda espera se apaixonar?

- Nem me fale nisso. Este assunto me dá enjôo. Quero que as mulheres me deixem em paz!

- Isso é o que você diz, mas quando está em Londres quer a companhia das mulheres - rebateu o Capitão - Pelo menos parece gostar muito daquela sua “pombinha”.

- Ah, Janita! Ela é diferente. Quem melhor do que Janita para fazer um homem relaxar e distrair na sua companhia?

- Para mim não serve. É dispendiosa demais - declarou Peregrine - Aqueles alazões que você deu de presente, causam inveja a todos que freqüentam o Hyde Park.

- Janita gosta deles porque combinam com a cor de seus cabelos - comentou o Duque em tom descuidado.

Ambos chegaram ao hall onde um lacaio sonolento deu dois castiçais já com as velas acesas. Eles precisavam mesmo delas para subir a escada e seguirem pelo corredor

até seus aposentos, pois as velas dos candelabros de parede, de prata e cristal, já estavam quase consumidas.

- Boa noite. Durma bem - disse Peregrine, despedindo, quando ambos chegaram ao patamar - Amanhã as coisas hão de parecer melhores.

- Duvido - respondeu o Duque, com expressão sombria - Se bem conheço a madrinha, logo cedo, mal eu abra os olhos, estará me interrogando, querendo saber que impressão

tive daquelas pirralhas.

- Graças a Deus sou plebeu - Peregrine riu e afastou. Seu quarto ficava no fim do corredor.

Com um suspiro, o Duque girou a maçaneta da porta. Embora estivesse cansado, preferia continuar conversando com o amigo. Entrou no quarto e estranhou ver o cômodo

mergulhado na escuridão.

Hardy, seu valete, sempre esperava por ele e deixava acesas as velas do candelabro do lado da cama. E mais, se estivesse frio, acendia a lareira.

Uma das vantagens de ser um Duque, Trydon reconheceu, era cercar de todo conforto e ter centenas de pessoas trabalhando para que nada lhe faltasse.

“Devo ter entrado no quarto errado”, pensou, erguendo bem o castiçal para examinar o cômodo.

O que viu deixou-o imobilizado por uns segundos. Então, todos os nervos do seu corpo alertaram-no do perigo e ele deixou o quarto, apressado, fechando a porta.

Correu pelo corredor e entrou no quarto de Peregrine sem ao menos bater. O amigo, que acabava de tirar o casaco de cetim, virou surpreso.

- Alô, Trydon. Pensei que você já tivesse se recolhido.

- E seu valete? - o Duque perguntou em voz baixa, desconfiado.

- Dispensei-o esta noite. Tenho pena de pedir para ficar acordado até tarde. O homem já está ficando velho. Era valete de meu pai, imagine.

- A história do seu valete não me interessa - retrucou o Duque, impaciente - E muito bom encontrá-lo sozinho, quero que me ajude, Peregrine. Tenho de sair daqui.

- O quê? Sair daqui? Por quê? - indagou Peregrine, atônito.

- Se eu não deixar esta casa, imediatamente, estarei comprometido.

- De que diabos você está falando?

O Duque sentou-se na beirada da cama.

- Entrei no meu quarto ainda há pouco e não encontrei Hardy à minha espera. Você não imagina quem eu vi lá... Deitada na cama.

- Meu Deus! Havia alguém no seu leito? Quem?

- Uma das garotas. Não posso ter muita certeza de quem era porque não cheguei muito perto dela. Acho que era a pirralha de cabelos loiros com quem dancei logo no

início do baile.

- Já sei. Isobel Dalguish - Trydon revelou - A mãe dela é a maior casamenteira que conheço. Atenta, vigilante, uma fera. Na última temporada, Freddy Mellington foi

perseguido pelas duas, mãe e filha. Aonde quer que ele fosse lá estavam elas, prontas para o ataque. Freddy precisou ser muito hábil e firme para se livrar de ambas.

- Parece que tomei o lugar de Freddy Mellington - o Duque resmungou.

- Sua situação é delicada - reconheceu o amigo.

- Já disse que vou sair daqui, agora!

- Você acha essa atitude sensata?

- Se você ainda não atinou com o que irá acontecer se eu ficar nesta casa, é mesmo lento de raciocínio - Trydon acusou o amigo - Posso apostar que a mãe

da garota

está à espreita, em algum lugar do corredor esperando que eu entre no quarto para então invadir o aposento e representar um drama digno do teatro de Cheltenham.

- Nunca imaginei que isso fosse possível!

- Pois eu, sim! Não sou tolo e sei que em tais circunstâncias o cavalheiro deve oferecer casamento à garota.

- Bem, você pode dormir no meu quarto - Peregrine ofereceu - Para que sair por aí, no meio da noite? Estamos no campo.

- Não posso ficar nesta casa. Mãe e filha me acusarão de ter seduzido a garota, afirmarão que a convidei para ir ao meu quarto. Por melhores que sejam meus argumentos,

será a minha palavra contra a delas - assinalou o Duque - Mesmo que seja repreensível para uma moça ir ao quarto de um homem, e que isso lhe arruíne a reputação,

o fato de ela tornar-se a Duquesa de Westacre compensará todo o risco e o vexame aos quais se expôs.

- Você é mesmo um perito quando se trata de bater em retirada - louvou o Capitão - Eu não saberia o que fazer se o caso fosse comigo.

- Se tivesse um pouco de juízo, saberia - retorquiu o Duque - Vamos, me empresta suas roupas, depressa. Temos, felizmente, o mesmo tamanho e o mesmo alfaiate. Lembra

que quando estávamos em Oxford eu costumava tomar coisas emprestadas de você? Na ocasião, eu era mais pobre e não podia pagar um profissional da categoria de Weston.

- Tudo o que tenho está ao seu dispor - Peregrine fez um gesto indicando o guarda-roupa.

Sem perder tempo, o Duque trocou o traje de noite que usava por roupas de

montaria, de corte perfeito, que assentaram como uma luva. Calçou em seguida as botas hessenas,

impecavelmente polidas com champanhe.

- Cuidado com elas, meu caro! - recomendou Peregrine - São novas, só usei uma vez.

- Compre outro par e ponha na minha conta - autorizou o Duque - Fazemos nossos calçados no mesmo sapateiro.

- Farei isso, não duvide. Agora me oriente quanto ao que devo dizer pela manhã a Sua Senhoria. Ela nos viu juntos no salão e sabe que fomos os últimos a nos recolher.

Com certeza, serei a primeira pessoa a ser questionada quando você não for encontrado.

- Diga a minha madrinha que recebi uma mensagem urgente pedindo para eu comparecer a algum lugar que você não pode revelar, para tratar de assuntos militares de

grande importância - disse o Duque, depois de refletir por um instante.

- Duvido que Sua Senhoria acredite em mim.

- Acreditará se mostrar-se convincente. Você sempre soube mentir quando era preciso se salvar de algum apuro, Peregrine. Agora minta por mim e faça isso da melhor

maneira possível - pediu o Duque.

- Espero ser bem sucedido - Peregrine murmurou - Estou me perguntando se não será melhor eu acompanhá-lo. A propósito, aonde você vai?

- Quisera eu saber. Estive pensando em cavalgar pelos campos e chegar até a casa de Charles Bryant. Sei que ele mora nesta região, perto da costa.

- Mora, sim. Sua casa fica em Brighthelmstone. Prinny é louco por aquele lugar. Siga adiante, mantendo o mar à sua esquerda, e não terá dificuldade de encontrar

a casa - Peregrine explicou.

- Está bem. Obrigado. Não voltarei a Londres durante vários dias - o Duque avisou. Ele olhou-se ao espelho - Que elegância! Vejo que Weston corta melhor as suas

roupas do que as minhas.

- Seu corpo não é exatamente igual ao meu. Trate de não deformar meu casaco, senão terá de me dar um traje de montaria novo - Peregrine advertiu o amigo.

- Pode ficar com todas as roupas que tenho nesta casa. Hardy as entregará para você. Diga que são ordens minhas.

Acabando de dizer isso, o Duque colocou na cabeça o chapéu de castor, de copa alta, deixando-o meio caído de lado, como era considerado elegante. Então pediu ao

amigo,

- Lamento, Peregrine, mas você tem de me devolver os guinéus que ganhou no jogo e tudo mais que tiver em mãos. Posso precisar de dinheiro caso eu não encontre Charles

em casa ou tenha algum problema no caminho.

- Está tudo na pequena gaveta do toucador. Pode pegar.

Assim que abriu a gavetinha em questão o Duque assobiou.

- Ora, ora! Você está com uma pequena fortuna no momento, Capitão!

- E verdade. Antes do jantar ganhei no jogo cerca de mil libras do velho Buckhaven, enquanto você flertava com Isobel - contou Peregrine, rindo.

- Não mencione esse nome na minha frente! - ordenou o Duque - Se eu pudesse torceria o pescoço da mãe daquela garota. Imagine preparar uma armadilha para mim! Se

não sou esperto, teria caído nela como um imbecil.

- Desta você escapou, mas um dia será apanhado - prenunciou o Capitão - Pode escrever o que estou dizendo.

- Aposto um cavalo como isso não acontecerá - propôs o Duque.

- Feito! - Peregrine aceitou a aposta - Você estabelece o prazo.

- Um ano. Então você perderá seu dinheiro. De hoje em diante fugirei das mulheres. Já me cansei delas.

- Devo revelar a sua madrinha o que acaba de me dizer? - indagou Peregrine com expressão travessa.

- Não. Ela que descubra por si própria. Mas fique certo de que ninguém me apanhará numa armadilha. Permanecerei solteiro por muito tempo, os diamantes Westacre podem

continuar no banco que pouco me importa - sentenciou o Duque, saindo do quarto, deixando o Capitão rindo.

Nos estábulos teve de acordar seu cocheiro e, depois do que pareceu uma espera irritante, o homem voltou com um de seus cavalos prediletos, selado. Era um garanhão

negro, magnífico.

Ordenou ao cocheiro que levasse os outros cavalos e o faetonte de volta a Londres, assim que amanhecesse, e partiu. Sentia um grande alívio por se distanciar da

imponente e mansão, que representava um perigo para a sua liberdade. Solto as rédeas do animal e galopou por mais de uma hora beirando o mar, ouvindo o marulhar

das ondas à sua esquerda.

Começou a amanhecer, mas a névoa marítima obscurecia a paisagem. Notando o cansaço do cavalo e também não tendo tanta pressa, o Duque cavalgou mais devagar. Seguiu

a passo num trecho onde o terreno era acidentado e coberto de tojos, tendo o cuidado de afastar o animal dos espinhos.

Clareou um pouco e o Duque ficou atento para localizar algum marco que indicasse onde ele se encontrava. Havia morado naquela região quando criança, já cavalgara

por aquelas colinas tantas vezes, mas no momento se sentia perdido. Continuou cavalgando a passo, esperando atravessar um dos inúmeros riachos que cortavam a costa

sul.

De repente, julgou ter ouvido vozes bem perto dali. Instintivamente refreou o cavalo e apurou os ouvidos.

Como o vento soprava a seu favor, ouviu uma voz áspera e baixa dizendo,

- Parece que vem vindo alguém.

- Devo atirar?

Era outra voz masculina. O Duque prendeu a respiração. Ouviu então uma mulher repreendendo os homens que haviam falado.

- Idiotas! Vocês querem chamar a atenção da guarda costeira? Quem deve estar chegando é o homem que Philip prometeu nos mandar. Desta vez há mais trabalho e precisamos

de ajuda.

- Ah, é verdade - um dos homens assentiu.

Subitamente o homem que acabara de falar surgiu à frente do Duque. Era um pescador usando roupas rústicas, um gorro caído na testa e botas altas. Não parecia violento,

exceto pela pistola que tinha na mão e o dedo no gatilho. A impressão do Duque foi de que o pescador não hesitaria em usar a arma, apesar da advertência da mulher.

Na outra mão, ele segurava uma lanterna.

- Quem é você? - o homem indagou em tom ríspido.

- Philip me mandou - respondeu o Duque prontamente.

Se o homem ficou aliviado, não o demonstrou.

- Então venha. Está atrasado.

Nada à vontade, mas sem ter alternativa, o Duque seguiu-o, seu cavalo andou com dificuldade sobre o terreno coberto de pedras irregulares e cascalho. A névoa se

erguera um pouco e começara a ventar. Em seguida, eles passaram por um túnel estreito.

Então, como num passe de mágica, outras pessoas surgiram da névoa, cerca de doze homens, todos pescadores, e uma mulher. Eles descarregavam um barco que estava na

praia coberta de cascalho.

Vendo que a carga era de barris e fardos, o Duque entendeu por que aquele bando temia a guarda costeira. Eles eram contrabandistas, portanto, perigosos. Se suspeitassem

do recém-chegado, não hesitariam em cortar a garganta e atirar seu corpo ao mar.

- Está atrasado - a mulher acusou-o.

Sua voz revelava que era uma pessoa bem educada.

O Duque encarou-a, atônito.

Ela trajava-se como homem, calçava botas altas, iguais às dos pescadores, usava calças justas, casaco bege, largo e surrado, fora de moda. Um lenço preto amarrado

à nuca cobria os cabelos.

- Bem, ande depressa! - ordenou impaciente - Vamos! Os homens estão cansados e não conseguem carregar toda essa carga sozinhos.

- Não, claro que não - tornou o Duque.

Seu tom de voz fez com que a mulher olhasse para ele, desconfiada. Não viu seu rosto nitidamente por causa da névoa e da pouca claridade.

O Duque desmontou e a mulher continuou a dar ordens.

- Todos vocês, levem primeiro os barris! São os mais pesados.

Automaticamente, o Duque pegou um barril de brandy, colocou-o no ombro e acompanhou os outros homens. Todos atravessaram uma gruta natural, baixa, onde tiveram de

andar curvado, seguiram por uma passagem aberta na rocha, subiram uma escada tosca de madeira, continuaram andando até que, finalmente, o homem que estava à frente

abriu uma pesada porta e entrou num lugar profundo e escuro. Se aquilo era a porão de uma casa particular ou a cripta de uma igreja, o Duque não saberia dizer. Todos

voltaram fazendo o mesmo percurso da ida.

Livre do peso, o Duque prestou mais atenção ao caminho, tentando associar o que via ao que já ouvira dizer sobre contrabandistas e seus esconderijos.

Acreditava-se que em todos os povoados e aldeias ao longo da costa leste e sul da Inglaterra havia abrigos e esconderijos de contrabandistas. Os aldeões e fazendeiros

não os denunciavam com medo de retaliação ou por que, de uma forma ou de outra, se beneficiavam com as mercadorias contrabandeadas ou com os serviços dos contrabandistas.

Na segunda viagem para o porão o barril que o Duque carregou pareceu muito mais pesado. Na terceira foi para ele uma agonia se curvar para atravessar a gruta. Os

homens trabalhavam em silêncio e não paravam. Pareciam concentrados em guardar a carga num lugar seguro, o mais depressa possível. Era quase impossível um ver o

rosto do outro, pois eram bem poucas as lanternas acesas ao longo da passagem subterrânea que conduzia ao porão.

“Na próxima vez que eu tomar brandy vou me lembrar disto e apreciarei a bebida muito mais”, disse o Duque a si mesmo.

Quando os homens saíram da gruta para levar o restante da carga, toda a bruma se dissipara e os primeiros raios de sol brilhavam no mar sereno.

O Duque curvou para erguer um dos pesados fardos que se achavam na proa do barco, mas escorregou numa pedra coberta de algas e caiu. Na queda cortou o polegar e

parte da mão, na ponta de um arame que se soltara de algum fardo e, sem pensar, praguejou. Imediatamente a mulher, em quem ele não havia mais prestado atenção durante

o transporte da carga, materializou-se diante dele.

- Psiu! Não faça barulho! - ordenou. Perguntou em outro tom - Machucou-se?

- Não muito - ele resmungou, irritado, olhando para o sangue que escorria pela mão.

Reconheceu que as elegantes botas hessenas de Peregrine não eram apropriadas para andar sobre pedras e cascalhos, principalmente estando úmidos. Entretanto, não

poderia fazer comentário algum sobre isso.

- Oh, você se cortou - disse a mulher - Bem, esta é a última viagem. Depois disso cuidarei do ferimento.

O Duque enrolou um lenço na mão, pegou o fardo e ajeitou-o nas costas para levar penosamente por todo o longo caminho até o porão.

Ao depositá-lo no piso de pedra, correu os olhos pelas pilhas de mercadoria. O bando faria muito dinheiro quando vendesse aquele lote, pensou, afastando-se dali.

Ao sair da gruta se surpreendeu, não viu mais os homens. Eles haviam desaparecido silenciosamente. Passou pela mente que fora o mais lerdo de todos e ficara para

trás. Não fosse ver o barco ainda na praia, tendo penduradas dos lados da proa algumas redes de pesca para secar, ele acreditaria que todo aquele episódio fora um

sonho.

Bem, para provar que tudo acontecera realmente e não era fruto de sua imaginação, ali também estavam o dedo machucado, o lenço empapado de sangue, e a mulher de

botas altas, usando roupas masculinas. Ela se aproximou.

- Deixe-me ver sua mão.

O Duque desenrolou o lenço.

- Foi um corte extenso e está sujo. Vou limpar e passar alguma coisa para evitar uma infecção.

- Pode deixar não se preocupe - o Duque recusou o curativo - Cuidarei disso. Há alguma estalagem aqui perto?

A mulher ergueu depressa a cabeça e só então o Duque viu claramente o rosto. Ela era muito jovem. Tinha as faces sujas, mas os grandes olhos eram lindos e orlados

de longos cílios escuros.

- Sabe muito bem que não pode ir até a estalagem - ela falou com veemência - Os guardas estão por toda parte fazendo perguntas e intrometendo-se em tudo.

- Está bem. Seguirei pela costa e me distanciarei daqui - expôs o Duque.

- Não vá ainda. Deixe-me, pelo menos lavar sua mão e pôr uma bandagem. Siga-me. Espero que não nos vejam.

Ela virou e começou a andar como se estivesse acostumada a ser obedecida.

Movido pela curiosidade e querendo saber mais sobre aquela estranha mulher, o Duque não protestou. Seguiu a pé, puxando o cavalo pelas rédeas. Suas costas doíam

demais. Ele chegou a sentir tontura depois daquele trabalho extenuante e por não ter dormido.

Pensando em Peregrine, imaginou que o amigo iria rir à solta se o visse carregando barris de brandy para os contrabandistas.

Depois de atravessar um riacho, sempre seguindo a mulher, o Duque viu ao sol da manhã, a pouca distância, uma casa enorme, protegida dos ventos vindos do mar por

uma colina e um bosque.

Era um prédio lindo, em estilo elisabetano, cujos tijolos vermelhos ganharam com o tempo um tom envelhecido, mais suave. O grande jardim à sua frente estava bem

cuidado e muito florido. Era cercado por um muro, também de tijolos vermelhos.

“Um esconderijo perfeito para contrabandistas, seja ou não com o consentimento dos donos desta mansão”, o Duque pensou.

Continuou seguindo a mulher que abriu o portão, virou à esquerda, andou mais depressa e foi até as cocheiras. Lá chegando, chamou alguém. Quando o Duque a alcançou

viu, saindo de uma das baias, um velho cavaleiro muito enrugado, caminhando devagar.

- Recolha este cavalo, Ned, dê-lhe água e escove-o bem - a mulher ordenou -
Daqui a pouco o cavaleiro virá buscá-lo.

Sem dizer palavra o velho aproximou-se do Duque, olhou-o com hostilidade, segurou as rédeas do animal e puxou-o para o interior da cocheira.

- Siga-me - disse a mulher ao Duque.

Ambos caminharam na direção da casa, mas entraram nela pela porta da cozinha. Seguiram por um corredor ladrilhado, seus passos ressoando muito alto naquele silêncio

no qual a casa estava mergulhada.

Depois de atravessarem uma porta eles continuaram a andar por um corredor assoalhado. A mulher abriu outra porta e ambos se viram em uma pequena sala.

- Espere aqui.

Era nova ordem, não um pedido. O Duque olhou ao redor e notou a mobília luxuosa, porém mal conservada. Quando se voltou, a mulher havia saído da sala.

Perplexo, o Duque ouviu a chave girar na fechadura.

CAPÍTULO II

Olhando para a porta trancada, o Duque tinha uma expressão que revelava a quem o conhecesse bem que ele pressentia o perigo. Foi até uma das poltronas e sentou com

as pernas estiradas.

Recostado no espaldar sentiu mais aguda a dor nas costas e nos ombros. Para não pensar na presente situação, ocupou a mente calculando quanto pesava cada um daqueles

barris que havia carregado com sacrifício. Cerca de vinte e cinco quilos, só o líquido.

Lembrou também de ter ouvido um dos membros do parlamento mencionar recentemente, que o país tinha um prejuízo na arrecadação de impostos de cerca

de sessenta mil

libras anuais, por causa das operações feitas por contrabandistas, que agiam ao longo de toda a costa. Isso o fez considerar que aqueles homens, cujos rostos ele

vira vagamente na semi-escuridão da madrugada ou da gruta e das passagens, eram, sem dúvida, gente simples, do campo ou do mar, e não pessoas violentas e agressivas,

como acreditara que elas seriam.

Mas, por Deus, quem já ouvira falar em um bando de contrabandistas liderado por uma mulher? Que tipo de mulher se envolveria com contrabando e, ao mesmo tempo, entrava

numa casa ancestral, certamente de família aristocrática?

A cozinha e a copa por onde eles tinham passado pareceram desertos e não havia sinal de criados na casa. Isso o fez supor que o dono certamente estaria fora e não

tinha idéia de que sua propriedade estava sendo usada para atividades ilegais.

Sonolento, o Duque deslizou o corpo no assento da poltrona e fechou os olhos. A mão latejava e as costas doíam. Se estava numa situação perigosa e nada podia fazer

para contorná-la, era melhor descansar. Estava quase adormecido quando ouviu a chave girando na fechadura. Abriu os olhos, plenamente desperto e alerta, porém não

saiu da posição em que se encontrava. A porta abriu com impetuosidade e uma mulher já idosa, pequenina, gorducha, de faces rosadas, entrou na sala carregando uma

bacia.

- Ora, eu já disse tantas vezes que não tolero a entrada de nenhum de vocês, seus malandros, nesta casa - ela admoestou em voz bem alta - Que atrevimento ir entrando

aqui, sem mais nem menos! Vejo que preciso repetir a mesma coisa.

Ela colocou a bacia sobre a mesa e, pela primeira vez, olhou para o Duque. Então as palavras morreram nos lábios. Fixou nele o olhar e, notando seu silêncio, disse

em tom bem diferente,

- Fiquei sabendo que machucou a mão... Sir.

- E verdade - O Duque ficou de pé - Eu agradeceria se você fizesse o curativo para mim.

Olhando para a mulher, ele deduziu que ela seria a governanta ou talvez a nanny da família. Seu tipo físico e o modo de falar eram inconfundíveis. Ele estendeu a

mão enrolada no lenço de cambraia, empapado de sangue. Por um momento ficou sem saber se era um de seus próprios lenços finos, bordado com seu monograma e a coroa

com folhas de morango, ou do Capitão Peregrine Carrington.

Prestou atenção quando a velha o desenrolou cuidadosamente para examinar o ferimento. Viu com alívio que não havia bordado algum, portanto, não era seu lenço.

- E um corte extenso, alcançou parte da mão, e está muito sujo - diagnosticou a velha - Vou desinfetá-lo com brandy. Era assim que o almirante Nelson aconselhava

seus homens a fazer, em casos de ferimentos, para estes não infeccionarem.

Sem esperar resposta ela saiu apressada da sala, deixando o Duque com a mão sobre a bacia, o sangue pingando lentamente na água.

Em pouco mais de um minuto ela estava de volta, tendo na mão uma finíssima garrafa de cristal lapidado, cheia pela metade.

- Creio que o brandy me fará mais bem se ingerido do que despejado na mão - gracejou o Duque, sorrindo.

- Não quero saber de contrabandistas bebendo nesta propriedade! - a velha se zangou.

Diligentemente, começou a lavar a mão ferida. Sentindo dor, o Duque puxou a mão para trás, instintivamente.

- Fique quieto - a velha ordenou em tom severo e despejou brandy sobre o corte.

O ardor provocado pelo contato do álcool com a carne viva fez com que o Duque cerrasse os dentes para não gritar.

A velha cobriu o corte com compressa de linho branco, firmou-a no lugar com tiras do mesmo tecido e amarrou as pontas ao redor do pulso do Duque.

- Ainda dói? - perguntou, erguendo a cabeça pela primeira vez desde que começara o curativo.

- Está bem melhor do que antes. Obrigado - respondeu o Duque, sentindo um leve adormecimento no local ferido.

- Embora não seja um corte muito profundo, é extenso e irá latejar durante algumas horas - preveniu a velha - E agora saia logo daqui! Em primeiro lugar você não

poderia ter vindo até esta casa.

- Eu simplesmente obedeci a ordens - o Duque defendeu-se - E, suponho, de nada adianta, eu dizer que estou faminto, depois de ter feito um trabalho tão pesado com

o estômago vazio.

- Tem fome? Bem, não é de minha índole mandar um homem faminto para além de nossa porta. Sente-se e aguarde um pouco. Vou ver o que temos na despensa, embora seja

contra as ordens.

Apesar de o tom da velha, ser severo, o Duque teve certeza de que ela não apenas simpatizara com ele, como também ficara impressionada com sua

aparência, chegando

a tratá-lo por aquele “Sir”, dito com relutância.

Ela saiu depressa da sala, fechando a porta, porém sem trancá-la a chave.

O Duque foi até a janela e admirou o bem traçado jardim de rosas tendo ao centro uma estátua, os outros canteiros, tudo protegido por sebes de teixos. Além das sebes

estendia-se um gramado, ao fim do qual havia arbustos e árvores que pareciam emoldurar a casa como um manto verde.

Onde e como a moça contrabandista se encaixava em tudo aquilo, naquele cenário, naquela casa?

Ela desaparecera e o Duque ficou curioso ao seu respeito. Tentou lembrar sua aparência, mas só veio à mente o lenço preto escondendo os cabelos, o rosto pequeno

sujo de terra, aquele ridículo casaco bege, três quartos, antiquado, largo e franzido na cintura, e as botas altas, de pescador, grandes demais para ela.

Uma jovem destemida, sem dúvida, para se arriscar a fazer seguidas viagens entre a Inglaterra e o Continente, desafiando a vigilância, cada vez mais ativa e enérgica,

da polícia marítima e dos funcionários do Tesouro.

Ao entrar naquela mansão o Duque chegara a pensar que a propriedade pertencia à contrabandista, mas agora duvidava disso. Havia ali na sala, perto de uma das poltronas,

uma caixa de costura marchetada e um banquinho com o assento estofado revestido de fina tapeçaria, trabalho manual realizado por mãos hábeis e delicadas.

O lindo arranjo de perfumadas rosas de verão, misturadas com miosótis, que ele viu no vaso colocado sobre uma mesinha envernizada, só poderia ter sido feito por

uma mulher de gosto apurado.

A porta abriu novamente, desta vez com delicadeza. A velha entrou na sala carregando uma bandeja.

- Só tive tempo de preparar presunto e ovos - ela anunciou - Se espera por uma refeição digna de um gentleman, com pombos gordos e carne, ficará desapontado.

- Está ótimo - O Duque sorriu para a mulher - Agradeço pelo presunto e os ovos.

Ele sentou-se à mesa e a mulher passou a servi-lo, como se soubesse instintivamente que o estranho era um aristocrata importante. Faminto como estava, o Duque saboreou

com apetite os três ovos e as grossas fatias de presunto defumado em casa, ele disse a si mesmo, havia muito tempo não experimentava tão delicioso.

- O que deseja beber? - perguntou a velha com um brilho travesso nos olhos - Não vou dizer que aprovo seu gosto por brandy, mas a garrafa esta ali, caso queira um

pouco.

- Que tal chá? Aposto que não falta chá nesta casa - brincou o Duque, lembrando dos fardos de chá que carregara para o porão.

- Se quer chá, vou buscá-lo com muito prazer - disse a velha, contente, o rubor tornando as faces ainda mais coradas do que já eram.

Notando o entusiasmo da velha e a atenção que era dispensada, o Duque sentiu como se estivesse de volta à infância, sendo cuidado por sua nanny.

- Muito bem, Nana, aceitarei uma xícara de chá.

- Quem deu o direito de me chamar de Nana? - protestou a velha - Não sou a sua Nanny. Meu nome é Sra. Wheeldon. É assim que sou conhecida por todos na vila e será

assim para você também. Nana, ora essa!

Ela saiu toda agitada da sala, nos estalidos do avental engomado, enquanto o Duque ria. Havia acertado, a velha fora a Nanny da casa no passado e mantinha seu ar

autoritário. Cuidara de seu ferimento, alimentara-o porquê não podia ver uma pessoa faminta, mas repreendera-o por achá-lo atrevido.

Na bandeja havia também um apetitoso pão caseiro, recém saído do forno. O Duque serviu uma grossa fatia, espalhou sobre a mesma uma camada de manteiga amarelinha

e saboreou-a, ouvindo deliciado o trincar da casca crocante.

Com um sentimento de superioridade pensou no breakfast que seria servido a Peregrine nessa manhã. O amigo certamente iria tomar um cálice de brandy, para rebater

as emanções das bebidas alcoólicas que tomara na véspera, depois se serviria de um pedaço de carne defumada, fosse de ave ou carneiro, mas não terminaria de comer,

nauseado só de olhar para o prato.

“Que diferença existe entre a vida saudável do campo e a da sociedade!”, ele pensou.

A porta abriu mais uma vez e o Duque esperou ver Nana entrar com o bule de chá fumegante. Mas se enganou. Quem entrou foi uma moça que, por um momento o Duque julgou

tratar-se de uma desconhecida. Ela permaneceu de pé, encostada à porta que acabara de fechar. Só então, atônito, o Duque reconheceu que tinha diante de si a mulher

contrabandista.

Agora, sem o lenço preto na cabeça, tinha os cabelos loiros caindo em cachos dos lados do delicado rosto oval. Era linda, tinha olhos azuis pervinca e parecia bem

menor sem as botas de pescador e aquele casaco largo e franzido. Usava um vestido de algodão, simples, fora de moda e desbotado.

Entretanto, o Duque deu pouca atenção à sua aparência. Fixou os olhos na pequena pistola de duelos que ela segurava e mantinha apontada para ele. Por um momento

ambos se olharam. Então, devagar, o Duque ficou de pé.

- Fique aí! Não dê um passo! - a moça ordenou.

Era a mesma voz autoritária que ela usara durante a madrugada, nas operações de contrabando.

- Quem é você? Quem o mandou?

- Isso tem importância? - o Duque questionou.

- Você é um impostor - ela acusou - Disse que Philip o havia mandado.

- Como sabe que ele não me mandou?

- Um menino acaba de chegar com uma mensagem dizendo que o homem mandado para nos ajudar atrasou-se no caminho porque seu cavalo perdeu uma ferradura.

- Que falta de sorte! - comentou o Duque.

- Falta de sorte a sua! - replicou a moça - Nada me impede de matá-lo. Você sabe demais e não posso deixá-lo partir.

- Você não me parece uma moça cruel - contrapôs o Duque - Pelo menos vestida como está agora. A propósito, nunca vi uma mulher contrabandista antes. Bem, na verdade,

não conheço muitos contrabandistas.

- Não mude de assunto! - A moça bateu o pé, zangada - Você mentiu. Por que se reuniu a nós? O que está ganhando com isto? Está sendo pago pela polícia marítima?

- Dou minha palavra de honra que não estou sendo pago por ninguém - asseverou o Duque.

- Então, quem o mandou? - ela repetiu.

- Digamos que o destino me mandou. O fato de eu ouvir muito bem me salvou de levar um tiro no peito.

- Ah, então ouviu o que estávamos dizendo?

- Ouvi - o Duque confirmou - Portanto, não me restava alternativa senão dizer que havia sido mandado por esse tal Philip, seja ele quem for.

A moça suspirou.

- Nunca nos envolvemos numa confusão como esta. Você é mesmo apenas um estranho? Se for, por que ajudou a carregar os barris até o porão? Por que tomou parte numa

operação que sabia ser ilegal?

- Certamente porque tenho uma aversão muito esquisita por pedaços de chumbo alojados no meu corpo. Quanto a você, não deve reclamar. Fiz a minha parte, embora a

tivesse achado desagradável e penosa. Por sinal, fui ferido quando estava ao seu serviço - O Duque ergueu a mão parcialmente enfaixada.

Os argumentos fizeram com que a moça abaixasse a pistola.

- O que faço com você? Afinal, ouviu demais e testemunhou coisas que comprometem toda a operação. Você poderá nos destruir.

- Pode aceitar minha palavra de honra que jamais revelarei a quem quer que seja o que vi e ouvi esta madrugada.

- Não posso confiar em ninguém. Especialmente em alguém como você.

- Como eu?! - A expressão do Duque era de perplexidade.

- Sim, como você, um gentleman, um janota da sociedade! São todos iguais! -

ela falou com ímpeto - Todos só pensam em dinheiro, dinheiro, em acumular bens para si

próprios, em coisas fúteis e em vaidade. Se eu deixá-lo sair daqui, você, certamente irá pensar em me chantagear.

- Minha aparência é a de um homem tão pobre que precisa extorquir dinheiro de alguém? - indagou o Duque, surpreso.

- Cavalheiros com fortuna não viajam sem a companhia de um cavalariaço. E, pensando bem, por que você estava cavalgando, no meio da noite, por estes ermos? Está com

problemas, Sir?

Os olhos do Duque brilharam.

- Talvez esteja. Se for o caso, você estaria disposta a me ajudar?

- Claro que não - respondeu a moça, irritada - Já tenho meus próprios problemas. Só quero saber o que faço com você. Mandá-lo embora talvez seja arriscado e também

não posso mantê-lo aqui.

- Não pode. Nana disse com todas as letras que não quer saber de malandros nesta propriedade. Sendo assim, você não tem escolha senão atirar em mim. Afinal, foi

seu primeiro impulso ao entrar nesta sala. Se estiver disposta a isto, acho melhor irmos para a praia, onde será mais fácil me matar e jogar o corpo no mar. Arrastar

até lá um cadáver do meu tamanho, será trabalhoso demais.

- Você é impossível! - esbravejou a moça, dando uns passos e colocando a pistola sobre a mesa - Está caçoando de mim e de toda esta situação!

- Não sei por que você está tão zangada nem por que está levando tão a sério este incidente - replicou o Duque - Asseguro que não represento ameaça alguma para

você

nem para as suas atividades ilegais. Permita-me agradecer pelo breakfast, transmita meus agradecimentos a Sra. Wheeldon por fazer o curativo na minha mão e, caso

seu cavalariaço tenha cuidado de meu cavalo, deixarei esta casa. Então você nunca mais voltará a me ver.

- Eu gostaria de ter certeza disso - volveu a moça - Qual é seu nome?

Por um instante o Duque hesitou, não queria revelar seu título. Deu então apenas seu nome, não faltando assim com a verdade.

- Ravel, Trydon Ravel, ao seu dispor.

- Trydon Ravel - a moça repetiu pensativa - Nunca ouvi esse nome antes. Naturalmente, você não é daqui.

- Não sou.

- E você disse que está com problemas. Presumo que não queira aparecer diante de autoridades.

- Correto.

- Sendo assim, creio que devo deixá-lo partir.

- Receio que não lhe reste alternativa. Antes de eu sair, você se importaria de me dizer seu nome?

Foi a vez de a moça hesitar.

- Acredito que não há mal nenhum em você saber meu nome. Sou Geórgia Baillie - ela revelou - Baillie é o sobrenome de meu marido.

- Você é casada? - o Duque surpreendeu-se.

Até o momento não lhe passara pela cabeça que ela tivesse um marido.

- Sim, sou casada.

- E seu marido permite que você lide com contrabando? Isso não é ocupação de uma mulher.

- Meu marido nada sabe sobre as minhas atividades - redarguiu Geórgia em tom cortante - Ele está no mar, na Marinha, e não veio a esta casa desde que nos casamos.

- Você acha que ele aprovaria o seu comportamento? - questionou o Duque em tom de censura - Tenho o maior respeito pelos oficiais da Marinha de Sua Majestade e não

posso imaginar que um deles permita que a própria esposa, principalmente sendo tão jovem, envolva-se com atividades ilegais e lide com homens perigosos como aqueles

que vi esta madrugada.

- Perigosos? - Geórgia riu - Nenhum daqueles homens é perigoso. Todos trabalham nesta propriedade e conheço-os desde que eu era bebê.

- Se é assim, por que você...

- Não faça mais perguntas! - Geórgia ergueu a mão de modo imperioso, indicando ao Duque que se calasse - Saia desta casa o mais depressa possível. Nem sei por que

estou conversando desta maneira com um estranho. Oh, por que apareceu aqui, para complicar tudo? Prometa pelo que considera mais sagrado que não dirá uma palavra,

a quem quer que seja sobre o que viu e ouviu esta madrugada.

A voz de Geórgia soou trêmula, nos grandes olhos azuis havia uma expressão de súplica. Ele estendeu a mão machucada e segurou a dela.

- Não tenha medo. Juro não revelar a ninguém o que vi e ouvi - prometeu em tom solene - Na verdade, já apaguei toda a cena de minha mente.

- Compreende que uma palavra impensada porá em risco a vida daqueles pobres homens? - Geórgia apertou a mão do Duque ao dizer isso - Uma só palavra os

levará para

a força ou o desterro. Você não quer ter semelhante peso na consciência, não é mesmo? Todos aqueles homens são decentes, trabalhadores e honestos, apenas a vida

tem sido difícil demais para eles.

- Acredito em você. Mas abandone esta vida - o Duque aconselhou - E loucura continuar com esta atividade ilegal. Vocês correm sérios riscos, mais cedo ou mais tarde

serão apanhados, pode ter certeza disso.

Num gesto brusco Geórgia puxou a mão e deu alguns passos para trás.

- Sei muito bem dos riscos que corremos. Não há, porém, nada a fazer, nada! Agora, vá! Aceitei sua palavra de honra e não acredito que você irá faltar com ela -

Geórgia virou o rosto e o Duque percebeu que ela tremia.

- Ouça Geórgia, deixe-me ajudá-la - ele falou brandamente - Não gosto sequer de pensar que está correndo riscos que raíam à loucura. Diga-me, por que faz isso?

Nem bem o Duque acabou de falar, Geórgia virou para dizer, severa,

- Não direi mais nada. O que faço não é da sua conta, Sir. E saiba que, na minha opinião, gentleman como você, todos eles, estejam com problemas ou não, só nos prejudicam.

Por favor, vá embora, mantenha sua palavra e esqueça que esteve nesta casa e tudo o que aconteceu desde que, infelizmente, apareceu nestas redondezas.

- Muito bem. Obrigado, Senhora pela hospitalidade.

Indo até a mesa, o Duque pegou o chapéu. Deixara-o ali ao entrar na sala. Olhou para Geórgia que continuava de pé, tensa e imóvel, e notou que ela estava ansiosa

para vê-lo pelas costas. De certa forma, aborrecia-o saber que alguém queria se livrar dele.

- Posso me despedir de Nana? Ou melhor, da Sra. Wheeldon? - ele corrigiu - É assim que ela prefere ser chamada.

- Não! Eu o acompanho até as cocheiras - Geórgia falou com firmeza - Não quero que o vejam. Vou indicar o melhor caminho para você alcançar a estrada sem passar

pela vila. Está indo para o Leste ou Oeste, Sir?

- Oeste. Presumo que em pouco tempo chegarei a Romney Marsh.

- Sua pressuposição está correta - assentiu Geórgia em tom glacial.

O Duque abriu a porta e ia saindo quando ouviu passos apressados. A Sra. Wheeldon apareceu no corredor. Vinha quase correndo na direção deles, ofegante e vermelha.

- Srta. Geórgia... Srta. Geórgia! - gritou - Eles estão chegando! Eu abri a porta para limpar o hall e os vi na alameda de entrada da casa. Conheci a carruagem com

os criados e sei que Sua Senhoria não deve estar muito atrás deles.

- Já estão na alameda, Nana? - Geórgia alarmou-se - Então... Não há tempo...

- Não há Srta. Geórgia - Nana interpôs - Eles não podem vê-lo aqui. Você sabe como os criados falam. Naqueles, então, não podemos confiar.

- E claro que não. O que devo fazer? - indagou Geórgia, muito agitada.

- Esconda-o até que escureça. Só à noitinha terá chance de mandá-lo embora.

- Sim... Mas... - Geórgia hesitou - Bem, o melhor lugar é o quarto secreto - Ela estendeu a mão para o Duque - Venha, depressa! Não há tempo a perder.

- O que está acontecendo? - o Duque perguntou confuso - Quem está chegando?

Não houve resposta. Quando deu por si ele já estava sendo puxado por Geórgia

ao longo do corredor, seguidos da Sra. Wheeldon. Os três passaram por uma porta que

estava aberta, atravessaram um amplo hall, quadrado, no qual havia uma grande lareira com o frontão e a cornija de mármore, e uma escada de carvalho, curva, com

lindos balaústres torneados.

Geórgia soltou a mão do Duque, foi para perto da lareira e tocou uma saliência da parede revestida de painéis de madeira, entalhados.

Subitamente, sem um clique sequer, um dos painéis abriu.

- Esta passagem secreta leva a um cômodo, no último andar, que foi no passado, no tempo da Rainha Elizabeth I, um esconderijo de religiosos perseguidos - Geórgia

explicou - Só Nana e eu sabemos que ele existe.

- Ainda não entendi por que vocês querem que eu me esconda - reclamou o Duque - Por que não dizem que sou um estranho que parou aqui apenas para saber qual o caminho

até Romney Marsh, por exemplo?

- Porque estranhos nunca aparecem por aqui - Geórgia respondeu - Os criados de minha madrastra ficarão desconfiados imediatamente. Todos eles são pessoas arrogantes

e insuportáveis. Não se preocupe. Eles ficarão aqui apenas um ou dois dias.

- Ora, por favor, não pretendo ficar preso num esconderijo durante dois dias - protestou o Duque.

- Claro que não o deixarei aí todo o tempo - acudiu Geórgia - Virei libertá-lo quando julgar que seja seguro. Talvez lá pela meia noite, vai depender de quanto tempo

os hóspedes ficarão acordados, jogando.

- Isto é um absurdo - o Duque começou.

A Sra. Wheeldon, que subira numa cadeira para poder olhar pela janela, interrompeu-o, gritando,

- Eles já atravessaram a ponte sobre o lago! Depressa, Srta. Geórgia, depressa!

- Por favor, Sir, faça o que peço - Geórgia insistiu.

O tom suplicante fez com que o Duque abaixasse a cabeça e atravessasse a abertura, entrando numa espécie de hall, enquanto o painel se fechava atrás dele.

- Vou subir - ele ouviu Geórgia dizendo, do outro lado - Quando eles chegarem diga que ainda não acordei. Isto é, caso perguntem por mim, o que é improvável.

- Não entendo por que eles decidiram vir tão cedo para cá - Nana resmungou - Devem ter saído de Londres de madrugada.

Depois disso, o Duque ouviu os passos das duas se afastando. Como ali estava escuro, ele permaneceu no lugar até acostumar, gradualmente, os olhos à escuridão. Notou

pouco depois uma tênue luz vinda do alto e deduziu que ali havia uma abertura para ventilação, escondida pela chaminé da lareira. Viu em seguida à sua frente um

lance de escada de madeira, bem estreita, e começou a subir os degraus lentamente.

Chegando ao segundo lance da escada ouviu a campainha da porta da frente tocando alto e insistentemente, como se uma pessoa a puxasse com força e repetidas vezes.

Com um sorriso, imaginou Nana demorando propositadamente para atender os criados de quem ela não gostava.

O Duque continuou subindo. No pequeno patamar do piso superior viu uma porta. Essa devia ser outra saída, ele supôs, mas não se deteve. Subiu vários degraus, alcançou

outro pequeno patamar, mais um ainda, até que, finalmente, a escada terminou diante de uma nova porta.

Ele abriu e viu-se num quartinho de teto baixo onde havia uma cama, uma mesa, cadeira e uma estante cheia de livros. A janela que iluminava o quarto abria sobre

o telhado. Apesar de pequena, iluminava e ventilava o cômodo o suficiente para torná-lo habitável, além de permitir uma excelente visão da entrada da casa e dos arredores.

Dali do alto o Duque viu um grande coche de viagem, parado. Outra carruagem surgiu na alameda de acesso a casa e não tardou a estacionar atrás do coche. Dela desceram

as criadas da madrastra de Geórgia. Vários criados usando librés verdes, enfeitadas com galões e botões prateados, descarregavam a bagagem empilhada na parte traseira

e no teto do primeiro veículo. Surpreso, o Duque contou doze criados.

Sua Senhoria viajava em grande estilo, ele pensou, não deixando de conjecturar como seria o entourage da dona da casa quando ela, por fim, aparecesse.

Outra questão insinuou-se na mente do Duque, enquanto ele continuou espiando pela acanhada janela, Por que esta casa ficava apenas aos cuidados de Nana e Geórgia,

se Sua Senhoria tinha tantos criados em Londres?

Afastando da janela, ele sentou na cama e começou a rir. Nunca na vida, nem mesmo em seus devaneios mais loucos, ele se imaginara vivendo uma aventura como a presente.

E tudo porque uma mocinha ambiciosa deitara na sua cama, com a esperança de assim forçá-lo a desposá-la.

“Para o inferno todas as mulheres!”, o Duque exclamou, lembrando no mesmo instante que, por causa de outra mulher, achava-se na presente situação, por sinal

nada

confortável.

Pelo menos, pensou aliviado, Geórgia era casada e ele não corria o risco de se envolver com ela. Além disso, trajava como homem, o que não o agradava. Entretanto,

considerou, usando vestido Geórgia parecera frágil e mesmo patética.

“Que pensamentos ridículos estou tendo”, censurou-se.

Bem, sua fuga levava-o a viver uma experiência extraordinária que no futuro, sem dúvida, provocaria o riso toda vez que se lembrasse dela. O cansaço do trabalho

exaustivo e a noite sem dormir cobraram seu tributo, o Duque sentiu as pálpebras pesadas e a necessidade de um sono reparador.

Levantou, tirou o paletó, notando ao fazer isso que estava sujo e esgarçado nos ombros por causa dos barris. Teria de encomendar a Weston, o alfaiate dele e de Peregrine,

um paletó novo para o amigo. Desamarrou a gravata e atirou na cadeira.

Deitou sem descalçar as botas, achando que seria esforço demais, uma vez que não tinha o valete para ajudá-lo. Acomodou confortavelmente na cama, ajeitou o travesseiro

a seu gosto e relaxou. Seu último pensamento antes de mergulhar num sono tranquilo, sem sonhos, foi o de que Nana e Geórgia não se esquecessem de trazer as refeições.

O rangido da porta se abrindo despertou-o. Por um momento o Duque ficou sem saber onde se encontrava. Ao ver Geórgia entrando no quarto com uma cesta, se lembrou

de tudo.

- Vim eu mesma trazer o almoço - disse ela - Esses lances de escada deixam

Nana sem ar. Além disso, a pobre está na cozinha brigando com o chef e seus ajudantes

que, segundo ela, fazem a maior confusão. Nana detesta os criados vindos de Londres. Acha-os piores do que os soldados de Napoleão. De fato, ela os vê como invasores.

Ocorreu ao Duque que Geórgia falava daquele modo, sobre coisas que não o interessavam, porque se sentia embaraçada de estar ali sozinha com um homem.

- Desculpe-me por estar desarrumado - O Duque sentou na cama, levantou em seguida e pegou a gravata que deixara sobre a cadeira - Eu estava exausto e adormeci. Você

tem noção das horas?

- Já passa um pouco das duas. Eu não trouxe o almoço mais cedo porque Nana quis preparar uma torta de pombos para você.

- Quanta gentileza. Obrigado. Estou faminto.

Geórgia colocou a cesta sobre a cadeira e foi arrumando na mesa a torta, um pão caseiro ainda quente, manteiga, fatias de presunto e uma tigela com morangos.

- Estão fresquinhos - avisou - Colhi esta manhã, na horta. De nada adiantaria eu pedir para nosso jardineiro que os colhesse. Ele detesta minha madrasta e se

trancou em casa com a família.

Tendo amarrado a gravata, o Duque foi pegar o paletó, mas Geórgia observou,

- Coma em mangas de camisa. Estou acostumada a ver Charles se sentar à mesa sem o paletó.

- Charles é seu marido?

- Não, Charles é meu irmão. Ele é oficial da Marinha e serve sob o comando do almirante Collingwood.

- Seu irmão, certamente, fica longe de casa por muito tempo. Você deve sentir muita saudade dele e não vê a hora de ele vir para casa, não? - o Duque falou em tom

descuidado, mais para dizer alguma coisa.

Surpreso, ele notou uma sombra nos olhos de Geórgia.

- Impossível. Charles não virá para casa - Como se quisesse mudar de assunto, ela falou em outro tom - Reconheço que foi um erro eu escondê-lo aqui. Os criados já

devem ter informado minha madrastra que havia um homem na casa quando eles chegaram. Ela me fará perguntas e se descobrir que você participou do descarregamento do

barco ficará furiosa.

- Então ela sabe de suas atividades de contrabando? - perguntou o Duque, cortando a torta e sentindo imediatamente um aroma delicioso.

- Sabe.

Havia só uma cadeira no quarto e Geórgia sentou na borda da cama estreita. Estava pálida, tinha os cabelos em desalinho e parecia tão cansada e aborrecida que o

Duque sentiu pena dela.

- Nana é uma cozinheira notável - ele comentou despreocupadamente ao saborear a torta, pensando em distrair Geórgia.

- Para ninguém desconfiar, Nana disse na cozinha que estava preparando a refeição para uma família pobre da vila, onde há pessoas doentes. Não fosse assim os criados

iriam estranhar que ela preparasse uma torta tão grande só para nós duas - Geórgia suspirou e acrescentou como se falasse consigo mesma - Mentiras, mentiras! A vida

parece cercada de pouca coisa mais que mentiras e falsidades.

Sem ter idéia do que dizer, o Duque continuou comendo em silêncio. Pouco depois, parecendo arrependida do desabafo, Geórgia tirou da cesta uma garrafa de cristal,

um copo e colocou-os na mesa à frente do Duque.

- Nana afirmou que você gostaria de tomar um pouco de brandy.

- Nana acertou.

O Duque sorriu, serviu-se da bebida, provou-a e reconheceu que era um conhaque francês da melhor qualidade, muito superior a qualquer outro que ele já havia experimentado.

Em voz alta opinou,

- Esta é uma bebida excelente. Seu fornecedor, seja ele quem for, tem um gosto excepcional quando se trata deste tipo de destilado.

- Não caçoe de mim - Geórgia rogou - Você sabe muito bem de onde veio a bebida. Como era a mais cara, deduzi que devia ser de qualidade superior à que trazemos regularmente.

- Imagino que você seja uma mulher muito forte para exercer uma atividade como a sua. Sei que, naturalmente, não é você quem rema o barco, mas para suportar duas

travessias do canal em doze horas, é preciso ter considerável resistência física.

- Por vezes é extenuante - Geórgia confirmou - Mas tenho o cuidado de navegar só quando o mar está sereno. Nossos homens não são marinheiros e enjoam mesmo com ondas

leves.

- Por que não me fala sobre tais viagens?

Mal acabou de fazer a pergunta o Duque reconheceu que cometera um grande

erro. Geórgia ficou de pé imediatamente e protestou, zangada,

- Não, não! Oh, não entendo por que falo com você desta maneira. Suponho que é porque ninguém vem a esta casa e não tenho com quem conversar. Se menciono tais assuntos

a Nana, ela se ofende e até ralha comigo. Ela odeia a idéia de me ver envolvida com tudo isto e sofre quando parto para uma dessas viagens.

- A preocupação de Nana é perfeitamente compreensível. Ela gosta de você e receia que algum mal aconteça - assinalou o Duque - Não entendo por que seu marido...

- Eu já disse que meu marido não está a par de nada!

- Se a sua madrasta sabe de tudo, por que permite que você se arrisque desta forma?

- Nada mais tenho a dizer - Geórgia rebateu - Quero deixar bem claro, Sr. Ravel, que quanto antes deixar esta casa, melhor. Já admiti que cometi um erro escondendo-o

aqui. Você deve partir esta noite, assim que eu julgar que não corre perigo. Compreendeu?

- Obedecerei a suas ordens. Agradeça a Nana pela torta e diga que apreciei demais o brandy, independentemente de sua origem.

A intenção do Duque era provocar Geórgia e teve sucesso. Ela virou de repente e desapareceu sem dizer uma palavra. Ao ouvir os passos dela descendo a escada devagar,

o Duque riu. Serviu-se de mais um pouco de brandy e refletiu que a garota era geniosa. Iria dizer isso a ela na primeira oportunidade.

Não invejava o marido de uma jovem assim. Quando ele voltasse do mar, iria ter dificuldade de controlá-la e de mostrar que era o senhor da própria casa!

O som vindo lá de baixo levou o Duque até a janela. Era o barulho de uma buzina tocando alto e insistentemente. Ele viu chegando à frente da casa um

coche magnífico,

puxado por seis soberbos cavalos perfeitamente emparelhados. Os arreios de prata brilhavam ao sol.

Na boléia estavam dois cocheiros, empertigados, com seus casacos com botões e galões prateados e chapéus altos, de pêlo de castor. Quatro batedores usando o mesmo

uniforme verde dos criados que haviam chegado pela manhã, precediam a elegante e luxuosa carruagem.

Por mais que curvasse a cabeça para ver quem acabava de chegar com todo aquele aparato, não conseguiu. O coche havia parado muito perto dos degraus de entrada da

casa e o beiral do telhado atrapalhava a visão.

Mais ao longe, no caminho de acesso a casa o Duque viu dois outros coches e um faetonte. Este último era conduzido por um cavalheiro que usava o chapéu meio de lado

e manjava as rédeas com a destreza e a confiança de um desportista. O Duque quase sentiu inveja daquelas pessoas. Iria haver uma festa lá embaixo e ele não iria

tomar parte nela.

Por outro lado, tinha curiosidade de ver aquelas pessoas e saber quem era. Ficou aborrecido ao lembrar que não havia sequer perguntado o nome da madrastra de Geórgia.

“Talvez eu a conheça”, pensou. “O que poderá acontecer se eu juntar-me aos convidados de Sua Senhoria?”

Afastou o pensamento, reconhecendo que não poderia trair a confiança de Geórgia. Não. Teria de ficar no escuro e esquecer toda aquela seqüência de estranhos e fantásticos

acontecimentos. “Infernos!”, resmungou irritado, sentando novamente na cama.

“Não me perdoarei pelo resto da vida se não souber a verdade sobre estes insólitos acontecimentos.”

CAPÍTULO III

Para o Duque a tarde passou com aflitiva lentidão. Tentou se distrair lendo algum dos livros que enchiam a estante, mas constatou que eram todos religiosos e muito

antigos. Foi diversas vezes à janela e admirou o sol se refletindo no lago, a ramagem das árvores balançando ao sabor da brisa e bandos de patos selvagens voando

bem alto, formando círculos contra o azul do céu.

Ele ansiava por ação e, acima de tudo, queria sair dali. Achava desalentador ficar preso naquele quatinho, sem ter idéia do que acontecia lá embaixo. Só podia imaginar

que a casa vibrava de atividade.

Na parede havia um armário embutido e o Duque abriu-o. Encontrou nas prateleiras uma miscelânea de objetos, entre eles uma bacia de estanho, copos de cristal colorido,

um isqueiro de mesa, uma caixinha de costura e, no fundo, uma boneca de pano.

O pensamento de que Geórgia usava com certa regularidade aquele quarto como esconderijo provocou o riso do Duque. Claro, sendo contrabandista, ela precisava de um

cômodo secreto para se esconder ou esconder alguém. Ele notara que não havia pó acumulado nos móveis nem no chão, a roupa de cama estava limpa e cheirando a lavanda

e a mesa estava coberta por uma toalha engomada, toda trabalhada com bainhas.

Caso ela usasse aquele cômodo para se esconder, de quem e por que se esconderia? Geórgia Baillie também lhe parecera amedrontada. De quem uma mulher tão corajosa

teria medo, a não ser da polícia marítima e dos agentes do fisco?

As perguntas ficaram na mente do Duque, importunando-o. Não acreditava que Geórgia se escondia ali com medo de ser presa. Ao que tudo indicava, ela e os homens de

sua quadrilha nunca despertaram a suspeita da guarda costeira.

Que ela se escondesse ali quando criança para fugir de aulas ou por travessura era compreensível. Entretanto, o Duque havia notado na expressão dela medo de alguma

coisa.

Ele deitou na cama por ser mais confortável, tentou organizar a mente e analisar tudo o que acontecera desde a madrugada e o que observara. De nada adiantou. A tarde

chegou ao fim e ele se viu ainda completamente confuso e intrigado.

Tirou o relógio do bolso do colete e verificou que eram seis horas. Aborrecido, tentou imaginar quantas horas ainda teria de esperar para sair do esconderijo, ir até as cocheiras, selar seu cavalo e afastar-se dali.

Um ruído leve, porém distinto, vindo da escada, fez com que ele ficasse de pé imediatamente. Por fim alguma coisa acontecia. Foi para a porta, abriu-a, ansioso,

esperando ver Geórgia. Mas, no pequeno patamar estava Nana ofegante, carregando a mesma cesta na qual Geórgia trouxera o almoço.

- Seu jantar, Sir - ela falou baixinho - Lamento, mas não pude trazer tudo o que eu desejava, porque aqueles criados intrometidos e desconfiados tomaram conta da

minha cozinha e controlam os meus movimentos.

- Entre - convidou o Duque - Quero conversar com você.

- Não posso Sir, eles devem estar perguntando por mim. Já me arrisquei demais vindo até aqui.

- Compreendo. Muito obrigado pela comida.

Ele olhou para a cesta, mas estava escuro demais para ver o que continha.

- Trouxe pernil e um bom pedaço de queijo. Peço desculpas, Sir. Sei muito bem o que se deve servir a um gentleman. Eu não estaria a vida toda a serviço de uma família

aristocrática se não soubesse disso.

- Este gentleman não é exigente - tornou o Duque com um sorriso.

- Deixei um pequeno balde com água quente lá embaixo, perto da porta secreta - Nana avisou - Depois você pode ir buscá-lo. Não me arrisquei a subir aquela escada

perigosa e vim pela dos fundos, tendo antes me certificado de que não havia ninguém por perto.

- Obrigado. Receio que eu também precise me barbear.

- Ah, sim, pensei nisso. Encontrará uma das navalhas de Sir Charles no estojo, dentro da cesta. E aqui do lado, na alça, está uma gravata limpa.

- Você pensa em tudo - louvou o Duque - Geórgia, ou melhor, dizendo, a Sra. Baillie, tem sorte de poder contar com você.

- A Srta. Geórgia, como sempre a chamo, pois acho forçado chamá-la pelo sobrenome de casada, é tudo o que tenho na vida. Amo-a como se fosse minha filha - declarou

Nana.

- Repito que ela é uma jovem de muita sorte - O Duque sorriu.

- Bem, não posso fazer muito por ela, visto como está a situação - Nana falou em voz baixa - Tudo era diferente quando Sir Hector vivia.

- Sir Hector? Quem era ele? - indagou o Duque.

- Sir Hector Grazebrook, pai da Srta. Geórgia era um nobre rural educado, correto - Nana explicou - E agora... estas atividades... Só Deus sabe o que ele pensaria

a respeito disto tudo se não estivesse debaixo da terra.

Como se percebesse que havia falado demais, Nana acrescentou em outro tom,

- A Srta. Geórgia mandou dizer que virá buscá-lo, Sir, assim que julgar seguro. Por favor, esteja pronto por volta da meia noite.

- Estarei pronto - o Duque tranqüilizou-a - Só receio partir deixando vocês em tal confusão.

- Confusão... Esta é a palavra certa, Sir. Lamento vê-lo partir, sei que você é um homem bem nascido, um aristocrata, mesmo estando com problemas.

- Meus problemas são fáceis de resolver.

- Alegra-me ouvir isso. Eu gostaria de dizer o mesmo dos problemas da Srta. Geórgia. Oh, tenho tanto medo por ela! - a voz de Nana tremeu, como se ela estivesse

mesmo aterrorizada.

- Convença-a, Nana, a abandonar estas operações e a deixar de correr riscos insensatos. O que faz não é trabalho para uma mulher, especialmente bem nascida e delicada

como ela é.

- Você acha que já não me cansei de dar conselhos? Infelizmente há razões, que não posso revelar que impelem a Srta. Geórgia a se comportar desta maneira. Tudo o

que me pergunto é quando tudo terminará - Nana suspirou, foi quase um gemido - Rezo com as forças do meu coração para que aconteça alguma coisa que nos salve.

O Duque ia responder, mas Nana colocou a mão no braço dele para pedir silêncio.

- Há alguém por perto - sussurrou.

Mesmo apurando os ouvidos, o Duque não escutou barulho nenhuma. Nana aguardou um pouco, depois tocou uma saliência no painel que revestia as paredes do pequeno patamar

e uma porta estreita se abriu. Nana passou por ela e desapareceu.

A parte do painel voltou ao lugar e o Duque aguardou alguns minutos para tentar, por sua vez, abrir a porta secreta. Cuidadosamente tateou o painel até sentir sob

os dedos uma lingüeta. Empurrou-a e uma parte do painel se afastou, revelando a mesma abertura estreita por onde Nana passara havia pouco.

O Duque viu um corredor e teve certeza de que naquela ala ficavam os quartos dos criados. Imensamente aliviado, compreendeu que, afinal, não era obrigado a ficar

ali, prisioneiro da Sra. Baillie. Por aquela passagem e aquele corredor poderia sair do esconderijo quando desejasse.

Fez o painel voltar ao lugar, entrou no quarto, pegou a cesta que deixara no chão e levou-a para a mesa. Tirou de dentro dela as fatias de pernil, o pedaço de queijo,

um pão quentinho e manteiga. A um canto estava um estojo de couro com a navalha, bem embrulhado para não engordurar.

Antes de comer decidiu descer pela escadinha secreta até o andar térreo para pegar o balde com água quente.

Estava muito escuro e ele desceu cada degrau com cuidado. De repente

sobressaltou-se ao ouvir uma voz feminina dizendo,

- Oh, sim, você fará o que estou ordenando! Não discuta!

- Impossível! Você não compreende que fizemos a travessia ontem à noite e não podemos voltar lá novamente?

Esta segunda voz, o Duque reconheceu, era de Geórgia.

- E daí? É muito importante que vocês tragam para a Inglaterra o cavaleiro que estará à espera do barco, no lugar de sempre.

- Não gosto de carregar passageiros - Geórgia replicou, zangada.

- Não me interessa se você gosta ou não, Srta. Altiva-Todo-Poderosa - uma voz ríspida respondeu - Ninguém melhor do que você para trazer o cavaleiro para cá. Você

sabe tudo sobre transporte ilegal de carga nesta região e conhece o Canal como ninguém.

- Você acha que me orgulho desses conhecimentos? E você quem me obriga a tais atividades - Geórgia acusou a outra mulher, furiosa - As viagens se tornam cada vez

mais arriscadas e você cada vez mais ambiciosa. A última carga não bastou? Posso afirmar que foi valiosíssima. Você já é rica e se empregar bem o dinheiro apurado,

terá tranqüilidade financeira por muito tempo.

- Você só pode ter cérebro de passarinho para dizer tamanha tolice. Acha, então, que essas ninharias bastam para me manter com conforto? Ora, cada carga mal dá para

pagar as velas que iluminam a minha mansão! - A voz agora soou bem sarcástica.

O Duque deduziu que a pessoa com quem Geórgia conversava era a madrasta.

- Enquanto você fala com todo esse desdém e esbanja dinheiro, os homens que trabalham nesta propriedade arriscam a vida e a liberdade toda vez que deixam estas praias.

Você tem idéia do que é ser caçado? Pode avaliar o que sentimos, sabendo que em algum lugar, na escuridão, há armas prontas para atirar? Por acaso ignora que o fisco

está cada vez mais severo e tem barcos rápidos, bem armados, patrulhando o mar, e agentes vigilantes, em terra? - Geórgia enumerou.

- Como você tem jeito para dramatizar, minha garota! Tente obter um papel no teatro de Cheltenham, pois fará sucesso - replicou a mesma voz sarcástica - E agora,

pare de argumentar! O cavalheiro que vocês devem trazer para cá é muito importante. Asseguro que vale bem mais do que a melhor carga de brandy ou de chá.

- Quer dizer que ele pagará pela viagem? - Geórgia indagou.

A madrastra riu.

- Oh, Senhor! Como você é ingênua! E claro que pagará! Passou pela sua mente que eu me empenharia desta forma se não fosse para obter um belo lucro?

- Não vejo empenho nenhum de sua parte - rebateu Geórgia. Sou eu e a tripulação quem nos arriscamos. Os homens me obedecem porque sempre serviram a papai.

- Eles obedecem porque são pagos para isso - corrigiu a madrastra - Se não fizerem o que lhes ordeno, morrerão de fome. Quanto a você, trate de não reclamar! Traga

o cavalheiro e mais cargas. Este é o momento de lucrarmos, admito que as colheitas tenham sido bem gordas!

- E bom saber que você está satisfeita - retorquiu Geórgia, desdenhosa - Se tem tido lucro, por que não paga bem nossa tripulação? Saiba que de todos os contrabandistas

da costa da Inglaterra é você quem paga menos aos que a servem.

- Se eles estão insatisfeitos, que se queixem aos guardas ou, quem sabe, a Sua Majestade. Já imaginou como seria interessante uma petição nos seguintes termos, “Nós.

contrabandistas da fazenda Four Winds solicitamos a intervenção de Vossa Majestade para que passemos a receber uma remuneração melhor pelo árduo trabalho que exercemos

na atividade ilegal?”

- Chega! - Geórgia gritou exaltada - Você caçoa desses homens e os menospreza, mas esquece que eles eram camponeses honestos e decentes. Aderiram ao contrabando

vendo nisso, em princípio, uma aventura e um meio de ganhar grandes recompensas, pois era o que ouviam dizer sobre as operações de outros grupos.

- Por acaso você lembra o que aconteceu com alguns bandos? Lembra? - a madrastra indagou, a voz ameaçadora.

Fez-se silêncio. Por fim, com voz sumida, parecendo derrotada, Geórgia respondeu,

- Direi aos homens que atravessaremos o canal amanhã à noite. Qual o nome do cavaleiro que devemos trazer para cá?

- Ah, assim é melhor! Muito melhor! Eu tinha certeza de que havia um pouco de sensatez na sua cabecinha. Afinal de contas, você sabe que apenas uma palavra minha,

em certos altos círculos, faria tremendo mal, não é mesmo? Bastaria uma insinuação... Um sinal de suspeita...

- Quer ficar calada? - Geórgia ordenou em tom ríspido, quase fora de si - Eu já disse que irei. Avisarei os homens imediatamente. Eles podem sair logo cedo para

o mercado e não voltarão a tempo de fazer a viagem. Mas você ainda não

revelou o nome do cavalheiro que estará à nossa espera.

- Isso não é da sua conta.

- Esse passageiro é francês?

- Claro. Como você fala francês muito bem, saberá conversar com ele - A madrasta fez uma pausa, depois acrescentou - Mas apenas o bastante para se mostrar gentil.

Nada de muita prosa.

- O que ele vem fazer na Inglaterra? Preciso saber alguma coisa sobre esse homem - Geórgia alegou - Sou contrabandista, mas não traidora. Como posso ter certeza

de que não estarei trazendo um espião para meu país?

- Ora, ora, garota medrosa, você nunca terá certeza de nada. E quanto menos souber, melhor. Cansa-me esta sua decantada honestidade - reclamou a madrasta - Cuide

de trazer o cavalheiro com toda segurança, trate-o com respeito e assim que ele puser os pés neste país, esqueça que ele existiu. Ou seja, aja da mesma forma que

já agiu antes.

- Não gosto disso, nem um pouco. Eu já disse a você que trazer pessoas no barco não me agrada - Geórgia murmurou.

- E eu já lhe disse para me obedecer sem discutir - retrucou a madrasta.

Houve uma súbita pausa. O Duque imaginou as duas mulheres se defrontando, seus olhares se encontrando. Em tom mais cordial, a madrasta disse, pouco depois,

- Você pode se tornar atraente se quiser. Use um dos meus vestidos. Receberei pessoas importantes esta noite. Lorde Ravenscroft a admirou quando a conheceu, no ano

passado. Ele gosta de jovens puras, que lembram uma rosa entreaberta, ainda orvalhada.

- Você esquece que agora sou uma mulher casada - Geórgia objetou - Quando eu era uma garota, você me apresentava àqueles homens depravados, repugnantes e maliciosos.

Mas agora não mais desperto o interesse deles. Como você acabou de dizer, aquele seu amigo gosta de jovens inocentes e intocadas e eu sou agora a Sra. Baillie, com

uma aliança no dedo. Não sou mais atraente.

Uma risada ecoou pelo cômodo.

- Você é mesmo tola se pensa que uma aliança faz grande diferença. Na verdade, ocorre o contrário. Os homens acham mais fácil ter romances com mulheres casadas.

Eles fogem das solteiras, com medo de acabarem diante do altar. Se você descer para o salão esta noite, poderá constatar que um pêsego madurinho é mais doce do

que um ainda verdolengo.

- Ora, você me escandaliza e enoja - Geórgia falou devagar, frisando as palavras - Chorei muito quando papai casou com você e detestei vê-la no lugar de mamãe. Ela

era bondosa e decente. Quanto a você, envergonho-me de vê-la nesta casa. Você nada mais é do que uma... p... prostituta.

Ouviu-se um grito de raiva e o som de um tapa.

- Como ousa falar assim comigo?! Saia daqui, atrevida! Desapareça antes que eu pegue o chicote e lhe dê uma surra. Obedeça-me ou já sabe, acabará balançando a ponta

de uma corda! Na forca!

A porta bateu com estrondo antes que as últimas palavras tivessem sido proferidas. O Duque soube que Geórgia havia saído daquele cômodo, certamente o quarto da madrastra.

Com ligeiro sentimento de culpa, ele reconheceu que estivera ouvindo a conversa alheia às escondidas. Enfim, o que ouvira esclarecera muitas das perguntas que já

fizera a si mesmo.

Ele acabou de descer cuidadosamente a escada e chegou ao andar térreo. Tateou na escuridão e tocou no balde com água quente. Do lado do balde estava uma toalha de

banho enrolada. Quando ele pegou a toalha percebeu que algo escorregou fazendo um ruído característico. Prendeu a respiração e aguardou, receando que alguém, do

outro lado, pudesse ter ouvido aquele som, embora leve. Tudo continuou em silêncio, ele tateou novamente ao redor do balde e encontrou um sabonete e duas velas de

sebo.

Antes de subir os lances de escada para voltar ao quarto, o Duque hesitou por um momento. Precisava encontrar a saliência que acionava o mecanismo da porta por onde

ele havia entrado naquele esconderijo. Tateou nas paredes e era pouco tempo encontrou uma pequena lingüeta. Era do mesmo tipo da que havia no último andar.

Provavelmente havia também, no primeiro andar, outra porta secreta que se abria para o quarto principal da casa, agora ocupado pela madrastra de Geórgia. Fora naquele

andar que ele ouvira a conversa entre as duas. Se houvesse a tal porta, pensou com um sorriso, ele poderia entrar naquele aposento.

Pegando o balde de água quente e os outros objetos, ele carregou para o

quartinho do último andar. Fechou a porta, tirou a bacia de estanho que encontrara no armário,

lavou e, depois se barbeou usando a água que estava pouco mais que morna.

Diante do espelho com moldura dourada que pendia de uma das paredes, o Duque amarrou a gravata limpa e bem engomada. Era fora de moda para um cavalheiro elegante

acostumado às gravatas em estilo “cascata”, porém, ele se julgou apresentável.

Sentou-se à mesa, mas não sentia fome. O impacto de saber que a madrastra de Geórgia a obrigava a fazer contrabando e a forçava a buscar um passageiro na noite seguinte

o deixara sem apetite.

Já era péssimo para a Grã-Bretanha os ingleses suprirem Napoleão Bonaparte de ouro. O imperador se vangloriava de que os guinéus ingleses, que vinham pelo canal

da Mancha ajudavam-no tanto a vestir como a armar seus soldados.

Porém, trazer espões franceses para a Inglaterra era assunto muito mais sério. Ninguém ignorava que já havia espões no país. Muitos deles eram imigrantes franceses

que se livraram da guilhotina durante a revolução, refugiando-se na Inglaterra. Eles permaneciam leais à França, independentemente das mudanças de governo, e não

sentiam obrigação alguma para com o país que lhes dera abrigo.

Se tais espões já causavam grande apreensão, trazer clandestinamente novos agentes franceses para a Inglaterra era alarmante.

Se a madrastra de Geórgia estava sendo muitíssimo bem paga, como ela dissera, o homem devia ser importante, pelo menos para àqueles que o estavam mandando e, sem

dúvida, representava um perigo para a Inglaterra.

Mesmo não tendo comido metade do que Nana trouxera, o Duque deixou de lado a faca e o garfo. Tamborilou os dedos sobre a mesa e continuou com suas reflexões. Via-se

numa situação delicada e muito embaraçosa. Sendo um nobre a serviço de Sua Majestade e membro da Câmara dos Lordes, seu dever era tomar as providências para que

esse francês e todos os que contribuíssem para sua entrada no país fossem presos imediatamente.

Por outro lado, ele não se perdoaria se fosse o responsável pela prisão ou o degredo de uma jovem que o tratara bem e dera hospitalidade.

Horas mais tarde, ele ainda refletia sobre a sua situação. Decidiu, por fim, que sua única saída era tentar persuadir Geórgia a não fazer a viagem na noite seguinte.

Entretanto, teve o desagradável pressentimento de que isso seria impossível. Ela não ousaria desobedecer a madrastra. Esta chantageava a enteada e a ameaçava certamente

porque sabia de alguma coisa contra ela. Um segredo. Que segredo era esse ele precisava descobrir.

Depois de ter ouvido a conversa entre enteada e madrastra, o Duque se sentiu aliviado. Pelo menos agora sabia que Geórgia não era como ele havia pensado em princípio,

uma mulher dura, intratável e masculinizada que contrabandeava por ambição e pelo gosto de aventuras e emoções.

Aos poucos, ele via as peças de um quebra-cabeça se juntando, formando um desenho. Havia, no entanto, vários espaços vazios que precisavam ser preenchidos para ele

ver o desenho completo.

A noite parecia arrastar. O Duque comeu mais um pedaço do queijo e terminou de beber o brandy que Geórgia trouxera na hora do almoço. Ainda faltava muito para sair

dali e ele resolveu descer novamente. Era melhor do que ficar trancado sem fazer nada.

Desceu pela escada secreta e, ao chegar ao primeiro andar, parou e apurou os ouvidos. Como tudo estava em silêncio, pensou em abrir a porta que vira ali quando subira

a escada pela manhã. Agora não duvidava que se abria para o quarto principal da casa. Resistiu ao impulso e continuou a descer.

Ouviu o som animado de vozes e parou. A escada fazia uma curva e o Duque notou uma tênue claridade na parede, perto de um dos degraus. Sentou e tentou espiar pela

frestazinha, mas era impossível ver alguma coisa. Esfregou a parede e algo se moveu um pouco. Ele acabou de erguer o pequeno quadrado de madeira semelhante à tampa

de uma caixa e viu uma abertura medindo cerca de cinco centímetros de lado.

Acomodou-se melhor para poder olhar pela abertura e constatou que o cômodo do outro lado era o salão de recepções da casa. A pequena abertura nada mais era do que

um orifício de observação tão comum em palácios e casas ancestrais, e ficava no alto de uma das paredes.

O Duque teve certeza de que a abertura não podia vista por quem estivesse no salão. Naturalmente estava camuflada por alguma decoração da parede, talvez um painel

ou uma moldura de gesso ou madeira, bem trabalhada.

Logo abaixo do local onde ele se achava, sentados em sofás e poltronas revestidos de damasco ou agrupados ao redor de mesas de jogo, estavam os hóspedes da casa.

Pelo barulho, o tom agudo das vozes das mulheres e a voz arrastada dos homens, o Duque deduziu que todos haviam jantado muito bem e bebido em excesso.

Lacaios ainda andavam pelo salão oferecendo aos cavalheiros brandy em garrafas e copos de cristal. As mulheres, refulgentes de jóias, vestidas com exagero, usando

amplos decotes e saias escandalosamente transparentes, tinham na mão um copo de vinho.

Por um momento, o Duque correu os olhos pelas pessoas, esperando encontrar um rosto conhecido.

Viu uma mulher, que estava de costas para ele, ir até uma das mesas de jogo, dar um beijo na testa de um dos cavalheiros e virar para fazer sinal a um dos lacaios.

Teve certeza de que era a anfitriã. Ao reconhecê-la, o Duque, a custo, conteve uma exclamação de surpresa.

“Caroline Standish! Por tudo o que é sagrado, ela é a última pessoa que eu esperava ver aqui!”

Caroline estava, sem sombra de dúvida, fantástica. Seu vestido em estilo diretório, tão em moda na corte de Napoleão, fora confeccionado em renda prateada rebordada

com rubis. Fitas cor de rubi, de seda tecida em Lyon, cobriam os seios e caíam em cascata sobre a saia, quase transparente, até as sandálias de cetim.

Os enormes rubis de um colar deslumbrante faiscavam à luz das centenas de velas dos lustres de cristal. A expressão do Duque tornou-se feroz ao lembrar quanto

aquele colar havia custado!

O Duque parecia estar ouvindo Caroline sussurrando ao seu ouvido,

- Oh, é um colar lindíssimo! Compre-o para mim, Trydon. Saberei recompensá-lo de mil maneiras deliciosas e inesquecíveis.

Tendo os braços dela, tão suaves, ao redor do seu pescoço, embriagado pelo perfume exótico, que ela usava e sentindo os lábios sensuais roçando os seus, Trydon cederá

tolamente.

Naquela época, ele era ingênuo e Caroline a mulher mais enaltecida pelos dândis de St. James's. Quando aceitara ficar sob sua proteção, desprezando tantos outros

pretendentes mais ricos e importantes, Trydon se sentira glorioso.

O romance de ambos, fora breve, porém louco e ardente. Tendo dez anos a mais do que Trydon, Caroline era uma amante arrebatada, sedutora e experiente na profissão

mais antiga do mundo. Os dois se separaram quando Trydon partiu com seu regimento para lutar em Portugal. Estava mais apaixonado do que nunca, embora soubesse que

Caroline não lhe seria fiel.

O navio que conduzia as tropas parou em Southampton por causa do mau tempo e Trydon voltou depressa a Londres, ansioso para ver Caroline. Encontrou-a sendo consolada

por Lorde Ravenscroft, o homem que ele mais detestava.

Houve entre os três uma cena barulhenta, vulgar e embaraçosa quando Ravenscroft expulsou-o da casa de Caroline. Trydon alegou em tom desafiador que tinha mais direito

de estar ali do que Sua Senhoria. Caroline então mostrou quem era realmente, também ordenou a Trydon que fosse embora e a deixasse em paz.

Só então ele compreendeu que a ex-amante queria ficar com o novo protetor, mais rico e mais influente, pois ele era apenas Trydon Ravel, ainda não havia herdado

o título de Duque..

Ali no escuro, o Duque ainda podia recordar dolorosamente a cena em que Caroline gritava para ele sair. Ela chegou a puxá-lo pelo braço, impaciente, dizendo palavras

duras, fulminantes, colocou-o para fora da casa.

Na calçada, ele amaldiçoou Ravenscroft e Caroline. Seu ódio por eles era tão violento que o fez sentir mal, doente mesmo. Os anos de disciplina no Exército ajudaram

a se controlar para não quebrar as vidraças, entrar na casa e desafiar Ravenscroft, um homem muito mais velho, para um duelo.

“Os jovens são tão vulneráveis!”, o Duque refletiu, deixando de lado suas lembranças e voltando ao presente.

Mas a verdade era que Caroline o havia ferido profundamente e ele carregaria para sempre as cicatrizes destas feridas. Continuando a espiar pela abertura, certamente

feito por algum padre jesuíta perseguido no tempo da rainha Elizabeth I, o Duque analisou calma e desapaixadamente a mulher por quem ele, quando mais jovem, dedicara

uma devoção ardente e ingênua.

Caroline ainda era muito bonita e ofuscava todas as outras mulheres do salão. A vida desregrada, porém, era responsável por aquelas rugas ao redor da boca e dos

olhos que nem a maquiagem disfarçava. E as mãos, antes tão alvas e macias agora pareciam garras. Caroline também continuava alegre, espirituosa, divertida e naquele

momento devia estar dizendo alguma coisa interessante e engraçada para os homens sentados à mesa de jogo, pois eles riam.

Desviando a atenção da ex-amante, o Duque continuou olhando as mulheres e não reconheceu nenhuma delas, o que não era de surpreender. Ele imaginou que Caroline,

apesar de ter se tornado Lady Grazebrook, não era vista com bons olhos pelas Ladies que pertenciam à sociedade considerada “decente”. Por ser muito rica, havia as

que aceitavam claro, a sua hospitalidade.

Essas mulheres pensavam em gozar a vida, em se divertir e pertenciam a uma classe social intermediária, não se nivelavam às cipriotas e cortesãs, mas não pertenciam

à alta sociedade.

Com os homens era diferente. Eram mais livres. Ali no salão o Duque viu como esperava, jogadores, janotas e malandros dos clubes de St. James’s. Viu também homens

que sabiam que Caroline não deixaria de ter em suas reuniões mulheres jovens, bem ao gosto deles. Lorde Ravenscroft estava entre os últimos. Londres inteira conhecia

sua reputação de depravado e sabia de sua queda por virgens.

Nas mesas de jogo os guinéus iam sendo empilhados. Alguns casais conversavam, um homem e uma mulher foram para o jardim e outra mulher convidou o acompanhante para

sentar com ela no fundo do salão, onde estava mais escuro.

O Duque bocejou. Sabia muito bem como terminaria aquela festa. Muitos homens estariam tão bêbados ao final da noite, que teriam de ser carregados para seus aposentos.

Grande parte daquelas moedas de ouro mudaria de mão, haveria trapaça, mas não seria notada porque os parceiros haviam abusado da bebida. Inevitavelmente, os jogadores

mais pobres e inexperientes seriam “depenados”.

E Caroline, o que receberia em troca? O Duque supôs que ela não poderia estar interessada em Ravenscroft. Se estivesse, não teria pedido a Geórgia para descer

e

dar atenção.

Um homem sozinho, de pé, perto da lareira, chamou a atenção do Duque. Tinha no rosto magro, marcado por rugas, uma expressão desdenhosa e arrogante. Trajava-se discretamente,

de cinza, e olhava para Caroline como se esperasse que ela viesse lhe falar. Não demorou, ela aproximou-se do homem, alvoroçada.

- Está tudo arranjado? - ele perguntou.

- Claro - respondeu Caroline - Amanhã à noite.

O homem deu com a mão magra de dedos longos e ossudos, uma palmadinha no rosto da anfitriã. Ela segurou a mão do homem e beijou-a.

O Duque fechou a abertura com cuidado. Já vira o bastante para sentir-se nauseado. Não queria pensar em Caroline, no que ela fazia naquela casa, nem em suas atividades

ilegais. Ao subir a escada uma pergunta não saía da mente,

“Quem é aquele homem de cinza?”

CAPÍTULO IV

De volta ao pequeno quarto, no último andar da casa, o Duque sentiu que entrava numa espécie de santuário. Havia ali a paz e a quietude necessárias para ele refletir.

Acendeu as velas, deitou na cama e observou por um instante as chamas tremeluzentes projetando sombras estranhas e disformes no forro baixo, de madeira.

Forçou a mente para relembrar o passado e recapturar cenas acontecidas havia tanto tempo que ele acreditara tê-las esquecido.

Viu-se numa festa, porém não conseguiu lembrar quem a oferecia e onde era. Na festa ele conversava com diversos cavalheiros e um deles perguntou,

- Já soube o que aconteceu, envolvendo Caroline Standish?

- Não - ele respondeu - O que ela fez?

- Desta vez passou dos limites. Você esteve fora, Trydon, senão saberia que ela está com problemas com as autoridades. Na semana passada houve um duelo em sua casa

e o jovem Lancaster foi morto. Dizem que a bela Caroline estava aceitando apostas para saber quem seria o vencedor. O Príncipe de Gales foi informado disso e está

furioso.

- O que acontecerá a essa cortesã tola que permitiu tais excessos em sua casa? - indagou Lady Valerie Voxon, que se juntara ao grupo.

- Estes assuntos não são para os ouvidos de uma jovem como Vossa Senhoria - admoestou um aristocrata de meia idade.

- Sou muito curiosa e quero saber o que irá acontecer com ela - Lady Valerie insistiu - Já vi a bela Caroline Standish no parque, em sua elegante carruagem, e ouvi

dizer que inúmeros cavalheiros, colocaram aos pés dela seus corações apaixonados e os bolsos recheados.

Ao dizer isso, Lady Valerie pousou em Trydon os grandes olhos verdes e ele, ainda um rapaz e ingênuo, sentiu-se ruborizar ao ter consciência de que ela sabia de

sua ligação com Caroline.

O romance entre Trydon e Caroline já terminara havia um ano e ele estava no momento muito interessado em Lady Valerie Voxon. Ou melhor, apaixonado por ela.

O problema era que ficara pobre. A ex-amante, além de lhe sugar tudo o que possuía, fizera-o contrair pesadas dívidas. Sem ter alternativa, Trydon recorrera ao tio

e, de maneira humilhante, pedira para ajudá-lo, livrando-o assim de ir para a prisão da Fleet Street.

Alguém respondeu à pergunta de Lady Valerie,

- Caroline compreendeu que a discrição era sua melhor saída. Ela sempre soube o que fazer, mesmo diante do mais intrincado problema. Refugiou-se no campo, na propriedade

Four Winds, com um nobre rural, seu grande admirador e muito honesto, mas tolo o bastante para se casar com ela.

- Um aristocrata? Quem é ele? - indagou Lady Valerie.

Mais interessado na linda Lady do que na conversa, Trydon não prestou atenção ao nome do marido de Caroline. Ouviu apenas o final da sentença,

-... Um senhor distinto, de ótima aparência. É sócio do White's Club.

Voltando ao presente, o Duque reuniu os fragmentos de lembranças e o que descobrira desde que entrara naquela casa, continuou com suas divagações.

Parecia incrível que Caroline Standish, com sua má reputação, tivesse conseguido casar com um nobre decente e estabelecer-se em Four Winds.

Provavelmente, o pai de Geórgia, respeitável e galante, ficara fascinado pela oportunidade de representar o papel de Sir Galahad. O pobre não adivinhara que aquelas

mãozinhas suaves e alvas estendidas para ele, pedindo proteção, eram, na verdade, garras de uma ave de rapina, prontas para tirar, tomar, arrebatá-lo, apreender.

Sir Hector não devia ter vivido muito tempo depois do segundo casamento, o Duque pensou. Assim, ele talvez não tivesse descoberto a desmedida ambição da nova esposa,

o que a levava no passado a extorquir altas somas de seus admiradores. Tampouco suspeitara do grande desejo de Caroline de ficar em evidência, mesmo a custo de sua

reputação.

- O pobre tolo foi gostar justamente de Caroline Standish - o Duque murmurou.

Com certo desconforto lembrou que também ficara fascinado por Caroline logo que a vira. Ela foi a primeira cortesã que ele tomou sob sua proteção. Alugou para ela

uma pequena casa em Chelsea e comprou uma carruagem com dois cavalos extraordinários.

Mais tarde, quando se viu livre do fascínio da ex-amante, ficou sabendo que não fora o único objeto de suas afeições, nem o único a receber seus favores e a bancar

os luxos. “Paguei caro pela experiência”, ele pensou, com um sorriso destituído de humor. Tal experiência, porém, não o deixara muito mais astuto e prudente.

Depois de ter rompido com Caroline, ou melhor, de ter sido rejeitado por ela, ele voltara da Península e ficara enamorado de uma beldade tão sedutora quanto Circe,

Lady Valerie Voxon. Naturalmente, ele não estava sozinho ao disputar a atenção da mais aclamada e comentada “Incomparável” de toda Londres.

Lady Valerie Voxon não era apenas linda, era sensacional. Entretanto, as senhoras da aristocracia reprovavam seu comportamento. Meneavam a cabeça e criticavam tudo

o que ela fazia.

- A pobre mãe dessa jovem deve estar se virando no túmulo por causa da filha - diziam.

Enquanto as outras jovens ladies mordiam os lábios e odiavam a linda Valerie, os dândis e estróinas de St. James's ajoelhavam-se a seus pés. E eram também

lindos

pezinhos.

Armando-se de coragem, Trydon declarou seu amor por ela, mesmo sabendo que sua causa era sem esperanças. Recebeu um sorriso e no rosto uma afetuosa palmadinha daquela

encantadora mão de longos e delgados dedos.

- Gosto de você, Trydon, e acredito que, em outras circunstâncias, eu chegaria a amá-lo - Valerie revelou - No entanto, meu querido, não consigo me imaginar casada

com um soldado sem vintém.

- Para meu tio sou como filho e ele nos ajudará - argumentou Trydon, não querendo desistir de seu amor sem lutar.

Valerie meneou a cabeça.

- O que seu tio pode lhe oferecer? Um bangalô barato num bairro deselegante de Londres? Uma casinha no campo? Você pode me imaginar ordenhando vacas? Não, Trydon!

Almejo alta posição social, sonho com belas propriedades, lindas carruagens, cavalos extraordinários. Quero oferecer bailes e recepções me moráveis, vestir-me luxuosamente

e cobrir-me de jóias. Estas coisas custam, dinheiro. Muito dinheiro!

Trydon ficou em silêncio. O que poderia dizer?

- O Conde de Davenport pediu-me em casamento e aceitei-o - Valerie falou suavemente, colocando a mão no braço de Trydon.

- Darcy?! Impossível. Ele é um homem decente, mas não serve para você! - Trydon protestou.

- E muito rico. Agora, preciso ir. Não quero ofender Sua Senhoria ficando aqui

conversando com você - Valerie tocou novamente o rosto de Trydon e suspirou -
Se as

coisas fossem diferentes.

Na solidão daquele quartinho o Duque ainda podia recordar com intensidade a
sensação de vazio e desespero que o invadira ao ver sua querida Valerie afastar.
Perdera

seu grande amor. Mas, o que fazer? Não tinha mesmo dinheiro nem condições de
manter uma esposa e filhos.

Quando ele iria imaginar que dentro de um ano, dois homens saudáveis, o tio e o
primo, estariam mortos e ele se tornaria o Duque de Westacre, Senhor de terras e
de grande fortuna?

Logo que perdeu Lady Valerie para o Conde de Davenport, Trydon voltou para a
Península declarando que “as mulheres eram demônios” e quanto menos se
envolvesse com

elas, melhor.

Quando herdou o título deixou o regimento e estabeleceu definitivamente na
Inglaterra, para assumir sua posição na corte e como cabeça da família. No
entanto, não

mudou de opinião sobre as mulheres.

Num baile na casa de Lady Blessington, reencontrou Valerie. Tornara-se a
Condessa de Davenport e estava mais linda do que nunca. Ela deixou claro que
eles poderiam

retomar o entendimento entre ambos no ponto onde fora interrompido, apenas
em termos mais ardentes.

- Ah, se eu soubesse que você se tornaria um Duque, Trydon! - Valerie suspirou
quando se achava nos braços do Duque, dançando.

- Darcy é um bom homem e bom amigo - elogiou o Duque, sabendo que o

Conde, no fundo do salão, observava a esposa, a admiração impressa no rosto gordo e honesto.

- Estou cansada desta vida monótona. Você não sabe o que é estar morrendo de tédio! - Valerie queixou - Mas quando estou com você é diferente, claro.

Como um animal que pressente o perigo, o Duque se alarmou com aquelas insinuações e o convite expresso nos olhos de Valerie. Na verdade, foi a atitude de Lady Davenport,

mais de qualquer outra coisa, que contribuiu para ele aceitar a sugestão, embora parecesse absurda, de sua madrinha. Ela havia dito,

- Vou oferecer um baile especial, na minha casa de campo, caro Trydon. Quero apresentar as jovens Ladies da nossa melhor sociedade. Espero que você escolha uma delas

para esposa!

Ferido como estava, o Duque não tinha intenção de se casar. Considerava todas as mulheres iguais, fossem elas cortesãs como Caroline e Janita, uma Lady como Valerie,

ou as jovens afetadas e bem nascidas que corriam atrás dele. Elas queriam apenas seu dinheiro, seu título e, talvez, sua virilidade.

Não estavam interessadas em Trydon, o homem, o oficial que jamais havia esperado tornar-se um Duque. No passado, ele aceitava a vida com o que tinha a oferecer,

enfrentava a morte com despreocupação e as questões de honra com seriedade.

E agora, deitado naquela cama estreita, onde tantos fugitivos repousaram no decorrer dos séculos, o Duque refletiu que um homem era tolo se não soubesse reconhecer

quando chegara o momento de se retirar. Ele não queria encontrar Caroline novamente.

Ela pertencia ao passado e, pelo que ele ouvira atrás do painel secreto de seu

quarto, a idade não havia melhorado seu caráter. Pelo contrário, tudo indicava que

ela tornara-se pior do que antes. De mulher astuta e interesseira, ela passara, ele acreditava a traidora.

“Preciso sair daqui”, o Duque pensou, consultando o relógio.

Faltavam alguns minutos para a meia-noite. Certamente não seria arriscado sair do esconderijo, ir às cocheiras, selar seu cavalo e cavalgar até a praia.

Veio à mente a figura do homem de cinza. Irritava-o não conseguir lembrar quem era ele. Já o vira antes em algum lugar. Como se chamava?

De qualquer forma, por que uma das novas conquistas de Caroline devia interessá-lo ou aguçar a curiosidade? Ele sentia pena só de Geórgia. Era lamentável que a jovem

fosse enteada justamente de alguém como Caroline.

O melhor que ela poderia fazer era revelar tudo ao marido quando voltasse do mar. Ele saberia tirar a esposa daquela situação perigosa e complicada. Que grande problema

e desagradável surpresa esperava pelo marujo, quando retornasse ao lar! Mas tinha obrigação de salvar a esposa! De repente, o Duque se sentiu sufocar. O quarto era

pequeno, abafado e as paredes pareciam prensá-lo. Mais do que nunca desejou sair dali. Sabia, no fundo, que o passado o estava afetando.

Ter visto Caroline novamente forçou-o a recordar suas lisonjas, o modo como o abraçava como o fitava com doçura no olhar, e como falava com voz suave e acariciante

sempre que desejava obter alguma coisa.

- Por favor, Trydon, por favor, preciso comprar um vestido novo. O que mais quero é ficar linda para você! Quero que se orgulhe de mim.

Dias depois, vinha outro pedido.

- Por favor, Trydon querido, não tenho um bracelete que combine com o vestido verde, de seda.

Finalmente, veio aquela loucura do colar de rubi, caríssimo. Caroline o havia emprestado de um joalheiro e o usou apenas “para mostrar” como era inigualável. Surgiu

diante de Trydon nua, tendo apenas a fabulosa jóia ao redor do pescoço alvo. Caminhou para ele, sedutora.

Aquele corpo perfeito, sinuoso, e o esplêndido colar tiveram sobre o jovem inexperiente e tolo que Trydon era então, um efeito hipnótico. Ficara fascinado, louco

de desejo pela amante, porém Caroline não cedeu às suas exigências, enquanto não obteve a promessa de que ele compraria o colar.

O Duque levantou. Se pudesse andaria pelo quarto, agitado, para exorcizar os fantasmas que o assombravam. Mas ali não havia espaço. Sentou na cadeira dura, junto

da mesa, e empurrou para o fundo o resto do jantar, o prato, os talheres e o copo sujos. Estava irritado consigo mesmo, com suas recordações e ansiava por se ver

livre. Queria afastar de Four Winds o quanto antes e sair daquela situação odiosa em que se envolvera. Imagine ficar escondido num quartinho!

Ali não era lugar para o Duque de Westacre. Por um instante, ele se questionou por que fora tão insensato a ponto de se comprometer com um grupo de contrabandistas

amadores.

As velas já se haviam consumido quase totalmente, mas a luz ainda era suficiente para iluminar a expressão resoluta e zangada do Duque quando, à uma hora, Geórgia

entrou no quarto, fechando a porta.

- Pensei que você viesse mais cedo - ele reclamou mal-humorado.

- Peço desculpas, mas precisei cuidar de inúmeras coisas antes de subir - Geórgia explicou.

- Posso sair agora, em segurança? Ouça Sra. Baillie, seja como for, pretendo sair daqui, não me importam as conseqüências.

- Pode sair sem perigo algum. Há hóspedes no salão, mas beberam demais. Nos alojamentos das cavalariações todos estão dormindo. Já avisei Ned, horas atrás, para deixar

seu cavalo selado, à sua espera, perto do riacho.

O Duque suspirou aliviado.

- Neste caso, vamos embora.

- Um minuto, Sr. Ravel - Geórgia colocou a mão no braço do Duque, antes de ele levantar - quero pedir um favor.

- Um favor? - ele repetiu, arqueando as sobrancelhas - Não sei do que se trata, mas devo ser franco e avisá-la que não estou disposto a fazer favores. Pretendo me

afastar daqui o mais depressa possível.

- Certamente não o culpo por isso. Ao mesmo tempo, poderia ouvir o que vou pedir? Eu não o importunaria se não estivesse desesperada.

Apesar de pressentir o perigo, o Duque olhou para Geórgia. Estava pálida, parecia nervosa e esgotada, como se tivesse feito algo muito além de suas forças. Observou

seus cabelos desarrumados, caídos sobre a testa e o vestido com a barra toda suja. Por certo ela havia andado no barro.

- Está bem, Sra. Baillie - O Duque cedeu, lembrando do modo como Caroline ameaçara a enteada e do tapa que lhe dera.

- Preciso de mais um remador...

- Isso não me diz respeito - ele cortou - O problema é seu.

Diante da resposta, o tom de Geórgia mudou de suplicante para ameaçador.

- Suponhamos que eu faça com que o problema também seja seu, Sr. Ravel. Falando mais claro, não o deixarei ir embora caso não me ajude! Posso denunciá-lo, não como

contrabandista, pois isso envolveria outras pessoas, mas como ladrão. Direi às autoridades, que você se escondeu nesta casa para roubar as Ladies que estiveram aqui

esta noite, numa recepção. Todas elas possuem jóias valiosíssimas.

A reação de Geórgia deixou o Duque tão estupefato, que por um momento ele apenas a fitou, silente. Depois riu.

- Vamos, continue! Denuncie-me! Vá chamar aqueles almofadinhas bêbados e ordene que me prendam, que me levem perante os juízes. Duvido que eles consigam ficar de

pé, muito menos que subam a escada. Enquanto eu posso esmurrá-los e deixá-los caídos no chão, um a um, antes que cheguem a este esconderijo. Também não esqueça minha

cara, que esta parte secreta da casa será conhecida de todos, inclusive de sua madrastra.

Mal acabou de falar, o Duque percebeu que se excedera e não jogara limpo. Fora ríspido demais com uma pessoa desesperada.

Geórgia levou as mãos ao rosto e desculpou-se com voz sumida,

- Lamento. Eu não queria ameaçá-lo. Esqueça o que eu disse. Só vim suplicar para me ajudar.

- Quer que eu ajude a remar seu barco e me envolva em mais uma de suas atividades ilegais? - questionou o Duque - Lamento ser descortês, mas a resposta

é “não”.

- Era o que esperava. Terei de fazer a travessia sem um dos remadores, o que tornará a viagem mais lenta e perigosa - Geórgia murmurou, parecendo falar consigo mesma

- Há ainda a alternativa de eu chamar um estranho de outra vila para nos ajudar, mas creio que seria loucura! O que nos tem mantido em segurança é o fato de não

haver uma só pessoa fora desta propriedade trabalhando conosco. Ninguém mais tem a menor idéia do que se passa aqui.

- Ouça o meu conselho, saia desta casa imediatamente. Você deve ter parente ou amigos com quem possa ficar - o Duque sugeriu, agora mais amável.

- E natural que você não compreenda a minha atitude - Geórgia falou com voz débil - E, como você disse há pouco, o problema é meu. Vou levá-lo até onde está seu

cavalo.

- Obrigado - o Duque agradeceu e pegou o chapéu.

- Devemos sair em silêncio. Acredito que ninguém ouvirá barulho algum, em todo caso, nunca se sabe, convém não nos arriscarmos.

Sem esperar pela resposta, Geórgia apagou as velas e adiantou-se para descer a escada. O Duque seguiu-a. Estava escuro e eles só podiam se guiar pelo tato. Vinha

do salão o som de vozes e risos. Todos pareciam estar bêbados. Ouvindo os gritos agudos das mulheres, mesclados a risadinhas, e as palavras dos homens, ditas com

voz gutural e pastosa, o Duque imaginou que as primeiras estavam sendo perseguidas pelos últimos. Um dos hóspedes cantava um trecho de uma canção obscena.

Em vez de sair pelo hall, por onde havia entrado, Geórgia abriu outra porta

secreta. Eles passaram para um corredor estreito que os levou aos fundos da casa. Pouco

depois, o Duque sentiu no rosto o ar frio da noite e notou que estavam no jardim. Tendo, ficado para trás, Geórgia fechou a porta. Tomou em seguida a mão do Duque.

- Deixe-me guiá-lo - sussurrou - Conheço bem o caminho.

Ambos passaram entre arbustos floridos e sob as árvores, evitando o gramado, pois havia um pouco de luar e eles poderiam ser vistos. Não tardaram a chegara um portãozinho,

que se abria para o paddock, nos fundos das cocheiras.

- Espero que se saia bem de suas dificuldades - desejou o Duque em tom casual, parecendo até que ambos se haviam conhecido em uma reunião social.

- Nossa segurança depende essencialmente da velocidade e esta já está comprometida pela falta de um dos homens no remo - disse Geórgia.

- O que aconteceu com ele?

- Enoch já tinha saído para o mercado que fica a vinte quilômetros de distância, quando fui chamá-lo. Sua esposa me informou que ele decidiu passar a noite na cidade.

Nada posso fazer. Seria arriscado mandar alguém chamá-lo, pois ele precisaria dar explicações aos amigos e parentes sobre o motivo de estar deixando os negócios

para voltar para casa. Esses homens simples, do campo, não sabem mentir. Esta vida de riscos e aventura não é para eles.

- Mas aceitaram e são pagos para isso - tornou o Duque asperamente.

- O que foi uma pena. Eles sonharam com uma vida melhor, porém não recebem porcentagem nenhuma do que trazemos, como acontece nos outros bandos.

- Por que se continuam trabalhando?

- Se não fizerem isso, mal poderão sobreviver. Minha madrasta não liga para esta propriedade. Com Charles no mar, eles ficam sob a minha responsabilidade.

- Você deve ter recursos para cuidar da casa e de uma propriedade grande como Four Winds - argumentou o Duque.

- Papai deixou para minha madrasta tudo o que possuía, enquanto ela viver. Caroline não investe nas terras nem paga os lavradores e criadores. Só os autoriza a vender

o que produzem. Quando ela vem aqui com os amigos manda os próprios criados na frente, para organizar suas festas ruidosas. Os hóspedes bebem demais, passam quase

a noite toda jogando e vão embora sem andar sequer pelo jardim.

O Duque compreendeu que Four Winds era um lugar mais do que conveniente para Caroline organizar festas, para divertir homens como Lorde Ravenscroft, ou onde poderia

receber seus admiradores, longe da agitação de Londres. O que ele não pode evitar foi uma súbita pontada no peito, tal a pena que sentiu da jovem enteada de Caroline,

tão enredada na teia de uma astuta e perversa aranha. Subitamente, ele parou e aconselhou Geórgia,

- Você não pode continuar fazendo contrabando. Sabe que será apanhada, mais cedo ou mais tarde. E o que acontece, inevitavelmente, aos contrabandistas. Então, os

homens com quem você tanto se preocupa serão enforcados ou degredados e só Deus sabe o que acontecerá a você.

- Sim, talvez sejamos apanhados amanhã à noite - Geórgia concordou, depois rogou ao Duque - Mais uma vez suplico, Sr. Ravel, ajude-nos.

- Impossível. Também não posso explicar por quê.

- Se você está com problemas, certamente sabe o que estou passando e sente

comiseração por mim. Estou desesperada - Geórgia falou com voz trêmula - Eu não pediria

ajuda se a questão envolvesse apenas lucro. Se fosse assim eu até aceitaria ouvir de você palavras de desprezo. Mas, a vida de alguém... depende de mim.

- Por que não confia em mim e não revela quem está correndo perigo de vida?

- Não posso. O segredo não é meu e não posso revelá-lo. Só adianto que se eu não fizer esta viagem, como me ordenaram, as conseqüências serão tão assustadoras que

eu preferiria morrer aqui, neste momento, do que vê-las acontecer.

- Vamos, não seja tola. Você não pode carregar esse fardo sozinha - O Duque colocou as mãos nos ombros de Geórgia - O que sua madrastra tem contra você para poder

ameaçá-la? O que quer que seja você não deve ouvi-la. Caroline é uma mulher má! Sei tudo sobre ela. Conheço Caroline Standish.

O corpo de Geórgia estremeceu sob as mãos do Duque. Ela murmurou,

- Eu sei que ela é má e desonesta, mas não posso escapar de suas garras. Sou obrigada a fazer o que ela manda.

- Claro que não é obrigada! - o Duque quase gritou - Você ainda não entendeu que não pode ter medo de sua madrastra? Enfrente-a, diga que não irá mais obedecê-la

e que não tem medo de nada que ela possa fazer.

- Tenho medo! Quem não entende é você! Eu já disse que sou forçada a obedecê-la! - Geórgia replicou impaciente.

- Tem de obedecer até mesmo quando ela pede para trazer um francês, com toda certeza a serviço de Bonaparte? Um homem que deve ser um espião?

Virando-se de repente, sobressaltada, Geórgia tentou se afastar do Duque.

- Você ouviu isso?

- Ouvi. Você não sabe que tudo o que é dito no quarto de sua madrasta pode ser ouvido do outro lado, na escada secreta?

- Eu tinha me esquecido disso. O quarto era de mamãe e sempre ficou vazio desde sua morte. Caroline usou-o nesta sua visita porque todos os outros estão ocupados

com os hóspedes.

- Eu não devia ter ouvido a conversa alheia, sei que é repreensível - o Duque admitiu - Mas ouvi até o tapa que sua madrasta deu em você. Como suporta tamanha humilhação?

- Não tenho alternativa - Geórgia defendeu-se.

- E um plano maluco atravessar o canal amanhã novamente. E, ainda mais sério, é um crime contra a pátria trazer um espião para este país. Estamos em guerra, Geórgia.

Homens como seu irmão, lutam contra o poder e o terror de Napoleão. Você não entende que os espiões e traidores, minam as nossas forças, que nossos soldados e marinheiros

perdem a vida por causa deles?

- Chega, por favor, não diga mais nada - Geórgia implorou, levando as mãos aos ouvidos - Tenho ficado acordada noite após noite, tentando encontrar um meio de recusar

a fazer o que minha madrasta ordena, mas não vejo saída, sou forçada a obedecê-la. Sim, tenho medo de fazer a travessia amanhã, admito que sou covarde. Não sei por

que, mas, pressinto que algo muito perigoso está para acontecer.

Embora o bom senso ditasse para se afastar dali e ir ao encontro do cavaliariço que o aguardava com seu cavalo, o Duque ficou indeciso. Seu lado cavalheiresco e protetor

pedia para ficar. Fez um momento de silêncio que Geórgia quebrou, dizendo,

- Você deve ir. Ned o espera e não deve estar entendendo por que você demora tanto. Eu o acompanho até o riacho.

Parecendo ter ficado entorpecido, o Duque reagiu. Seguiu Geórgia que já havia começado a andar. A grama foi gradualmente acabando, cedendo lugar a pedras e cascalho.

Logo o Duque avistou, numa depressão do terreno, Ned segurando seu cavalo. Ele parou de repente, virou-se para Geórgia, e exclamou zangado,

- Deve haver uma solução para tudo isto!

- Foi o que pensei - A voz dela soou firme e impessoal.

- Talvez eu possa falar com a sua madrastra e fazê-la compreender o erro que está cometendo - o Duque sugeriu, relutante.

- De que adiantaria? Mesmo que você a tenha conhecido no passado, Caroline não o ouvirá e jamais permitirá que você interfira em seus planos. De mais a mais, não

acredito que estejamos obedecendo só às ordens dela. Há alguém importante por trás de minha madrastra, no comando das operações.

- Quem poderia ser?

Ao fazer a pergunta o Duque pressentiu que já sabia a resposta.

As ordens eram do homem de cinza que, com sua expressão sarcástica e arrogante, parecia controlar as demais pessoas daquele grupo de bêbados e espalhafatosos.

- Desconfio de um francês, cujo nome desconheço - Geórgia respondeu.

- Um francês! Geórgia, não percebe o que tudo isto significa? Você deve estar trazendo espiões para o nosso país!

- Eu sei, eu sei. Entretanto, nada posso fazer. Já disse que devo obedecer às

ordens que recebo.

- Por quê? O que você faz não é trabalho para uma mulher.

- Esta parte da história não posso contar. Basta você saber que até o momento estamos livres da prisão e que uma pessoa está em segurança.

- Alguém que você ama? - o Duque indagou com suavidade - Seu irmão? Seu marido?

- Não me faça perguntas! - Geórgia zangou-se - Você não tem esse direito. Agora, vá de uma vez!

Ela teria se afastado não fosse o Duque segurar seu braço.

- Vou chegar até o fim de toda esta história. Sei que sua madrastra tem domínio sobre você e seu irmão tem a ver com isso - aventurou o Duque.

- Solte-me! Deixe-me ir! - Geórgia gritou furiosa - Nada sei sobre você, como posso confiar num estranho? Você teve a coragem de se aproximar de nós se fazendo passar

por outra pessoa.

- Um de seus homens teria me matado caso eu não mentisse. É verdade que não acreditei que aquele criador de porcos, que segurava a pistola fosse capaz de acertar

um tiro num alvo a pouca distância. Mas achei melhor não me arriscar.

- Ah, o velho Sam, o guarda-floresta e guarda-caça. Ele não é criador de porcos - corrigiu Geórgia - Saiba que ele atira muito bem. E capaz de acertar numa lebre a quarenta metros de distância. Você não teria chances.

- Não suspeite de mim, pois só quis salvar a própria pele. Ouça Geórgia, deixe-me ajudá-la.

- Deixo. Quero que ajude meus homens a remar o barco amanhã à noite.

- Certo. Se eu fizer o que me pede, você confiará em mim e me revelará seu

segredo, de modo que eu possa ajudá-la?

- Se fizer a travessia conosco amanhã à noite, confiarei em você. Mas se quiser, pode partir como pretendia, e nos esquecer. Ali está seu cavalo. Receio não ter sido justa ao pedir que se envolvesse neste emaranhado no qual me enredei.

- Uma mulher não é feita para atividades como as que você exerce.

- Quando comando nossas operações, esqueço que sou mulher e meus homens também esquecem. Todos acatam minhas ordens porque vêem em mim a figura de meu pai. Para

eles, sou o velho Sir Hector comandando as operações e não uma garota frágil.

- Você é uma garota estranha.

Geórgia fitou o Duque demoradamente, como se o estudasse.

- Está mesmo disposto a nos acompanhar amanhã à noite? - quis saber.

Desprezando os últimos vestígios de bom senso o Duque decidiu,

- Irei com vocês e que Deus me ajude! Sou mesmo um imbecil.

- Vejo que é você agora quem está apreensivo - observou Geórgia, rindo - Eu, no entanto, me sinto mais leve e despreocupada. O pressentimento de perigo se foi. Tenho

confiança de que você estando conosco, voltaremos sãos e salvos.

- Trazendo um espião para a costa da Inglaterra.

- A responsabilidade não é minha - Geórgia contrapôs - Obedeço a ordens superiores.

- A responsabilidade é de todos nós - corrigiu o Duque - E agora que vamos voltar para a casa, quero que você me faça um favor.

- De que se trata?

- Descubra o nome daquele homem que está todo vestido de cinza. E alto, tem cabelos pretos, uma expressão desdenhosa e um tanto sinistra.

- Nunca dou atenção aos hóspedes de minha madrasta. Detesto-os. Até bem pouco tempo, Caroline queria que eu conhecesse seus convidados, mas agora me escondo e não

apareço na frente deles.

- Compreendo.

- Um dos amigos de minha madrasta, Lorde Ravenscroft, tentou me abraçar e me beijar. Senti nojo daqueles lábios grossos, das mãos fofas. Houve outros atrevidos,

não muito diferentes. Prefiro morrer a estar diante de um deles - Geórgia desabafou com voz quase inaudível.

- Esqueça-os. Não deixe que lembranças desagradáveis envenenem seu coração e sua alma - o Duque aconselhou - Agora você está casada e seu marido deve regressar em

breve para protegê-la.

- Sim, mas estamos em guerra e ele serve na Marinha - Geórgia disse depressa - Na ausência dele, eu tenho de me proteger sozinha.

- Pelo menos você tem um esconderijo secreto - observou o Duque sorrindo.

- Tenho, ainda bem.

- Não se esqueça de descobrir o nome do cavalheiro de quem falei. Peça para Nana perguntar aos criados de Caroline quem é ele.

- Está bem. Recomendarei a ela para ser muito cautelosa. Se Lorde Ravenscroft souber que estou em casa, há de querer me ver.

Notando que o assunto a aborrecia, o Duque convidou-a,

- Vamos voltar? Dispense Ned, ele precisa dormir. Lá na casa, se você quiser,

faremos planos para amanhã.

- Então você irá mesmo conosco?

- Manejarei um dos remos - o Duque prometeu.

Em silêncio, tentou lembrar se havia algum caso de demência na família.

Devia estar maluco para se comprometer a participar de uma operação tão audaciosa!

CAPÍTULO V

Nana estava quase dormindo quando Geórgia abriu a porta e entrou no quarto, de mansinho.

- E você, querida? - Nana indagou, erguendo a cabeça.

- Quem mais poderia ser?

- O cavalheiro já foi?

Geórgia aproximou da cama e olhou para o rosto corado e bondoso, marcado pelas rugas, iluminado pelas velas acesas no candelabro sobre o criado-mudo.

- Não, Nana, ele decidiu ficar - respondeu.

Num movimento ligeiro, Nana sentou.

- Quer dizer que o Sr. Ravel fará a viagem com vocês, amanhã à noite?

- Persuadi-o a me ajudar - Geórgia explicou - Oh, Nana, receio que eu tenha cometido uma loucura! Ele não é um dos nossos, não estou sequer convencida de que podemos

confiar nele! Mas o que eu poderia fazer? Não há a menor chance de Enoch retornar do mercado antes de partirmos para a França. Isto, se ele não ficar na cidade até

domingo.

- O Sr. Ravel não os trairá - Nana tranqüilizou Geórgia - Tenho tanta certeza disso como de estar aqui na minha cama.

- Você há de convir que o Sr. Ravel é um homem misterioso. Veste-se bem, é um gentleman e também um fugitivo. Pelo menos foi o que ele disse.

- De quem e por que ele estará fugindo? - Nana indagou pensativa - São as dívidas que levam um gentleman a se manter nas sombras. Mas posso afirmar que não é o caso

do Sr. Ravel. Se quiser saber a minha opinião, ele é bem nascido, é um aristocrata. Não posso me enganar, estando à vida inteira a serviço de nobres.

- Nestes últimos anos não temos vivido de maneira nem um pouco aristocrática - retorquiu Geórgia - Talvez você tenha até se esquecido de como é a aparência ou o

comportamento de um gentleman. Os hóspedes que Sua Senhoria recebe devem ter embaralhado sua memória.

- E verdade, querida. Mas não pense neles, sei que isso a aborrece.

- E impossível não pensar neles - Geórgia sentou-se na beirada da cama - Quando os vejo lembro com horror do que aconteceu naquela primeira vez em que minha madrastra

trouxe para cá seus amigos de Londres.

- Esqueça isso, Srta. Geórgia - Nana pediu.

Parecendo não ter ouvido a velha, Geórgia prosseguiu num murmúrio,

- Posso até ver Caroline usando um elegante e luxuoso traje de noite, tendo nos ombros uma estola guarnecida com penugem de cisne. Ela criticou-me, disse que eu

me vestia como uma camponesa e pediu para me arrumar muito bem, usar o vestido novo que ela me trouxera e descer para sentar à mesa com seus convidados...

- Esqueça isso! Esqueça o que aconteceu! - Nana interrompeu-a, fitando-a com bondade.

Sabia aquela história de cor.

Geórgia parou imediatamente. Tinha os olhos fixos na parede, mas parecia não ver o crucifixo que pendia acima da cabeceira da cama. Na sua mente desenrolavam-se

os acontecimentos daquela noite.

Já fazia algum tempo que nada interessante acontecia em Four Winds e Geórgia, desde a morte do pai, sentia-se muito só. Portanto, o convite da madrasta para ela

descer e jantar com seus convidados a deixou exultante.

Arrumou-se com apuro e com a ajuda de Nana fez um penteado de acordo com a moda. O vestido que a madrasta dera era belíssimo e muito caro. Depois de pronta, ao se

olhar no espelho, teve certeza de que Caroline se orgulharia de sua aparência.

- Está linda esta noite, Srta. Geórgia - Nana a elogiou com entusiasmo - Seu pai ficaria muito feliz se a visse assim.

- Ele também gostaria de me ver entre aquelas pessoas elegantes - tornou Geórgia, lembrando que usara luto no ano anterior.

Muito feliz corada pela excitação e com um brilho nos olhos, ela desceu para jantar. A casa toda estava bem arrumada, florida e cheia de luzes. O fogo ardia na lareira

de cada um dos cômodos.

Na ampla cozinha os chefs e seus ajudantes, vindos de Londres, se esmeravam no preparo do que parecia ser um banquete digno de rei.

Quando Geórgia entrou no salão de recepções decorado com uma profusão de flores artisticamente arrumadas em grandes vasos de porcelana chinesa, todos os

olhares

se voltaram para ela. Porém ela não sentiu medo e, sim, confiança em si mesma.

Medo sentiu mais tarde, muito depois do jantar.

Todos se achavam no salão. Passava das onze, alguns hóspedes jogavam, e outros, aos pares, namoravam. Geórgia viu-se na companhia de Lorde Ravenscroft. Teve vontade

de se retirar, porém não quis aborrecer a madrastra que já havia feito uma preleção sobre a importância de Sua Senhoria.

Lorde Ravenscroft pediu para mostrar uma determinada tela na ante-sala e Geórgia, ingênua, atendeu ao pedido. Assim que ambos ficaram a sós, ele agarrou-a pelo pulso

e tentou abraçá-la. Por mais que protestasse e quisesse fugir, Geórgia não conseguiu se libertar.

- Você é tão doce, tão linda! Meu benzinho! - Lorde Ravenscroft falou em tom gutural.

Vendo aqueles olhos injetados, cheios de desejo, Geórgia pensou em um animal.

- Preciso ir... o que os outros... vão pensar? - argumentou, tentando convencer Sua Senhoria a soltá-la, já que não podia lutar com um homem tão corpulento.

- As pessoas irão pensar a verdade, que você é encantadora e que a desejo.

Com horror, Geórgia sentiu os lábios grossos e úmidos roçando o rosto. Tentou gritar, mas seu captor a beijou na boca! Continuou a beijá-la e a dizer que ela o excitava

e que seria dele.

No auge do desespero, quando julgou que ia desmaiar de horror e degradação, Geórgia mordeu o lábio de seu captor, deu-lhe um pontapé, virou-se com violência, com

uma força que jamais julgara ter, e conseguiu se soltar dos braços que então a enlaçavam.

Saiu correndo da ante-sala, atravessou o salão e foi para o hall. Ouviu gritos que ainda pareciam lhe ressoar na mente,

- Ela fugiu! Atrás dela!

Outros homens, inflamados pela bebida, saíram do salão para pegar Geórgia, que, fora de si, não teve a idéia de refugiar-se no quarto de Nana. Em vez disso, correu

para a escada e subiu os degraus com velocidade, certamente emprestada pelo medo e o desespero.

Olhou para trás e viu os homens em sua perseguição.

Um deles tocava a trompa de caça que pegara de uma das mesas do hall. Ela se sentia como uma corça perseguida por cães açulados que ladravam. Os homens, felizmente,

inclusive Lorde Ravenscroft, haviam bebido demais e tinham as pernas pesadas.

Ofegante e trêmula, Geórgia se lembrou da passagem secreta. Reuniu forças, correu pelo corredor, entrou no quarto da mãe, foi até o painel, abriu-o, passou para

o outro lado e fechou depressa a abertura. Deixou-se cair no pequeno patamar, quase inconsciente.

Sentindo-se em segurança, esperou um pouco. Podia ouvir a trompa de caça e seus perseguidores abrindo as portas do corredor, batendo-as com violência, enquanto gritavam

“Tally-ho!”, como nas caçadas. Para aquele bando de bêbados ordinários e lascivos tal perseguição devia estar sendo uma pândega, Geórgia pensou.

Ergueu-se do chão, começou a subir a escada estreita. Tendo alcançado o quartinho arrastou-se até a cama, trêmula, como se tivesse febre intermitente, e ali ficou

até o dia amanhecer.

Mortalmente pálida, porém corajosa, Geórgia desceu com o propósito de jamais voltar a ver Lorde Ravenscroft, ainda que a madrastra lhe fizesse ameaças.

Lady Grazebrook não ficou nada contente com o comportamento da enteada.

- Ora, camponesa imbecil! - censurou-a com desdém - Não entra nessa cabecinha oca que Lorde Ravenscroft poderá ajudá-la extraordinariamente? Será que você pretende

ficar a vida inteira neste fim de mundo, no meio do estrume das vacas?

- Tudo o que eu quero é ficar aqui, onde estou muito contente! - Geórgia revidou
- E nunca, nunca mais me reunirei a seus convidados, está ouvindo?

- Não seja idiota.

Lady Grazebrook interrompeu o que ia dizer ao notar a expressão da enteada. Ouviu-a dizer devagar, frisando as palavras,

- Eu me matarei, mas não permitirei que aquele homem repulsivo toque em mim.

Pela primeira vez, Caroline Grazebrook teve a decência de mostrar-se embaraçada.

- Talvez Lorde Ravenscroft tenha sido muito rude e passado dos limites. Mas ele é um cavalheiro e se não tivesse abusado da bebida não faria o que fez - Caroline

tentou justificar o amigo - Sua Senhoria está acostumado com mulheres que se sentem lisonjeadas com sua atenção. Vamos, Geórgia, você precisa crescer e aprender

a lidar com os homens. Pode deixar, terei uma conversa com Lorde Ravenscroft.

- Recuso-me a vê-lo ou a falar com ele novamente - Geórgia declarou - Se você forçar-me a ir à presença de Lorde Ravenscroft ou de qualquer outro dos seus hóspedes,

fugirei de casa.

- Deixe de bravatas! Para onde você irá?

Embora o tom de Lady Grazebrook fosse desdenhoso, ela reconheceu que exigira demais da enteada. Prometeu que deste dia em diante não insistiria com ela para juntar-se

a seus convidados quando viesse com eles para Four Winds.

No entanto, Geórgia teve outra experiência assustadora na noite seguinte. Ela havia ido cedo para a cama e tivera o cuidado de trancar a porta a chave. Deixara a

vela acesa, pois passara a ter medo até do escuro.

Subitamente, à uma da manhã, ouviu um ruído no corredor e sentou depressa na cama, alerta. Olhou para a porta e viu a maçaneta girar.

- Quem é? - perguntou com a voz trêmula.

- Sou eu. Deixe-me entrar, pequena Geórgia, só quero falar com você - uma voz masculina, repulsiva, respondeu num sussurro.

Sabendo quem era Geórgia entrou em pânico. Saiu depressa da cama, reuniu suas forças e encostou na porta todos os móveis que conseguiu arrastar. Exausta pelo esforço,

ficou colada à parede. Ouvia a voz de Lorde Ravenscroft, odiosa, insolente e confiante, dizendo,

- Posso esperar pequena Geórgia, e esperarei.

A seguir ele riu e afastou-se.

No dia seguinte, Geórgia amanheceu doente e continuou acamada mesmo depois dos hóspedes terem partido para Londres. Para evitar males maiores, Nana decidiu que,

toda vez que Sua Senhoria viesse para Four Winds com os amigos, Geórgia ficaria escondida. Para isso, havia o esconderijo do último andar e um minúsculo cômodo,

também secreto, que se comunicava com o quarto de Nana e ficava atrás de um armário embutido.

- Minha querida, não pense mais no que aconteceu - Nana repetiu, tendo percebido que Geórgia abandonara suas dolorosas recordações.

- Não posso. Todo aquele pavor que senti há mais de um ano volta a minha mente, quando Lorde Ravenscroft está nesta casa, Nana. Parece que todos os cômodos onde

ele respira ficam poluídos - disse Geórgia - Nunca me sentirei segura enquanto ele estiver vivo. Posso afirmar que aquele ordinário ainda pergunta por mim a Caroline.

Sabe que esta noite ela chegou a sugerir que eu usasse um de seus vestidos e descesse para ajudá-la a entreter os hóspedes? Até mencionou o nome de Lorde Ravenscroft.

- Creio que está levando aquele incidente muito a sério. Pode ter certeza de que há inúmeras mulheres dispostas a agradar um aristocrata. Acredite também que Lorde

Ravenscroft já a esqueceu - observou Nana, mais para tranquilizar Geórgia.

- Eu gostaria mesmo de acreditar que é verdade.

- Seja lá como for amanhã eles terão partido.

- Amanhã? - os olhos de Geórgia brilharam - Por que irão tão depressa?

- Um dos cocheiros me disse que todos pretendem fazer outra visita. Ontem eles dormiram na casa de Lorde Ravenscroft, foi por isso que chegaram tão cedo. Como você

sabe, a casa de Sua Senhoria fica a apenas quarenta quilômetros daqui. Amanhã eles irão à propriedade de um amigo de Lady Grazebrook, cujo nome não sei.

- Por falar nisso, acabo de me lembrar que o Sr. Ravel está ansioso para saber o nome de um dos hóspedes. Esta noite ele usava roupas cinza e parece que é o novo

namorado de minha madrastra.

- Roupas cinza... - Nana repetiu pensativa - Creio que o vi no corredor, antes do jantar. E um homem magro, de cabelos escuros e rosto enrugado.

- Deve ser ele. Sabe como se chama?

- Não sei, mas tentarei descobrir isso amanhã - Nana prometeu - Um dos valetes é até simpático e já conversou comigo. Se ele conhecer o tal cavalheiro, com certeza

me revelará seu nome. Bem, espero que os hóspedes não deixem a casa suja como da outra vez. Mesmo com a ajuda da Sra. Ives, demorei uma semana para deixar tudo brilhando.

- Seria bom que você tivesse mais uma ajudante, além da Sra. Ives, mas não podemos admitir estranhos na casa - Geórgia comentou.

- Ora, ora, já é muito tarde. Vá deitar e não fique acordada a noite toda pensando em tolices - Nana admoestou Geórgia no mesmo tom de voz que toda nanny usa para

ralhar com uma criança sob seus cuidados - Lembre-se de que precisará de suas forças físicas e mentais amanhã à noite.

- Está bem, já vou. Tentarei dormir. E claro que não esqueci o que me aguarda amanhã.

- Sua Senhoria não tem o direito de exigir que você faça uma viagem tão perigosa. Oh, será que nunca terá fim este pesadelo? Quando você está fora, sinto no peito

um aperto tão grande que mal posso respirar. Tenho sempre a sensação de que não a verei regressar em segurança.

- O que podemos fazer, Nana?

- Vejo que Sua Senhoria começa a exigir cada vez mais cargas. Ela não se contenta com o que herdou e somos nós quem pagamos seus excessos, todo esse exército de

criados arrogantes e seus cavalos caríssimos - Nana criticou - Você não pode explicar a sua madrastra que os riscos estão sendo muito grandes? Ela deve entender que

se vocês forem apanhados não haverá mais barris, nem chá, tabaco ou qualquer outra mercadoria. Sem você, ela ficará com a bolsa vazia logo, logo. Ela não cuida das

terras e o que o marido lhe deixou não irá durar muito, com tanta extravagância.

- Não acredito que minha madrastra raciocine como nós - Geórgia suspirou - Caroline é ambiciosa, e determinada, quando quer uma coisa a obtém, não importa os meios

que utiliza para isso. Seu desejo por ouro é insaciável.

- Ela deu o dinheiro para pagar os homens? Eles não irão para o mar sem ter recebido.

- Estive com ela antes do jantar e obriguei a me entregar a quantia necessária para o pagamento da viagem e um guinéu extra para cada homem, porque vamos trazer

um passageiro. Nenhum deles é idiota e sabe tão bem quanto eu, que os franceses que trazemos são espiões de Bonaparte.

- O que o Sr. Ravel achou de tudo isto? - Nana perguntou, inesperadamente.

- Ficou chocado e me alertou do perigo. Tentou até me convencer a abandonar estas atividades. Cada vez mais me convenço de que é loucura ter um estranho entre nós.

Mas, o que posso fazer? Será ainda mais arriscado fazer a travessia sem um dos remadores. Se temos conseguido nos livrar dos agentes do fisco e da polícia marítima

é porque somos mais velozes do que eles - Geórgia apontou.

- A sua salvaguarda é o fato de ninguém ter a menor suspeita do que vocês fazem minha querida - Nana corrigiu-a - Seu pai, que Deus guarde sua alma, foi um

homem

correto, magnânimo e sempre esteve acima de qualquer suspeita. Era respeitado e admirado em toda a região. Four Winds era considerada um modelo, aqui havia paz e

fartura.

- Pobre papai! O que diria ele se soubesse o que se passa na sua casa, nas suas terras e o que aconteceu àqueles a quem ele se referia como “sua gente”?

- Vá deitar querida - Nana tornou a dizer, agora com doçura - De nada adianta fazer conjeturas a esta hora da madrugada. Vou levantar para trancar a porta.

- Pode deixar, eu faço isso - Geórgia respondeu e, afastando da cama, girou a chave na fechadura e correu o ferrolho que mandara colocar na porta - Agora me sinto

segura, mas enquanto aquele homem estiver na casa, tenho medo.

- É uma pena que o Sr. Ravel não possa dar uma boa lição num ordinário como Sua Senhoria - Nana murmurou - Ele, sim, é um gentleman. Vou levar uma das camisas de

Sir Charles logo cedo e trago a dele para lavar e passar.

- Não se preocupe com o Sr. Ravel! Se ele não estivesse envolvido em alguma confusão, não estaria aqui. Posso até afirmar que ele precisa de dinheiro e ficará muito

feliz com os guinéus.

- Será mais apropriado eu levar para o Sr. Ravel a camiseta de malha que Sir Charles usava para pescar - continuou Nana absorta, parecendo não ter ouvido a observação

de Geórgia.

- Aquele paletó elegante e justo lhe tolherá os movimentos quando estiver remando. Sabe, Srta. Geórgia estou muito contente porque o Sr. Ravel irá ajudá-

los no barco.

Pressinto que se houver problemas você poderá confiar nele.

- Não confio em ninguém - Geórgia cortou - Você sabe o que penso sobre os homens, especialmente sobre aristocratas. Se quiser saber, Nana, confio na pistola que

está sempre ao meu alcance. Não acredito que o Sr. Ravel seja diferente dos outros nobres, amigos de Sua Senhoria.

Apesar do desabafo e das palavras ácidas, Geórgia teve a sensação de estar sendo desnecessariamente injusta com o cavalheiro que se dispusera a ajudá-la. No fundo,

sabia que o Sr. Ravel também não estava interessado nos guinéus. Neste caso, por que não deixara Four Winds, como pretendia?

“Ele partirá assim que regressarmos da viagem”, ela pensou.

No mesmo instante, sentiu um tremor de medo. E se eles não voltassem? E se fossem apanhados?

No fim da tarde seguinte Geórgia foi buscar o Duque no esconderijo. Desceu a escada à frente dele e conduziu-o por toda a extensão da casa, agora vazia, até chegarem

à porta que se abria para o porão e a adega.

Quem visse Geórgia ativa e falando com firmeza, só poderia pensar que estava tranqüila e segura de si.

O Duque havia passado um dia monótono. Dormira um pouco e tentara ler um dos livros antigos da estante. Não descera para ouvir junto de uma das portas secretas,

ou espiar pela abertura que dava para o salão, porque sentia repulsa por aqueles hóspedes e também não queria olhar para Caroline novamente.

Bastou tê-la visto na noite anterior, ainda que rapidamente, para sentir uma

repugnância que repercutira surdamente em todo o seu ser. Notara que ainda era bonita,

porém a pele estava áspera e sua expressão tornara-se mais dura. Quanto ao caráter, mesmo que não tivesse ouvido a conversa entre ela e Geórgia, continuaria com

a certeza que Caroline não tinha nenhuma decência. Podia dizer o mesmo das pessoas que a cercavam.

Agora, sendo mais velho e experiente, o Duque via Caroline exatamente como era, sensual, ambiciosa, ávida, insaciável e avarenta.

Desde que herdara o título, Trydon tratava as mulheres como Caroline com uma espécie de tolerância divertida. Sabia que as cortesãs o desejavam apenas por ser muito

rico, e decidiu não se envolver seriamente com elas. Caroline ensinara uma lição dolorosa e ele jamais repetiria o mesmo erro.

No momento o que o deixava mais revoltado era saber que a ex-amante chantageava a própria enteada, uma moça simples e ingênua, e obrigava a desafiar a lei.

Honesto consigo mesmo, o Duque reconheceu que decidira tomar parte na aventura que o aguardava, impelido pelo ódio que sentia por Caroline. Fora impulsivo, admitia,

mas dera a Geórgia sua palavra e não voltaria atrás, claro. Porém, não iria fingir que estava ansioso para remar as vinte e duas milhas que os separavam da França.

Nem muita confiança em si mesmo ele sentia. Desde que deixara Oxford não praticava remo, mas alegrava-se por estar em forma graças à natação e a uma de suas atividades

preferidas, que era adestrar cavalos novos e indômitos.

- Os convidados de sua madrasta deixaram para trás uma grande desordem e sujeira - observou o Duque, mais para dizer alguma coisa, quando ambos

chegaram à porta

de acesso ao porão.

Pelas portas abertas ele vira as camas reviradas, as bacias cheias de água usada, o assoalho riscado e sujo, copos, pratos e a prataria empilhados na mesa e na pia da cozinha.

- Eles sempre deixam a casa neste estado - tornou Geórgia.

O interesse do Duque voltou-se para a porta com as dobradiças bem lubrificadas, que se abriu silenciosamente para um hall bem pequeno onde eles entraram. Geórgia

fechou a porta, acendeu a vela da lanterna que trouxera consigo para iluminar a escuridão e começou a descer cuidadosamente os degraus de pedra. O Duque seguiu-a.

- Os barris e os fardos ainda estão aí - ele comentou casualmente.

- Devem ser levados mais tarde, ainda esta noite - Geórgia respondeu.

- Quem virá buscá-los?

- Não o conheço, sei que seu nome é Philip. Ele e seus homens usam outra passagem, cuja porta se abre para o pátio das cocheiras. Ninguém os vê entrar e sair - Geórgia

falou com naturalidade, de repente, parou e encarou o Duque, assustada - Por que o interesse? Oh, meu Deus, tudo isto pode ser uma armadilha! Você sabe demais!

- Acalme-se. Está imaginando uma tolice destas por causa do nervosismo. Eu já disse que nada farei que possa prejudicá-la. E uma promessa - o Duque tranqüilizou-a.

- Você faz muitas perguntas.

- Sou curioso, apenas isso. No meu lugar você também seria curiosa. Pode

imaginar como se sentiria se estivesse cavalgando pela costa e, de repente, visse o que

eu vi? O que você pensaria? Não ficaria ardendo de curiosidade para saber o que estava acontecendo? Não teria interesse em saber como são as pessoas que lidam com

atividades ilegais? Eu, pelo menos, desde menino, interessei-me por histórias de contrabandistas.

- Isso é porque você não sabe o que eu sei sobre eles. As histórias são muito diferentes da realidade - disse Geórgia com amargura - Bem, não tenho escolha senão

acreditar em você, mas, por favor, não vá muito fundo com suas perguntas. E, amanhã, quando partir, esqueça o que viu e ouviu. Lembre-se de que jurou fazer isso.

- Sim, sim, Milady, seguirei suas ordens! - O Duque sorriu - Sabe que você devia ser um rapaz? Comanda como se fosse um sargento.

Geórgia também sorriu.

- E você sabe por que me chamo Geórgia? Antes de eu nascer meus pais decidiram que se tivessem um menino iriam dar o nome de George, em homenagem a Sua Majestade,

o rei George III. Como tiveram uma filha, ou seja, eu fui batizada como Geórgia.

O Duque riu e o som da risada ecoou pela longa passagem lugubrememente.

- Psiu! - pediu Geórgia depressa - Se os homens o ouvirem acharão estranho. Já estamos chegando à passagem mais baixa, daqui um pouco irei à frente e explicarei

por que fui obrigada e convidar você para se juntar a nós. Eles não irão gostar nada disto.

Geórgia caminhou rapidamente indo ao encontro dos homens. Quando o Duque se reuniu ao grupo todos o aceitaram sem perguntas, embora o olhassem com

frieza e desconfiança.

Já estava escuro e as primeiras estrelas brilhavam no céu quando o barco deixou a praia. O Duque viu-se do lado de um homem corpulento e musculoso e ficou sabendo

que era o ferreiro local. Geórgia estava na popa, controlando a cana do leme. Com o lenço preto na cabeça, as roupas masculinas e antiquadas e as botas altas de

pescador, de modo algum parecia uma Lady.

- Firmes homens! - ela ordenou - sigam o ritmo de Fred. Vamos tentar fazer a travessia em tempo recorde.

Todos se empenharam em remar em silêncio, com vigor e uniformidade. Surpreso e com grande sensação de alívio, o Duque constatou que a tarefa de remar não era extenuante

como havia imaginado. O barco era muito leve, tinha excelente equilíbrio e avançava suave e velozmente sobre o mar calmo. Eles não tardaram a entrar no Canal. A

certa altura um dos homens começou a assobiar distraidamente, mas Geórgia advertiu-o,

- Não desperdice seu fôlego, Cobber. Além disso, nunca sabemos quem pode estar à escuta.

As horas passaram sem incidentes. Uma luz verde brilhou na noite. Era um navio e logo desapareceu de vista. Pouco depois Geórgia avisou,

- Estamos chegando.

Os experientes remadores rumaram para uma pequena enseada, os dois que estavam na proa saltaram na água e arrastaram o barco para a areia. Todos foram para terra.

Seguindo-os, o Duque pensou com mau humor que arruinara as melhores botas hessenas de Peregrine. Os homens aguardaram perto do barco enquanto Geórgia

se afastou

e desapareceu.

- O que vai acontecer agora? - indagou o Duque ao homem que estava do seu lado.

- Ela sempre nos deixa esperando - foi a resposta - Se houver perigo e ela não voltar, temos ordem de partir, deixando-a para trás.

- Isso é falta de cavalheirismo - o Duque observou secamente.

- Fazemos o que nos ordenam - retrucou o homem com aspereza.

- Não suporto homens que usam uma mulher como escudo - insistiu o Duque, mordaz.

Sem dar atenção aos resmungos contra ele, foi atrás de Geórgia. A noite não estava tão escura e ele avistou-a. Com largas passadas alcançou-a.

- O que está fazendo? - ela se zangou ao vê-lo ao seu lado - Os homens sabem quais são as minhas ordens. Você devia ter ficado perto do barco.

- Há remadores suficientes para voltar caso a situação se torne perigosa - o Duque respondeu.

- Ninguém do meu grupo discute as minhas ordens. Sei muito bem o que estou fazendo.

- Espero que saiba mesmo. Aceitei acompanhá-la nesta viagem e não quero cair numa emboscada.

- Não haverá emboscada! Volte e espere por mim no barco!

- Nada disso. Vou com você e não devemos perder tempo discutindo. Onde está o passageiro?

Certa de que não convenceria o Duque a obedecê-la, Geórgia continuou a andar em silêncio, mas zangada. Caminharam mais um pouco e chegaram a uns rochedos. Deram

a volta e pararam à entrada de uma caverna. Geórgia deu um assobio longo e baixo. Quase imediatamente um pescador apareceu tendo na mão uma lanterna.

- Chegou cedo Milady, por isso não nos encontrou à sua espera junto do mar - ele explicou.

- O mar calmo ajudou-nos a fazer a viagem mais depressa - alegou Geórgia - Está tudo pronto?

- Sim Milady. Mas não há carga, apenas o cavaleiro que está muito nervoso.

- Diga a ele que partiremos imediatamente.

O homem afastou-se depressa e voltou poucos minutos depois com o passageiro enrolado em uma capa longa, de viagem, tendo o chapéu bem enterrado na cabeça, caído

para frente, ocultando-lhe parcialmente o rosto.

- Bon soir, monsieur - Geórgia cumprimentou-o.

- Une femme? - ele perguntou, parecendo não só surpreso como assustado.

O pescador conversou com o passageiro para acalmá-lo e Geórgia explicou ao Duque,

- Os passageiros nunca são avisados que a pessoa responsável pela travessia é uma mulher. Se souberem a verdade, terão medo de embarcar.

O francês voltou-se para Geórgia e levou a mão dela aos lábios.

- Enchanté, madame - O tom de voz indicava que as palavras não traduziam seus sentimentos.

- Depressa, vamos! Não podemos ficar aqui - disse Geórgia, agitada.

Os três correram até o barco.

- É melhor você carregá-lo a bordo - Geórgia pediu ao Duque - Ele não está usando botas.

Com um sorriso, o Duque obedeceu-a. O francês ia protestar, mas, evidentemente, não queria molhar os sapatos e os pés. O Duque ergueu-o e colocou-o sentado na popa,

enquanto os homens empurraram o barco para águas mais profundas. O Duque saltou para o barco justamente a tempo de impedir que a água alcançasse acima das botas

hessenas.

O mar continuava sereno, a tripulação remou firme, rápida e ritmadamente, porém o barco não avançou com a mesma velocidade da vinda porque todos estavam cansados.

Soprava um vento gélido, mas ninguém sentia frio devido ao exercício. Só o passageiro, enrolado na capa, tremia, dando a quem o observasse a impressão de que estava

com medo.

Eles já deviam ter feito metade da travessia quando o Duque começou a sentir a extenuação dos músculos, o que era natural, pois não se exercitava daquela forma havia

mais de oito anos. As mãos já começavam a ter bolhas. Ficou envergonhado de sua fraqueza e, ao mesmo tempo, se consolou ao notar que o troncudo ferreiro também respirava

pesadamente.

- Apenas mais vinte minutos e estaremos em casa! - Geórgia avisou.

Sua voz fez com o que o francês, até então encolhido, ficasse ereto no banco e olhasse ao redor.

- Eu acabei que avisar que estamos quase chegando, monsieur - Geórgia falou na língua dele para tranquilizá-lo.

Ele resmungou e o Duque teve uma vontade súbita de jogá-lo ao mar. “Estes malditos e perigosos espões entram na Inglaterra sub-repticiamente como

serpentes”, disse

a si mesmo.

Diziam que Bonaparte estava a par dos movimentos dos navios britânicos graças aos sorrateiros agentes, que conseguiam infiltrar-se no país. Eles faziam amizade com

os ingleses, ganhavam sua confiança para obter informações ou as compravam daqueles de caráter fraco, dispostos a se tornarem traidores, caso vislumbrassem um bom

lucro. A raiva e a revolta afastaram o cansaço do Duque e fizeram com que ele passasse a remar mais vigorosamente, enquanto pensava se haveria um modo de denunciar

o francês à polícia, sem envolver Geórgia e seu bando.

De repente, um grito ecoou no ar,

- O de bordo! Pare em nome de Sua Majestade, o Rei George!

- Agentes do fisco! - Geórgia sussurrou - Não parem, remem mais depressa!

A ordem era desnecessária. Os remadores ganharam uma energia súbita. Os remos se erguiam e desciam, golpeando a água, num ritmo frenético. Agora a questão era salvar

a vida.

- Parem! - a mesma voz gritou. Houve uma pausa, e então - Obedeçam ou atiramos!

- Mais depressa! Rápido! Baixem a cabeça!

O barco parecia mal tocar na água. Um tiro reboou no ar e o Duque sentiu uma bala passar sibilando perto da orelha esquerda.

- Mantenham a cabeça abaixada! - Desta vez foi o Duque quem ordenou, como se estivesse comandando seus soldados em Portugal - Geórgia, deite-se no fundo

do barco,

imediatamente!

Ela obedeceu! Houve mais tiros, passando agora acima da cabeça deles, porém, perto demais.

- Depressa! Depressa! - As palavras de Geórgia deixaram de ser uma ordem, eram uma súplica - Rápido! Oh, Senhor, permita que escapemos... e cheguemos à praia!

Subitamente o francês ficou de pé, ergueu os braços como se pretendesse se jogar no mar, e gritou aterrorizado,

- Cést dangereux! J'ai peur!

O Duque ordenou, em francês, que ele se sentasse,

- Asseiez-vous, imbécile!

Tarde demais. Ouviu-se outro tiro, um grito, e o passageiro francês caiu contra Geórgia que tentava fazê-lo sentar ao lado dela.

- Remem, remem! - o Duque ordenou - Sigam o meu ritmo, um, dois... um, dois...

Os tiros continuaram, vindos de outra direção. Eles haviam rumado para perto dos rochedos da costa inglesa e ficaram protegidos pela névoa. O barco que os perseguia

certamente os perdeu, pois os tiros cessaram. Geórgia voltou ao controle da cana do leme, tendo o francês caído no fundo do barco.

- Podem parar. Já estamos em casa - ela murmurou a voz trêmula.

Com um movimento firme ela virou a cana do leme e os homens conduziram o barco para perto da praia. Outros dois o empurraram para a areia e o cascalho. Logo todos

havam saltado do barco, exceto Geórgia e o Duque.

- Vão para suas casas e esqueçam o que viram esta noite! - ela ordenou aos homens.

Nem bem acabou de falar eles desapareceram. Ela voltou-se para o Duque,

- E melhor nós dois o arrastarmos até a gruta - murmurou, indicando o francês.

- Posso levá-lo sozinho, pegue a lanterna - disse o Duque.

Abaixou-se, ergueu o homem nos braços e ao carregá-lo para a gruta percebeu que ele ainda respirava. Colocou-o no chão, examinou as roupas. A capa e o casaco estavam

empapados de sangue.

- Ele está muito mal? - Geórgia indagou, quase sem voz.

Antes de o Duque responder o ferido murmurou, a voz quase inaudível,

- Diga... a Jules... diga... a Jules para... matar o Príncipe... ime... imediatamente... ordem do... Imperador.

Subitamente o sangue jorrou de sua boca e escorreu pelo queixo.

Acostumado a ver homens morrerem no campo de batalha, o Duque teve certeza de que o espião francês já não vivia.

CAPÍTULO VI

Por um momento, o Duque e Geórgia não se moveram. Tinham o olhar fixo no francês. Com um murmúrio, Geórgia perguntou,

- Ele está... morto?

- Sim - o Duque confirmou.

Geórgia cobriu o rosto com as mãos e sufocou um grito. Ajoelhado junto do corpo inerte, o Duque revistou-o. Encontrou num dos bolsos da capa uma grande bolsa cheia

de guinéus ingleses. Com expressão severa, a testa franzida, jogou a bolsa aos pés de Geórgia, dizendo,

- Divida o dinheiro entre os homens. Eles fizeram por merecê-lo.

- Não! Não! - ela protestou.

Erguendo a cabeça, o Duque notou o terror nos olhos azuis.

- Dê-lhes o dinheiro - insistiu - Esta foi a última viagem. Não haverá mais cargas ou passageiros.

Geórgia permaneceu calada. Um estremecimento sacudiu-lhe o corpo e ela virou o rosto ao ver o Duque colocando a mão no bolso do casaco ensopado de sangue. Ali só

havia um cartão de visitas, o qual o Duque ergueu para ver melhor à luz da lanterna.

- Comte Pierre Lamonté - leu em voz alta - Será que este é o cartão de visitas deste homem ou de alguém com quem ele queria entrar em contato? - Ele voltou-se para

Geórgia que continuava olhando para o outro lado, não suportando ver o homem com a roupa empapada de sangue, os olhos vítreos arregalados - Qual o nome do passageiro

que você trouxe da França para cá na viagem anterior?

- Eu nunca soube seu nome.

- Deve ser o tal Jules, encarregado de matar o Príncipe - deduziu o Duque.

- Você tem certeza de que... foi isso mesmo que o francês disse... antes de morrer? - Geórgia indagou.

- Claro. Você também o ouviu e sabe que foi exatamente o que ele disse.

- E que... acho impossível haver um plano para matar o Príncipe de Gales!

- Nada é impossível nesta guerra! - retrucou o Duque - Mas agora não é o

momento de discussão ou conjeturas. Tenho um trabalho a fazer. Espere-me logo adiante, na

escada, já volto.

Mal acabou de falar, ele ergueu o cadáver do chão e Geórgia afastou-se, ignorando a pesada bolsa com as moedas de ouro onde o Duque a havia atirado. Chegando à escadinha

tosca, de madeira, sentou no primeiro degrau, cobriu o rosto com as mãos geladas e tentou não pensar no que acontecera.

Enquanto isso, fora da gruta, o Duque carregou o morto até os rochedos mais próximos. Deitou-o no chão, encheu de pedras os bolsos da capa, amarrou-a firmemente

ao redor do cadáver e atirou-o no mar, onde havia uma subcorrente profunda e forte.

Começava a clarear. A luz ainda frouxa da aurora, o Duque viu o cadáver virar, revirar e então desaparecer. Esperou alguns minutos para se certificar de que as ondas

não atirariam o corpo de volta à desembocadura do riacho, que ficava bem próximo dali. Notando apenas o retorno de pedaços de madeira e uma gaivota morta, afastou-se

dos rochedos e foi ao encontro de Geórgia.

- Você deixou isto para trás - disse, mostrando a bolsa com os guinéus.

- Carregue-a você - Geórgia pediu, sentindo repulsa - Prefiro não tocar neste dinheiro. Não quero nada que tenha pertencido ao morto.

- Não é o dinheiro dele - o Duque corrigiu-a - São moedas de ouro, inglesas, que atravessaram o canal para financiar Napoleão e agora voltaram ao país ao qual pertencem.

Por que você não pensa desta forma?

- Tentarei.

- Imaginei que você tivesse coragem suficiente para não se deixar levar por melindres - O tom sarcástico do Duque fez voltar a cor ao rosto de Geórgia que ergueu

a cabeça altivamente.

- Não o deixarei embaraçado com meus melindres ou ataque de histeria - retrucou, ficando de pé - E que... nunca vi um homem morrer... assim.

- Então se considere feliz por ter visto morrer um estranho, além de inimigo e espião - tornou o Duque quase rudemente - Se alguma daquelas balas atingisse um dos

remadores, você agora teria de confortar a viúva e a família do morto.

O argumento inquestionável fez desaparecer a fraqueza de Geórgia. Ela caminhou à frente do Duque e entraram no porão. Estava vazio. Todo o contrabando havia desaparecido.

- O tal Philip e seus homens levaram tudo - disse o Duque distraidamente.

- Eles jamais se demoram a levar a carga. Não vieram ontem à noite por causa dos hóspedes - Geórgia esclareceu.

Num dos degraus havia uma pequena bolsa.

- E o seu pagamento?

- O pagamento dos homens - ela respondeu.

Sem pedir permissão, ele pegou a bolsa, abriu-a, verificou seu conteúdo à luz da lanterna e criticou,

- Nem um pouco generosa a quantia deixada pelo tal Philip. Na verdade, uma miséria para quem corre tantos riscos.

- Os homens reclamam, mas o que podem fazer? Se não obedecerem às ordens de minha madrastra, morrerão de fome, pois ela não lhes paga pelo que fazem na

fazenda.

- Pelo menos desta vez eles terão bastante dinheiro. Pode deixar que levo esta bolsa.

Eles subiram os degraus e pararam no pequeno patamar, atentos. Tudo estava em silêncio. Geórgia girou a chave com cuidado, abriu apenas uma nesga da porta e espiou

por ela. Certa de que não havia ninguém por perto, entrou num cômodo que só então o Duque reparou, era uma despensa.

Geórgia continuou andando e ele seguiu-a até a sala aonde fora levado quando entrara na casa pela primeira vez. Ela colocou a lanterna sobre a mesa e o Duque depôs

ali as bolsas com o ouro. Pela luz que clareava as janelas ele deduziu que já devia passar das cinco horas.

Geórgia tirou da cabeça o lenço preto e transformou-se. Apenas um gesto e ela perdeu a aparência masculina, apesar das roupas de homem que usava.

- Vou buscar alguma coisa para comermos. Você deve estar faminto - disse ela.

- E muito mais importante conversarmos sobre o que devemos fazer - expôs o Duque.

- Não sei o que podemos fazer.

- Você ouviu claramente as palavras do francês.

- Talvez ele estivesse delirando. Além disso, como encontraremos o tal Jules, se não sabemos de quem se trata?

- Só uma pessoa poderá encontrá-lo.

- Quem?

- Você. Foi você quem o trouxe da França para cá. Certamente viu o seu rosto.

Uma expressão de pânico alterou as feições de Geórgia.

- Sim, vi - ela admitiu - mas como poderei encontrá-lo?

- E o que vamos decidir, agora. Sente-se - pediu o Duque - Ouça Geórgia, esse homem não é apenas um espião, mas um assassino a mando de Bonaparte para matar o Príncipe

de Gales.

- Podemos ter certeza disso? Por que Napoleão mandaria assassinar o Príncipe? - Geórgia questionou.

- Bonaparte pretende criar o caos na Inglaterra. Não há segredo de que o Rei está louco e há algum tempo fala-se em tornar o Príncipe de Gales o nosso Regente. Se

o herdeiro do trono, e verdadeiro governante do país, for assassinado, a repercussão entre as forças armadas será desastrosa. O caos gerado será um grande trunfo

nas mãos de Bonaparte - o Duque argumentou.

- Mas Jules estará esperando pelas instruções do francês que está morto - Geórgia lembrou.

- Você está certa, exceto num detalhe.

- Que detalhe?

- Antes de morrer o passageiro francês disse im-médiatement, ou seja, imediatamente. Se meu raciocínio está certo, Jules recebeu ordens de assassinar o Príncipe

de Gales, mas a data ainda não foi marcada. Só agora é que Napoleão, com sua habitual impetuosidade, decidiu exigir ação.

- Mesmo assim, o que podemos fazer? Esse homem chamado Jules atravessou o canal há quase três semanas. Tudo o que sei é que seguiu para Londres. Mas você sabe que

Londres é uma cidade enorme.

- Sei também que Jules só pode estar o mais perto possível do Príncipe de Gales.

- Faz sentido - Geórgia hesitou.

- Temos de encontrar o assassino e você é a única pessoa que conhece seu rosto.

- Não posso ir a Londres - Geórgia protestou - Mesmo que eu vá que chance tenho de estar com as pessoas da alta sociedade ou, mais difícil ainda, de ver os aristocratas

que cercam o Príncipe de Gales? Acho melhor você avisar o Príncipe que ele corre perigo e deve reforçar sua guarda pessoal.

- Eu nunca vi o tal Jules e não poderei descrevê-lo a Sua Alteza - contrapôs o Duque.

- Posso descrevê-lo para você. Lembro que era um homem de meia-idade, alto, magro, com cabelos escuros, quase negros, e tinha rugas que marcavam estranhamente o

rosto - Geórgia parou de repente, estava nervosa e trêmula.

- E uma descrição muito vaga, serve para inúmeros homens - assinalou o Duque

- Só mesmo você para reconhecer Jules. Você seria capaz disso se o visse novamente,

não?

- Suponho que sim. Quando ele embarcou teve receio de molhar os sapatos e, pegando no meu braço, fez-me erguer bem a lanterna para ele ver as pedras e pisar nelas

até chegar ao barco. Ao desembarcarmos, ele me agradeceu e, automaticamente, ergui a lanterna de modo que a vela iluminou bem seu rosto. Ele afastou depressa acompanhando

o riacho, até onde alguém o esperava.

- Pois você irá identificá-lo - O tom do Duque foi firme.

- Nem carruagem eu tenho para me conduzir a Londres - Geórgia objetou - Mesmo que eu chegue lá há um milhão de chances contra uma de ver Jules.

- Uma chance é melhor do que nada. Partiremos assim que você estiver pronta. Vá se trocar. Eu direi a Ned para selar o meu cavalo e outro para você.

Fez um momento de silêncio. Olhando para o rosto de Geórgia, o Duque notou que ela estava angustiada. Segurando o braço dele, ela suplicou,

- Por favor, não insista para eu fazer isto. Será uma procura inútil e se minha madrastra souber... ficará furiosa comigo.

- Mais tarde trataremos de sua madrastra. Em primeiro lugar, temos de salvar a vida do Príncipe de Gales. Tudo mais é, no momento, irrelevante. Faça agora o que pedi,

vá se trocar, antes, porém acorde Nana e peça para nos preparar alguma coisa para comer. Ela não irá querer que desmaiemos de fome no caminho.

Vendo esgotados seus argumentos Geórgia se afastou. Pela expressão dela, o Duque teve certeza de que estava ressentida por se ver forçada a obedecê-lo. Ele, no entanto,

sabia que era o dever de ambos localizarem o espião.

Lembrando do cartão de visitas que havia encontrado no bolso do francês morto, leu o nome novamente, Comte Pierre Lamonté.

Virou o cartão e viu algumas palavras escritas em francês e traduziu-as em voz alta, “Este é o homem”.

Guardou o cartão no bolso e saiu da sala apressado para falar com Ned. Encontrou-o dormindo no quarto que ocupava no alto do depósito de palha e aveia e pediu que

selasse seu cavalo e outro para Geórgia.

De volta à casa, encontrou Nana na cozinha e sentiu vindo do fogão o cheiro de bacon frito.

- Geórgia já disse que iremos a Londres, Nana? - indagou.

A velha virou-se. Tinha a preocupação estampada no rosto.

- Se você magoar a minha garota ou permitir que se exponha a perigo, eu... - ela começou, zangada, mas as palavras morreram nos lábios ao fitar o Duque.

- Nada de mal acontecerá a Geórgia - ele prometeu calmamente - Ela contou o que aconteceu quando voltávamos?

Nana assentiu com a cabeça.

- Temos o dever de salvar o Príncipe.

- Eu sabia que algum mal resultaria dessas atividades! - Nana exclamou - Tudo por culpa de Sua Senhoria. Foi ela quem levou a enteada a isso. O que a pobre criança

podia fazer, senão obedecê-la? Desde que Sir Hector a trouxe para esta casa, como sua esposa, só tivemos aborrecimentos e problemas.

- Não duvido que isso seja verdade. Mas, se for possível, Geórgia deve reparar o mal que Sua Senhoria fez.

- Geórgia não conhece Londres nem tem roupas adequadas para andar entre as pessoas da alta sociedade - Nana alegou.

- Cuidarei disso - assegurou o Duque - Logo que Geórgia identificar o homem eu a trarei de volta, em segurança.

- E se Lady Grazebrook ficar sabendo? - perguntou Nana com voz trêmula.

- Duvido que Sua Senhoria retorne a esta casa nos próximos dias. Caso retorne, você deve dizer que Geórgia está doente. De modo algum revele aonde sua enteada foi.

- Guardarei segredo - Nana prometeu - E o que mais tem havido nesta propriedade. Mas lembre-se, Sir, a Srta. Geórgia, mesmo tendo infringido a lei, e feito coisas

que nenhuma garota bem-nascida e respeitável deve fazer, é inocente e ingênua como um bebê.

- Fique tranqüila. Tomarei conta dela - asseverou o Duque.

- Como posso saber que devo confiar em você? - Nana perguntou em tom desafiador.

- Vejo que você está convencida de que não sou confiável - concluiu o Duque calmamente.

O olhar da velha fixou-se no rosto do Duque por um momento, como se o analisasse. Parecendo satisfeita, virou para o fogão.

- Encontrará um canecão com água quente, sua camisa e a gravata limpas e passadas atrás do painel secreto - ela informou - Você poderia usar um dos quartos, agora

que a casa está vazia. Mas lembrei que seu casaco e outros pertences estão no esconderijo, Tá em cima.

- Obrigado, Nana - o Duque agradeceu e afastou apressado para ir se lavar, fazer a barba e trocar-se.

Quando voltou à cozinha, encontrou Geórgia usando um traje de montaria fora de moda, verde escuro, de veludo, e a mesa posta para o breakfast. Nana insistiu com

ela para fazer uma boa refeição.

- E melhor você obedecer - o Duque aconselhou, vendo sua relutância - Esta viagem não será fácil e uma mulher fraca não a suportará. Não quero saber de parar no

caminho, porque você está para cair da sela de tanta fome.

- Você não me verá caindo da sela coisa nenhuma - ela retrucou orgulhosa.

Notando o brilho hostil nos grandes olhos azuis, o Duque teve certeza de que ela o estava odiando.

Quinze minutos depois, ambos partiam. Cruzaram no caminho com camponeses que iam para o trabalho. O Duque olhou para trás e viu ao sol da manhã como Four Winds era

linda. Ao seu lado, Geórgia cavalgava calada, muito pálida. Ele imaginou que para ela estava sendo uma provação deixar tudo o que lhe era familiar.

Eles deram uma volta para não passar pela vila que, ele ficara sabendo, chamava-se Little Chadbury. Geórgia era excelente amazona e, embora seu cavalo não fosse

tão magnífico, como o feroso animal que o Duque montava, eles viajaram a galope, aproveitando o frescor da manhã.

A conselho do Duque ambos evitaram as estradas principais. Ele teve receio de ser reconhecido por viajantes. A hora do almoço ambos pararam numa estalagem pequena,

no campo, onde comeram apenas presunto, queijo e pão, sentados a uma mesa tosca, de madeira, ao ar livre. Tendo recuperado o ânimo, Geórgia conversou bastante e

com bom humor. Inesperadamente o Duque perguntou,

- Você não gostaria de me contar o que sua madrastra tem contra você para obrigá-la a fazer coisas contra a lei?

Ela estremeceu, ficou em silêncio por um momento, depois disse,

- Eu já disse que não posso falar sobre o assunto... O segredo não é meu.

- Você disse que confiaria em mim. Fique sabendo que depois do que aconteceu não vou permitir que transporte mais cargas - o Duque avisou-a.

- Ora, está dizendo tolices - Geórgia replicou - O que vou fazer no futuro não é da sua conta.

- Lamento contradizê-la, mas é sim. Vi o que vocês passaram e sinto a obrigação de convencê-la a deixar atividades tão perigosas. E verdade que foi o francês quem

morreu, mas poderia ter sido você ou um dos camponeses.

- A sorte sempre esteve do nosso lado - Geórgia ressaltou.

- A boa sorte das pessoas nunca dura para sempre - o Duque advertiu - Além disso, você acredita que sua madrastra irá ficar satisfeita com o que vocês trazem? Ela

irá querer mais, sempre mais.

- E verdade - Geórgia juntou as mãos - As viagens já têm sido cada vez mais freqüentes, mas não posso me negar a fazer o que ela pede.

- Por que não?

- Não posso lhe dizer.

- Suponhamos que eu decida denunciá-la.

- Você não fará isso! Não será capaz de um ato tão desprezível. De mais a mais, você também está implicado e será preso - Geórgia falou com veemência.

O Duque riu.

- Você parece uma tigresa quando está zangada! E claro que está certa, eu jamais a denunciaria. Mas vou dizer à sua madrastra que deve parar com tudo isto.

- Falar com Sua Senhoria?! - A expressão de Geórgia era de incredulidade - Acha que ela dará atenção a você? E mesmo que eu pare com as viagens, ela me fará obedecê-la

de alguma outra forma.

- Voltamos ao mesmo ponto, o que ela tem contra você? Por que a chantageia?

- Não posso revelar... Dei minha palavra a Charles... O nome escapou.

- Deixe-me adivinhar - propôs o Duque - Seu irmão é quem está envolvido nisto tudo. Sua madrastra tem conhecimento de algo que pode usar para prejudicá-lo. Vejamos

pode ser que Charles tenha sido o primeiro a começar com o contrabando e sua madrasta descobriu tudo.

- Alguém lhe contou... Você nunca iria pensar... - murmurou Geórgia, lívida e trêmula.

- Ninguém me contou, apenas raciocinei - o Duque declarou, brandamente - É evidente que você está querendo proteger seu irmão. Se souberem que ele fez alguma coisa

ilegal ou repreensível, será expulso da Marinha.

- Foi apenas uma travessura de rapaz - Geórgia elucidou - Os camponeses estavam insatisfeitos com Sua Senhoria, e vendo que tantos outros empregados das fazendas

em toda a costa “colaboravam” com os contrabandistas e ganhavam em apenas uma noite muito mais dinheiro do que podiam ganhar em um ano de trabalho honesto, decidiram

se arriscar. Charles estava em casa, enquanto seu navio estava sendo reparado em Portsmouth e achou que seria interessante atravessar o canal e ver o que poderia

trazer da França. Foi o que fez, com sucesso.

- Voltaram em segurança! Sorte de “pato”, como se diz no jogo.

- Trouxeram uma boa carga - Geórgia prosseguiu - Charles vendeu tudo a um amigo e obteve um lucro de cem libras, imagine!

- Muitos guinéus de ouro - observou o Duque, sorrindo.

- Para Charles e os homens isso representava uma fortuna. Papai havia morrido recentemente e descobrimos que deixara pesadas dívidas, porque nossa madrasta não só

gastava o que ele lhe dava, como comprava a crédito, usando o bom nome do marido.

- Disso eu tinha certeza - o Duque falou em voz baixa.

Geórgia continuou,

- O dinheiro deu-nos a sensação de riqueza. Charles decidiu tentar novamente, apenas para me deixar com recursos suficientes, para investir nas terras e manter a

fazenda produzindo, enquanto ele estivesse fora. A segunda viagem também foi bem sucedida. O problema surgiu em casa. Quando Charles saiu do porão, nossa madrastra

estava esperando por ele.

- Como ela soube o que ele estivera fazendo?

- Eu nunca descobri. Sei que Caroline sentia por Charles alguma coisa mais do que simples carinho. Ele é muito bonito.

- Entendo.

“Sei o que ela sente por homens jovens e belos”, o Duque pensou, furioso. Em voz alta pediu,

- Continue.

- Ela não reprovou Charles. Demonstrou que via aquela viagem como uma brincadeira - Geórgia prosseguiu - Então sugeriu que ambos experimentassem o brandy trazido

da França para ver se era de boa qualidade. Eles foram para a sala de estar, sentaram e beberam juntos. Quando Charles ficou bêbado e incapaz de raciocinar com clareza

Caroline obrigou-o a assinar... uma confissão.

Fez-se silêncio, Geórgia virou o rosto para que o Duque não visse suas lágrimas. Ele estendeu a mão e segurou a dela, num gesto solidário, sentiu que ela tremia.

Por fim ela olhou para ele e concluiu a narrativa,

- Meu irmão não tinha consciência do que estava fazendo, ele pensou que nossa madrastra gostava dele, que era amável e compreensiva. Agora que você sabe toda a verdade,

certamente entende que devo fazer o que Caroline ordena. Se eu não obedecer, ela apresentará a confissão de Charles ao almirante. Ele ficará arruinado, será

publicamente.

- A situação de Charles é mesmo execrável - o Duque reconheceu - No entanto, ainda acho que algo pode ser feito. Não se desespere.

- Tenho passado noites em claro, rezando para encontrar uma solução. Mas você não imagina como minha madrastra é ambiciosa e vingativa. Nunca disse isto a ninguém,

mas vou dizer agora, Sr. Ravel, Caroline detesta Charles porque ele não correspondeu às atenções que ela lhe dispensava. Meu irmão não a acha atraente, compreende?

Asseguro que Caroline prejudicará Charles assim que surgir a oportunidade. Ela ainda não o denunciou, apenas por causa do lucro que damos com as cargas, que

transforma

em ouro.

O Duque reconheceu que Geórgia tinha razão. Conhecia Caroline muito bem e tinha certeza de que era só o dinheiro que a impedia de se vingar do jovem que recusara

seus avanços.

Podia entender também que um rapaz decente como Charles teria repellido a idéia de se envolver amorosamente com a própria madrastra. Tais escrúpulos jamais abalariam

Caroline e se ela não achasse muito útil as mercadorias contrabandeadas, já teria denunciado o enteado tempos atrás.

- Seu problema é sério, mas não se desespere - o Duque repetiu - Como se diz, “a noite é sempre escura, mas há o amanhecer”. Venceremos os obstáculos um a um. Talvez

cheguemos a acertar tudo bem antes do que você imagina.

Geórgia dirigiu um sorriso molhado de lágrimas, sabendo que a intenção dele era reanimá-la. Sentia, porém que nada podia aliviá-la do pesado fardo que carregava.

Olhou para o Duque, agradecida, e notou como ele era bonito e como estava elegante usando aquele casaco de corte impecável e a gravata engomada, muitíssimo bem frisada.

Isso a fez lembrar que usava um traje de montaria fora de moda e desbotado. Puxou o chapéu mais para frente da testa enquanto pensava de modo desafiador,

“Que importância tem? Quando tudo terminar ele desaparecerá e eu permanecerei em Four Winds.”

- E melhor continuarmos a viagem - o Duque sugeriu.

Os cavalos haviam tomado água e acabavam de ser escovados. Eles partiram evitando novamente as estradas com muito tráfego. Atravessaram aldeias prósperas e às quatro

da tarde pararam mais uma vez para comer.

O Duque escolheu carne assada e Geórgia costeletas de cordeiro que mal provou. De repente, ela declarou,

- Não posso continuar. Por favor, deixe-me voltar para casa. Sei que esta viagem é inútil. Vou desapontá-lo e deixá-lo irritado, pois cometerei alguma tolice. Quando

mais penso no homem que eu trouxe da França, mais me convenço de que será impossível reconhecê-lo.

- Você está nervosa e isto a faz não ter confiança em si mesma. Pode acreditar que irá reconhecer o tal Jules assim que o vir - o Duque afirmou.

- Não quero ir a Londres. Oh, você pode me considerar uma tola, mas já disse que não gosto da chamada alta sociedade nem de gentlemen.

- Nem todos os que freqüentam a alta sociedade são como aqueles ordinários que pertencem ao círculo de sua madrasta. Tenho amigos de quem você irá gostar. Quanto

a mim, acredito que não me detesta, não é mesmo?

- Você parece diferente daqueles amigos de minha madrasta - Geórgia admitiu - Mas o que sei a seu respeito? Nós não devíamos sequer estar viajando sozinhos. Nenhuma

mulher bem-nascida viaja com um desconhecido.

- Lembre-se de que não somos apenas uma jovem bem-nascida e um cavalheiro fazendo uma viagem de lazer. Somos duas pessoas envolvidas numa guerra! Encare desta forma,

somos armas para lutar contra Bonaparte.

- Sinto muito pela demonstração de fraqueza - Geórgia levantou a cabeça altivamente - Falei sem pensar, perdoe-me.

- E fácil perdoá-la. Prefiro vê-la quando não está agressiva - O Duque sorriu - Confesso que tive medo de você quando a vi pela primeira vez. Uma mulher valente,

masculinizada, usando roupas de homem! Agora tenho a impressão oposta a seu respeito.

Geórgia riu.

- Eu gostaria de ser mesmo valente.

- Sabe o que pensei quando soube que era casada?

- Não. O que foi?

- Tive pena do seu marido. A propósito, ele não tem a menor idéia de que a

esposa, neste momento, está indo a Londres para frustrar uma séria trama de Napoleão.

- Não quero falar sobre meu marido - cortou Geórgia, enrubescendo.

- Nem eu. O que me alegra é saber que estando seu marido distante e sendo você casada, tem mais liberdade de fazer certas coisas, que seriam impossíveis para uma

mocinha solteira. Para começar, seria um escândalo uma moça solteira viajar sozinha com um homem. Outro exemplo é nada impede que uma mulher flerte com cavalheiros

ou receba deles alguns elogios, caso isso lhe agrade - o Duque falou em tom provocativo.

- Para mim tudo não passa de frivolidade e não me interessa - redarguiu Geórgia, os olhos dardejantes.

- Agora que você voltou a ser a mulher valente, estou perdido - observou o Duque, rindo.

- Não seja ridículo! - Geórgia se zangou e ficou de pé - Vamos continuar a viagem se não quisermos chegar a Londres tarde demais.

Escurecia quando o Duque e Geórgia refrearam os cavalos diante de uma casa, na Half Moon Street. Ele desmontou e pediu a Geórgia,

- Espere-me aqui enquanto falo com um amigo.

- Você não se demora? - perguntou Geórgia com voz curiosamente infantil.

O Duque percebeu que as ruas movimentadas, as casas imponentes, as carruagens elegantes e os olhares que ela recebia de alguns passantes a estavam deixando nervosa.

Olhando ao redor viu um menino parado, chamou-o e pediu para segurar seu cavalo.

- Cuide da Lady também - acrescentou, dando ao garoto uma moeda que fez com

que ele arregalasse os olhos, encantado - Se alguém aborrecer Sua Senhoria, vá me chamar.

Estarei na casa da frente.

Com largas passadas, o Duque atravessou a rua e bateu a elegante aldrava de prata de uma porta trabalhada que se abriu quase imediatamente.

- O Capitão Carrington está?

- Sim, está no andar superior, Sir - respondeu o laçao.

O Duque subiu depressa a escada e entrou na sala de estar onde encontrou Peregrine descansando preguiçosamente em um dos sofás, tendo na mão um copo de brandy.

- Por Júpiter! Eu não o esperava, Trydon! - o amigo exclamou ao ver o Duque entrando na sala. Acrescentou em outro tom - O que você fez com meu casaco, droga?

- Compro outro - tornou o Duque descuidadamente - Ouça, Peregrine, preciso da sua ajuda.

- Pela sua aparência vejo que precisa mesmo! - o Capitão frisou, continuando a examinar o Duque - Minhas botas! Realmente, Trydon, você parece um verdadeiro marginal.

O que andou aprontando?

- E uma longa história...

- Antes de você começar - Peregrine interrompeu-o - quero contar os maus momentos que passei depois que você partiu. Foi uma confusão. Sua madrinha não ficou nem

um pouco satisfeita com a explicação que lhe dei. Quanto àquela garota, Isobel Dalguish amanheceu com uma cara! Andava pela casa com a expressão mais desconsolada

que já vi.

- Sim, sim. Era de esperar - cortou o Duque impaciente - Depois você me conta o que aconteceu. Ouça, Peregrine, há uma mulher lá fora à minha espera...

- Oh, outra mulher! - Peregrine admirou-se - Imaginei que você quisesse manter distância delas para sempre!

- Não é o que você está pensando. Bem, essa mulher é uma contrabandista.

- Uma contrabandista?! Envolveu-se com ela? Está louco?

- Pelo amor de Deus, pare de me interromper e me deixe contar toda a história. Enquanto falo, eu agradeceria se me oferecesse um copo de brandy, minha garganta está

raspando.

- Nunca mais empresto nada do que é meu - Peregrine resmungou ao servir a bebida ao amigo - Jason vai ter um ataque quando vir essas botas.

- Pare de falar em roupas e suas botas! - o Duque protestou - O assunto é muito importante, Peregrine, e tem a ver com a segurança da Inglaterra.

Foi o bastante para o Capitão ficar sério e ouvir com a maior atenção tudo o que o amigo tinha para contar.

- Nunca ouvi uma história tão fantástica! - Peregrine comentou, tendo os olhos arregalados, quando o Duque terminou a narrativa - Se eu não soubesse que você é um

homem sério e controlado, eu diria que andou bebendo e metido em briga nessas horas em que esteve ausente Trydon.

- Tudo o que disse é a pura verdade - assegurou o Duque - Quero saber o que faremos com Geórgia. Para começar, ela não tem roupas adequadas para ir à Carlton House.

Você há de convir que lá é o lugar onde, mais provavelmente, encontraremos o assassino.

- Essa mulher é apresentável?
- Eu diria que terá boa presença se estiver bem vestida. Você compreende, ela é nossa única chance de saber quem é o assassino.
- Então só essa contrabandista sabe como é o tal francês enviado por Napoleão - Peregrine murmurou.
- Você está ficando rápido nas suas conclusões - ironizou o Duque,
- Está bem, está bem. Só podemos recorrer a uma pessoa.
- A quem?
- Vovó.
- Quer dizer, a viúva Lady Carrington? - A expressão do Duque era de pasmo.
- Por que o espanto? Vovó está em ótima forma, sempre foi muito ativa, era considerada avançada demais para sua época, e quando mais moça era a única mulher a conduzir

com grande habilidade, os seis cavalos que puxavam sua luxuosa carruagem. O que é mais posso apostar que ela irá adorar participar de uma trama como esta.

- Se você acha que é o melhor a fazer...

A porta abriu interrompendo o Duque. Os dois cavalheiros voltaram-se e viram Geórgia.

- Desculpe-me por ter vindo até aqui. Fiquei constrangida enquanto o esperava, Sr. Ravel. As pessoas me olhavam de um modo curioso - ela falou em tom de queixa.
- Eu já ia sair - explicou o Duque - Quero apresentar meu amigo, Capitão Peregrine Carrington, Capitão, a Sra. Baillie.

Peregrine que olhava para Geórgia muito surpreso perguntou ao amigo,

- É esta a contrabandista? Imaginei que fosse uma mulher corpulenta e masculinizada.

- Eu não disse que era corpulenta, só mencionei que usava roupas masculinas - o Duque corrigiu-o.

Ele voltou-se para Geórgia.

- Já contei nossa história ao Capitão e ele concordou em nos ajudar.

- Obrigada - Geórgia agradeceu - Isso me alegra e deixa aliviada porque estou exausta. Apesar do que eu disse sobre não cair da sela, é o que farei se tiver de ir muito além daqui.

- Por favor, sente-se - Peregrine convidou depressa - Você não devia estar aqui, sozinha com dois cavalheiros. Não é de bom-tom, você sabe disso.

- Não é de bom-tom para quem? Para Ladies bem-nascidas ou para contrabandistas e mulheres masculinizadas? - Geórgia indagou, rindo.

- Para as mulheres - respondeu Peregrine, sério.

Geórgia sorriu e retrucou,

- Esta mulher é, sem dúvida, uma exceção.

CAPÍTULO VII

Geórgia sentou no sofá e aceitou, agradecida, o copo de vinho que Peregrine ofereceu. Percebendo que os cavalheiros se sentiam um tanto embaraçados na sua presença,

perguntou timidamente,

- Preferem que eu fique lá fora? Talvez eu os esteja atrapalhando.

Peregrine olhou para o amigo de modo questionador.

- Você não nos atrapalha - o Duque respondeu suavemente - O Capitão acha apenas que não fica bem uma Lady entrar na casa de um homem, compromete sua reputação.

- Mas eu sou casada - Geórgia defendeu-se.

O Duque sorriu.

- Lamento dizer, mas uma aliança no dedo não torna a sua atitude mais aceitável por aqueles que estabelecem as convenções sociais.

O rosto de Geórgia se tingiu de vermelho.

- E melhor eu sair - disse, erguendo-se do sofá.

- Absolutamente! Fique! - o Duque pediu depressa - Você já está aqui mesmo. Temos muito que conversar. Meu amigo, o Capitão Carrington já resolveu um dos nossos

problemas, ele vai levá-la à casa da avó. A viúva Lady Carrington cuidará de você.

- Não... não... Eu não gostaria de molestar uma pessoa estranha - Geórgia discordou.

- Infelizmente, não há alternativa se queremos mesmo pôr nosso plano em prática - o Duque insistiu - Lady Carrington a hospedará por pouco tempo, apenas até descobrirmos

quem é o francês que procuramos. Compreenda que se você não tiver o apoio e a companhia de uma pessoa do beau monde, não conseguirá um convite para ser recebida

na Carlton House.

- Está bem, compreendo - Geórgia murmurou, baixando a cabeça, o chapéu de veludo, empoeirado, escondeu sua expressão preocupada.

- Peço licença por um momento, Sra. Baillie - disse Peregrine, quebrando o silêncio - Vou escrever um bilhete me desculpando com a pessoa com quem eu iria jantar.

Em seguida, iremos até a casa de vovó.

- Antes de você escrever o bilhete e mandar alguém levá-lo, diga a um dos lacaios para deixar os cavalos nas minhas cavalariças e também para me trazer o coche,

imediatamente - pediu o Duque, indo com o amigo até a porta.

Ouvindo isso, Geórgia não pode deixar de refletir, com uma sensação de alívio, que se o Sr. Ravel possuía cavalariças próprias e um coche, seus problemas não seriam

financeiros. Ela teria remorsos se desse despesa que ele não pudesse pagar.

Lembrando que durante a viagem ele pagara as refeições e gratificara generosamente os cavaleiros, que cuidaram dos cavalos nas estalagens onde haviam parado, Geórgia

teve ainda mais certeza de que dinheiro não faltava ao cavalheiro que a acompanhava.

Olhando ao redor, admirou a sala decorada com elegância, com móveis valiosos, bem cuidados, os quadros sobre temas esportivos com molduras antigas, e as ricas cortinas

de damasco. Subitamente teve medo. Estava num mundo do qual nada sabia e iria se hospedar na casa de uma senhora, que certamente a desprezaria por considerá-la uma

contrabandista.

Sentiu uma vontade súbita de fugir, de refugiar-se em Four Winds. Lá as coisas eram difíceis por causa do contrabando, ela arriscava constantemente a própria vida

e a dos homens que trabalhavam na fazenda. Mas, pelo menos, vivia entre pessoas que a conheciam e a compreendiam. Londres representava o desconhecido e parecia uma

cidade assustadora.

Assim que o Duque voltou para junto dela, Geórgia levantou-se depressa e

suplicou,

- Por favor, leve-me de volta. Não posso ficar nem ajudá-los, pelo contrário, os envergonharei. Por favor, Sr. Ravel, leve-me para casa.

- Por quê? O que a aborreceu? - o Duque quis saber.

- Estou com medo - Num gesto automático ela segurou o braço de Duque.

Notando que os lábios e as mãos dela tremiam, o Duque fitou-a com uma expressão de incredulidade. Acostumado a ver homens com o mesmo comportamento no campo de batalha,

ele soube o que fazer.

- Está com medo? É difícil acreditar! - falou em tom severo - Vi como você comandou ontem à noite uma tripulação de homens fortes, como os livrou e se livrou das

balas, sem a menor demonstração de fraqueza, sem um gemido! Qualquer outra mulher teria ficado histérica. Também foi você quem ordenou aos homens que fossem para

as suas casas, quando chegamos sãos e salvos à praia e me ajudou a cuidar de um homem que agonizava. Depois esperou com calma que eu atirasse o corpo ao mar e voltasse

para a gruta. E agora se mostra atemorizada?

Aos poucos, o medo foi desaparecendo do rosto de Geórgia, mas suas mãos ainda tremiam.

- Mas eu quero voltar para o campo - ela insistiu, embora com a voz mais calma

- Sei que não o ajudarei em nada.

- Nada poderei fazer sem você. Como conseguirei identificar um homem que nunca vi?

- Você não pode ter certeza de que ele está em Londres.

- Está aqui, sim - o Duque afirmou - Sabemos qual é a missão dele e, é claro, ele estará perto do Príncipe. Temos o dever de impedi-lo de executar a ordem de Napoleão.

Coragem, Geórgia! Esta é uma qualidade que nunca lhe faltou até agora.

- Coragem! O que me anima e me dá forças é saber que luto por amor a alguém, não por mim.

- Meu bom Deus! E agora, por quem você está lutando, senão por seu irmão e pelo país que ele defende, servindo na Marinha? Está lutando por todos, homens, mulheres

e crianças ingleses. Já imaginou o que significará sermos derrotados por Bonaparte? Você não tem idéia das privações, da fome e do sofrimento que suportam os países

sob o tacão daquele ditador! Vi na Península os camponeses subjugados pelo inimigo, expulsos de suas casas, de suas terras, andando pelas estradas, famintos, sedentos

e miseráveis.

Geórgia deixou-se cair no sofá e cobriu o rosto com as mãos.

- A morte do Príncipe minará o moral do nosso povo, causará tumultos e grave crise política, arruinando o país - prosseguiu o Duque - Agora, mais do nunca, a Inglaterra

precisa de sua coragem, Geórgia.

- Sinto muito - ela desculpou-se humildemente, descobrindo o rosto. Tinha lágrimas nos olhos - Eu estava pensando só em mim. Perdoe-me.

- Assim é melhor - o Duque aprovou - Você verá que a avó do Capitão Peregrine, não é assustadora como os agentes do fisco ou os soldados da guarda marítima.

Um débil sorriso marcou os lábios de Geórgia.

- Perdoe-me - ela repetiu - Você sabe que não gosto da sociedade. Se Lady

Carrington é uma senhora idosa, deve ser diferente das pessoas que conheço.

- Muito diferente daqueles que cercam a sua madrasta - o Duque afirmou - Prometo que você nunca ficará sozinha. Peregrine e eu faremos tudo para protegê-la do tipo

de pessoas que você teme e detesta.

O brilho súbito nos olhos de Geórgia revelou ao Duque que usara o argumento certo para tranquilizá-la.

“E Ravenscroft quem está atrás de tudo isto”, ele pensou indignado. “Ah, o miserável! Um dia ainda acertarei as contas com aquele bruto!”

Peregrine voltou apressado.

- Já tomei todas as providências - anunciou - A carruagem estará aqui em poucos minutos. Não será um longo trajeto. Vovó mora na Grosvenor Square.

O Duque foi até a janela e um instante depois avisou,

- Meu coche já está lá embaixo. Vamos, Geórgia.

Peregrine foi à frente e o Duque segurou na mão de Geórgia, sentindo-a gelada. Para infundir-lhe confiança ele achou que devia revelar sua verdadeira identidade.

Não havia contado antes que era um Duque, receando não ser bem aceito por Geórgia e Nana, mas agora não havia mais necessidade dele continuar omitindo seu título.

- Ouça Geórgia, há uma coisa que você deve saber...

Não houve tempo de terminar. Peregrine apareceu à porta e chamou-os,

- E melhor andarmos depressa. Devemos chegar à casa de vovó antes do jantar. Ela detesta ser interrompida às refeições.

- Estamos indo - disse o Duque.

Na carruagem, ele organizou mentalmente o que ia dizer para explicar o motivo

de ter omitido seu título.

Havia também a questão dele ter dito que estava com problemas. Não custava dizer que naquela noite fugia de mulheres, que pretendiam agarrá-lo para marido. Mas seria

Geórgia capaz de entendê-lo?

“Que vão todas para o inferno!”, pensou.

Geórgia estava entretida, olhando pela janela da carruagem.

- Que prédios altos! - exclamou - E há tantas pessoas por toda parte. Olhe! Ali está um homem apresentando números com um urso amestrado e um macaquinho usando casaco

vermelho! Quando eu era criança mamãe falava sobre esses artistas ambulantes e sempre tive vontade de vê-los.

- A meu ver há mendigos demais nas ruas - assinalou o Duque - Medidas devem ser tomadas para acabar com a mendicância.

- Você fala como um pomposo homem público - disse Peregrine, rindo - Não permita que ele seja tão arrogante, Sra. Baillie.

Geórgia olhou para o Duque com curiosidade.

- Arrogante? - repetiu - Não concordo com você. E não gosto de pessoas que riem à toa.

Sabendo que ela estava pensando nos amigos de Caroline, ruidosos e com o riso fácil, o Duque virou-se para Peregrine e provocou-o,

- Viu só? Você podia passar sem essa, Capitão! Trate de ser mais circunspeto no futuro.

- Sabe o que eu penso Sra. Baillie, depois de ter ouvido meu amigo Trydon contar o que aconteceu? - indagou Peregrine.

- Não, não sei. O que é?

- Acho que você leva a vida muito a sério. Você é bonita, jovem e deve aprender a se divertir, a ser mais alegre.

- Eu, bonita? - Geórgia questionou incrédula.

- Claro, muito bonita - Peregrine assegurou - Espere só até estar bem vestida, enfeitada com rendas e babados. Minha avó sabe perfeitamente onde comprar os trajes

mais lindos e elegantes de Londres. Então você surpreenderá a todos!

- Você acredita que isso seja possível? Não está brincando? Sei que a minha aparência no momento é desastrosa, mas se eu puder me arrumar de modo a não envergonhar

o Sr. Ravel, ficarei muito feliz.

- Posso jurar que eu disse a pura verdade. Bem vestida você causará inveja às belas Ladies da sociedade.

- Oh, eu gostaria de acreditar em você! - Geórgia suspirou.

Inclinando-se, Peregrine segurou a mão dela.

- Quer fazer uma aposta? Se quiser, aposto meu anel de ouro, com sinete, contra uma de suas luvas, que quando Trydon e eu a levamos à Carlton House, todos os cavalheiros

do salão ficarão admirados com sua beleza e loucos para saber quem você é.

- Que absurdo está dizendo, Capitão! - Geórgia protestou, rindo - Bem, se acontecer, vejamos um quarto do que você disse, pelo menos perderei um pouco da minha timidez!

- Pode acreditar em tudo - disse o Capitão em tom firme.

Erguendo a mão que segurava, ele a beijou.

Observando os dois, o Duque tinha uma expressão de perplexidade.

Estava estranhando a atitude do amigo. Mas teve certeza de que Peregrine queria

fazer com que Geórgia tivesse confiança em si mesma e afastasse seus temores.

Mais uma vez o Duque achou que Geórgia era admirável. Ele duvidava que qualquer uma das mulheres suas conhecidas, teria suportado tudo o que ela passara naquelas

vinte e quatro horas sem desfalecer.

Quando eles chegaram à casa da viúva Lady Carrington, Geórgia, apesar do cansaço e das apreensões, desceu da carruagem com agilidade e graça e entrou no grande hall

de mármore com a cabeça bem erguida.

- Você e Geórgia esperem na sala ao lado - disse Peregrine ao Duque - Vou falar com vovó.

Ele apenas acenou para o mordomo e adiantou-se para abrir a porta de uma ampla sala de estar bem decorada e enfeitada com grandes vasos de flores que perfumavam

o ar. Embora fosse verão, não fazia calor, e a lareira estava acesa.

Peregrine dirigiu a Geórgia um sorriso tranquilizador e saiu, fechando a porta.

- Que casa grandiosa! - Geórgia admirou-se, olhando ao redor - Será que Sua Senhoria me receberá como hóspede?

- Se isso não acontecer, pensaremos em outra senhora para ser sua chaperon. Não se preocupe - o Duque falou em tom confiante.

- Você e as pessoas com quem se relaciona são sempre muito seguros de si, não é mesmo? - O tom de Geórgia era levemente acusador - Gostei do seu amigo, Capitão Carrington,

mas acredito que sua vida tem sido maravilhosamente confortável e mansa. Ele nunca teve aborrecimentos nem correu riscos.

- Engana-se - o Duque discordou - Quando estivemos lutando na Península uma tropa caiu numa emboscada. Peregrine e dois sargentos, sozinhos, carregaram

doze soldados

feridos, mas vivos, para um lugar seguro. Eles fizeram isso bem debaixo do nariz dos franceses e só não foram vistos porque estava escuro e chovia torrencialmente.

Reinou na sala um instante de embaraçoso silêncio. Pouco depois, Geórgia falou humildemente,

- Sinto muito. Eu não devia ter feito tal comentário. Eu tinha a idéia de que as pessoas alegres, que riam muito, eram completamente despreocupadas e mesmo licenciosas.

- Posso fazer uma observação sem que você se ofenda?

- Claro.

- Os homens e mulheres que formam o círculo de sua madrasta não pertencem ao que é tido como a melhor sociedade. Eles podem ter título de nobreza, porém são considerados

vulgares e são desprezados pelas pessoas decentes. As mulheres então me desculpe por ser rudemente franco, não são aceitas nas casas mais respeitáveis.

- Era exatamente o que eu pensava. Nunca expus o que se passava em minha mente por ser mesmo uma tola.

- Você não é tola - o Duque a contradisse - Você foi bem educada demais para compreender essa sociedade degenerada na qual tais pessoas vivem.

- Minha mãe era tão diferente - Geórgia falou com suavidade - Mas ela raramente vinha a Londres. Meus pais viviam muito felizes no campo. Creio que papai sentiu-se

muito só depois da morte de mamãe e... por isso... casou novamente.

- E casou sem saber que tipo de esposa havia escolhido - tornou o Duque secamente.

- Você não faz idéia do que minha madrasta é capaz - Geórgia falou, abaixando a

VOZ.

Como ele sabia do que Caroline era capaz! Foi o que Duque pensou, mas não iria falar sobre isso. Achou que era o momento de revelar a verdade sobre si mesmo. A entrada

de Peregrine na sala adiou a ocasião mais uma vez.

- Vovó ficou maravilhada - ele declarou - Nada a empolga tanto como uma história de suspense e mistério. Para ela, é o máximo ter papel coadjuvante nesse plano secreto

de descobrir um assassino. E a simples idéia de providenciar roupas adequadas para você, Sra. Baillie, remoçou-a vinte anos. Vovó irá hospedá-la e está entusiasmada

como uma debutante planejando seu primeiro baile!

- Oh, essa notícia me dá novo ânimo - Geórgia respirou aliviada - Receei que Sua Senhoria não me aceitasse.

- Pelo contrário. Ela espera que você demore vários dias para encontrar o francês que está procurando - salientou Peregrine.

- Você recomendou a Lady Carrington para ser discreta? - indagou o Duque, tendo na testa uma ruga de preocupação.

- Você não conhece minha avó - rebateu o Capitão - Podem contar todos os segredos do Ministério da Guerra, que ela não os revelará a quem quer que seja. Vovó não

é tagarela e indiscreta como metade das velhas aristocráticas da nossa sociedade, as que freqüentam o Almack's, por exemplo.

- Peço desculpas - O Duque fez uma reverência diante do amigo.

- Venha Sra. Baillie - Peregrine convidou Geórgia e precedeu-a para abrir a porta.

Depois dela passar para o corredor, Peregrine voltou-se para o Duque e

perguntou em voz baixa,

- Já lhe disse quem você é?

O Duque meneou a cabeça negativamente.

- Nesse caso fiz bem de avisar vovó que você mantinha-se incógnito. Porém é muito fácil ocorrer um deslize. Vovó pode mencionar seu título involuntariamente - Em

outro tom, Peregrine aconselhou o amigo - Vá para a sua casa, vejo que está cansado. Deixe a Sra. Baillie por minha conta. Depois de apresentá-la a vovó, irei encontrá-lo.

- Está bem - o Duque concordou.

Estava desapontado por não ver o encontro das duas Ladies, mas lembrou que precisava trocar-se com urgência.

- Boa noite, Geórgia - despediu, estendendo a mão.

- Você já vai? Vou ficar sozinha? - A apreensão voltou aos olhos de Geórgia.

- Você ficará em muito boas mãos e excelente companhia - contrapôs o Duque - Além disso, precisa dormir. Voltarei amanhã cedo e então faremos nossos planos.

Sentindo a mão gelada na sua, ele levou-a naturalmente aos lábios.

“Pobre criança!”, pensou ao subir no coche.

Uma hora mais tarde, depois de ter tomado banho e trocado de roupas, o Duque esperou por Peregrine na sala de estar. Passaram alguns minutos e nem sinal do Capitão.

O Duque serviu-se de uma taça de champanhe e enquanto tomava o vinho lembrou de algo que ficara no fundo da mente e agora vinha à superfície.

Certa noite, logo que se apaixonara por Caroline, ambos se deitaram na cama em forma de concha prateada. Ele despertara de madrugada e percebera que estava

sozinho

no quarto mergulhado na penumbra, iluminado apenas do fogo mortiço, quase extinto, vindo da lareira.

Por uns segundos, ainda sonolento, ele tentara refletir para saber onde Caroline poderia estar. Pouco depois, com as pálpebras semicerradas, vira-a entrando no quarto

pela porta que se comunicava com o cômodo vizinho, onde ele se despira e deixara as roupas.

Descalça, usando uma diáfana camisola clara e andando silenciosamente sobre o tapete, Caroline parecia um fantasma. Vendo que ela carregava algumas moedas de ouro,

Trydon não quis acreditar que a amante se levantara da cama para roubá-lo.

Naquela noite, ele ganhara muito dinheiro no jogo e dera a ela metade do que recebera. Voltaram para casa, carregados de moedas de ouro e Caroline guardara seus

guinéus numa gaveta do toucador.

Trydon deixara descuidadamente sua parte nos bolsos da calça e do paletó, misturada com o dinheiro que possuía antes de sentar à mesa de jogo.

Não tivera o cuidado de contar a quanto montava sua pequena fortuna e sabia que pela manhã, não poderia dizer quanto Caroline lhe roubara. Ao mesmo tempo, considerando

que repartira o lucro com ela, ficara aborrecido e zangado com tamanha ambição.

Caroline não voltara logo para a cama, ficara por um instante diante do fogo olhando para o dinheiro. Estava tão linda tendo o corpo delineado contra a claridade

que, esquecendo a zanga, Trydon sentira despertar seu desejo por ela. Vira-a abrir depressa o guarda-roupa, tirar da última prateleira uma caixa de papelão,

redonda,

dessas usadas pelos fabricantes para entregar chapéus e gorros aos clientes, e ouvira o leve tilintar das moedas caindo no fundo da caixa.

Depois de devolver a chapeleira ao lugar de onde a havia tirado, Caroline fechara a porta do guarda-roupa silenciosamente e voltara para a cama. Estava tão desejável

que em vez de censurá-la pelo que havia feito, Trydon puxara-a para seu lado. Tinha coisa mais urgente para dizer e para fazer...

Nunca tocara no assunto e praticamente o esquecera. Só agora, tendo o incidente lhe aflorado à memória, ocorreu que, se era naquela chapeleira que Caroline escondia

as coisas valiosas, certamente esse hábito não havia mudado naqueles poucos anos.

Logo após o banho, tendo relaxado, o Duque sentira sono, cansaço e os músculos doloridos, por causa de ter passado a noite remando e ainda cavalgado o dia todo.

Mas suas reflexões deixaram-no, de repente, cheio de vigor e energia. Deixou a taça sobre a mesinha lateral e ficou de pé.

Chamou o mordomo e pediu para avisar o Capitão Carrington, quando chegasse, para não esperá-lo.

- Não sei a que horas devo voltar Hargraves. Diga ao chef que jantarei assim que eu chegar.

- Mando preparar o coche, alteza?

- Não, irei a pé. O lugar para onde vou, fica bem perto daqui.

- Mas... Alteza...

O mordomo não terminou a frase, pois o Duque já se afastara.

Casualmente, sem ter realmente interesse nisso, o Duque havia perguntado a Geórgia onde sua madrastra morava, e ficara sabendo que Sir Hector comprara para a esposa

uma casa luxuosa na Charles Street. Essa rua ficava a apenas alguns minutos de caminhada da Berkeley Square, onde o Duque morava.

Chegando à porta da frente da casa de Caroline ele viu pelas vidraças as cortinas todas corridas e nenhuma luz no hall. Isso revelou que proprietária, obviamente, não retornara do campo.

“Era o que eu esperava”, disse ele a si mesmo.

Deu a volta e foi até as cavalariças, voltadas para a outra rua que estava quase deserta. Nas baias, os cavaleiros escovavam os cavalos, alheios aos passantes.

Sem a menor dificuldade, o Duque entrou na casa pelo jardim que ficava na parte dos fundos do prédio. Segurando no cano que terminava numa barrica de água, subiu

até uma das janelas do andar térreo, acima do porão. Ergueu a vidraça e passou para o interior de um cômodo mergulhado na escuridão.

Ficou por um momento imóvel, atento. A casa toda estava em silêncio. Tateando, encontrou um castiçal sobre a secrétaire. Acendeu a vela e olhou ao redor. Estava

em uma sala em “L”, elegante e luxuosamente mobiliado. As cortinas e o estofamento das poltronas, cadeiras e sofás eram cor-de-rosa, a cor favorita de Caroline.

Por toda parte havia finos e valiosos enfeites de porcelana.

Carregando o castiçal, o Duque abriu a porta que dava para o hall. Sabia como tais casas eram planejadas e teve certeza de que no porão ficavam as dependências dos

criados, no andar térreo, onde ele se achava, havia a cozinha, a área de serviço, as salas, o escritório e os salões. Os dormitórios e apartamentos ocupavam o piso

superior.

Os aposentos de Caroline, os melhores da casa, deviam estar localizados no final do corredor, abrindo-se tanto para a rua como para o jardim.

O Duque subiu a majestosa escadaria de mármore, seguiu pelo corredor à sua direita e abriu a última porta. Não se enganou. Acendeu todas as velas do candelabro que

encontrou sobre o toucador e viu que o leito de Caroline agora não era mais no formato de uma concha prateada. Tinha um cortinado de chiffon rosa pálido que pendia

do teto, de uma corola de anjos dourados.

Sem perda de tempo, o Duque levou o candelabro até o armário embutido, com quatro portas. Abriu duas e não achou o que o interessava. Na terceira, encontrou diversas

chapeleiras. Ergueu três delas, eram leves demais para conter alguma coisa além de chapéus. A quarta era pesada. Desceu-a da prateleira, depositou-a no chão, abriu-a

e, como imaginava, descobriu o esconderijo de Caroline.

Ali era uma espécie de cofre onde ela guardava seus segredos como um esquilo armazena nozes.

Na chapeleira havia jóias, moedas de ouro e dois maços de cartas e documentos. Rapidamente o Duque desfez o laço da fita que amarrava um dos maços. Foi abrindo uma

a uma as folhas de papel tendo a testa franzida.

O que leu deixou-o revoltado. Caroline, era evidente, estava conseguindo uma fortuna chantageando pessoas.

As vítimas da chantagem eram jovens como Sir Charles Grazebrook. Todos haviam cometido algo ilegal ou contra as convenções sociais, algo que, se revelado, provocaria

um escândalo ou levaria o rapaz envolvido à prisão.

Caroline era uma Circe muito experiente e sedutora, da qual seus escravos forçados não tinham como escapar. Depressa, o Duque guardou o maço de papéis no bolso do

paletó e pegou o outro, menor.

A confissão de Charles Grazebrook era a primeira folha de papel que ele abriu. Havia outras, mas ele não as leu. Já encontrara o que buscava. Guardou o segundo maço

em outro bolso e devolveu a chapeleira ao lugar de onde a havia tirado.

Entretido como estava, não ouviu barulho nenhum na casa. Mal acabou de fechar a porta do armário, sobressaltou-se com o som de passos e voz aguda e ríspida de Caroline,

uma voz que podia tornar-se tão suave e acariciante quando lhe convinha.

- Acendam as velas! E você, mande buscar uma garrafa de vinho na adega e avise a cozinheira que o jantar deve ser servido dentro de uma hora - ela ordenou
- Vamos,

depressa! Se não são capazes de fazer a contento o trabalho para o qual foram contratados, nada mais fácil do que substituí-los por criados mais competentes.

Em questão de segundos o Duque fechou o armário e deitou na cama.

Quando Caroline entrou no quarto encontrou-o recostado nos travesseiros, sorrindo para ela.

- Quem... diabos... - Caroline deu um pequeno grito - Quem é?

De repente, sua voz se transformou.

- Trydon... Trydon! Você voltou para mim!

CAPÍTULO VIII

Caroline sentou na cama e seus lábios buscaram os do Duque.

Ele se controlou para não demonstrar a repulsa que sentia. O perfume exótico que ela usava trouxe à mente, tão vividas, lembranças do passado.

Com voz que a idade tornara mais aguda e desagradável, ela ficou repetindo, empolgada, que estava muitíssimo feliz por rever Trydon, enquanto ele, extremamente desconfortável,

pensava em se livrar da ex-amante e sair dali o mais depressa possível. Aliviado, ouviu uma voz masculina gritando,

- Caroline! Por que demora tanto? Onde, diabos está a chave da adega?

- Ravenscroft! - exclamou o Duque.

Caroline assentiu com a cabeça.

- Vou mandá-lo embora.

- Não, não, seria um erro - o Duque apressou-se em dizer.

- Então me espere aqui. Vou buscar um copo de vinho. Seja como for, Ravenscroft não pretende se demorar. Tivemos um longo dia e ele está cansado. Além disso, ele

não está mais interessado em mim.

- Então por que ele está aqui?

- Porque sou útil e também pela nossa velha amizade.

- Caroline! - A voz vinda do outro andar era imperiosa.

- Vá! - o Duque ordenou - Seria indelicado ofender um velho amigo.

- Você me espera aqui? Espera mesmo? - Caroline perguntou insistente - Juro não me demorar.

Antes de levantar ela tentou abraçar o Duque, mas ele segurou o queixo para fazer com que ela o fitasse bem dentro dos olhos.

- Vejo que está empolgada com o nosso reencontro, Caroline. Por quê? - perguntou - Você me despediu de modo muito eficiente. Lembra-se disso?

Constrangida, ela baixou os olhos e admitiu num murmúrio,

- Fui cruel e injusta. Mas não pude evitá-lo... Ravenscroft tinha domínio sobre mim - defendeu-se - Ele detestava você acima de todos. Acredite Trydon, os outros

eram ricos e apenas me eram úteis, mas você... Você era um homem.

Pelo menos uma vez Caroline estava sendo sincera o Duque reconheceu. Teria até sentido pena daquela mulher decadente, caso não se lembrasse do som do tapa que ela

dera em Geórgia.

- Caroline! - Ravenscroft trovejou.

- Vá! - o Duque repetiu.

- Já vou! Estou indo! - Caroline gritou e saiu do quarto, apressada.

O Duque esperou o tempo suficiente de ela chegar ao andar térreo e desceu.

Do hall, agora iluminado, mas vazio, ouviu as vozes de Caroline e Ravenscroft vindas da cozinha.

Correu para o salão, fechou a porta sem fazer barulho, bateu no escuro e chegou à janela por onde havia entrado. Ao descer, sentiu apertado contra o peito os

maços de papéis, o que lhe deu imensa satisfação.

Pela manhã, o Duque esteve ocupado examinando as cartas roubadas da caixa de chapéus.

Colocou cada uma delas num envelope e endereçou-as aos legítimos donos, a maioria deles rapazes incautos. Sentiu ao fazer isso que iria dar-lhes grande alegria e

enorme sensação de alívio.

Finalmente, restaram duas folhas de papel.

Uma era a confissão de Sir Charles Grazebrook, assinada com a mão trêmula de um bêbado, a outra um bilhete de Lorde Ravenscroft.

Este ele já havia lido e deixara de lado. Pegou-o e releu-o,

“White’s Club, St. James’s

28 de março de 1809.

Minha querida Lady Grazebrook,

Uma data auspiciosa para a recepção a respeito da qual conversamos ontem, será 3 de abril. Já ordenei a Philip que providencie as carruagens.

Atenciosamente, seu fiel,

Ravenscroft.”

Na primeira leitura do bilhete o Duque havia imaginado que Lorde Ravenscroft referia-se a alguma reunião social. Mas agora, o nome “Philip” parecia saltar do papel.

Geórgia o mencionara duas vezes.

Philip era o homem que devia ter mandado um ajudante para Geórgia naquela noite em que a carga contrabandeada era muito grande. Era ele também o encarregado de retirar

de Four Winds a mercadoria que era guardada no porão.

No bilhete, Ravenscroft mencionava que Philip iria providenciar as carruagens. Poderia a tal “recepção” não ter cunho social?

Pela primeira vez, o Duque considerou que Ravenscroft provavelmente estaria associado a Caroline nas operações de contrabando. Quanto ao homem de

cinzento, ele estava

convencido de que era quem auxiliava Caroline a fazer os complicados contatos para a venda do brandy, chá, tabaco e outras mercadorias procedentes da França.

Ele estava imerso em seus pensamentos quando Peregrine entrou no quarto. Cumprimentou o amigo, sorridente,

- Bom dia, Trydon. Está descansado?

- Não muito - O Duque também sorriu.

Resumidamente ele contou ao Capitão como havia entrado na casa de Caroline, roubado as cartas e outros papéis, inclusive a confissão de Sir Charles Grazebrook, e

como Caroline o surpreendera em seu quarto.

- Mal tive tempo de atirar-me na cama e fingir que estava esperando por ela - salientou, rindo.

- Oh, bom Deus! - Peregrine admirou-se - Ela não ficou atônita ao vê-lo?

- Ficou maravilhada. Desde que herdei o título ela vem tentando pôr as garras em mim novamente. Já recebi dela alguns convites e muitos amigos me afirmaram, que

se eu voltasse para ela seria recebido de braços abertos.

- Bem, você há de convir que arranjou uma forma bem original de voltar - Peregrine riu - Caroline não fez perguntas?

- Bem poucas. Foi logo me abraçando e me beijou. Felizmente, Ravenscroft estava lá e chamou-a. Então pude escapar - o Duque rematou.

Peregrine olhou para os envelopes empilhados sobre a secrétaire e as duas outras folhas de papel.

- Caroline sugou tudo quanto pode de alguns destes tolos. Quanto aos mais ricos, continua a arrancar-lhes dinheiro - comentou com amargura - Meu primo foi

uma de

suas vítimas. Quando o infeliz rapaz viu-se sem um pêni, sem crédito e perseguido por credores, deu um tiro na cabeça. Ele não suportaria ir para a prisão da Fleet

Street. Se quer saber, Trydon, essa mulher é uma assassina.

- Você nunca me falou sobre o que aconteceu a seu primo.

- Para quê? É um episódio do qual não me orgulho, velho amigo. Um homem não deve ser fraco e idiota a ponto de permitir que uma mulher o sangre até a última gota.

A observação levou o Duque a pensar, com desconforto, que também havia sido um tanto “fraco e idiota” quando rapaz. Para mudar de assunto, entregou ao amigo o papel

que tinha na mão.

- Leia isto com atenção, depois me diga o que acha deste bilhete.

Peregrine o atendeu e comentou ao final da leitura,

- Nada vejo de extraordinário. Caroline vive oferecendo festas e recebendo amigos. A maioria de suas festas termina em orgia.

- Philip é um dos homens envolvidos com as atividades de contrabando realizadas em Four Winds - o Duque informou.

Peregrine assobiou.

- Daí você deduziu que...

- Estou apenas fazendo suposições.

- Tenho ouvido rumores de que há gente graúda atrás das quadrilhas de contrabandistas. Eles não podem financiar as viagens sozinhos. Comenta-se que há um aristocrata

muito rico e influente fazendo contrabando em grande escala. Talvez esse

homem seja Ravenscroft - opinou o Capitão.

- Pode ser - O Duque foi até a janela. Continuou a falar, estando de costas para o amigo - Toda esta história é desagradável e misteriosa. Há muitas coisas inexplicáveis,

muitas perguntas sem resposta. E, se quer saber, não gosto nem um pouco de pensar que aquela garota está envolvida com tais atividades.

- Geórgia? - indagou Peregrine.

- Geórgia - o Duque confirmou - Ela é pouco mais que uma criança, é incapaz de lidar com os tubarões perigosos que estão por trás de tudo. Devemos fazer com que

ela não tome mais parte nessas atividades ilegais e arriscadas. Ela precisa de proteção.

Atrás do amigo, Peregrine arqueou as sobrancelhas, mas não disse nada. Só mais tarde, na casa da avó, ele teve a impressão de que Geórgia era bem mais capaz de lidar

com as dificuldades e os perigos do que o Duque imaginava.

Já fazia três horas que Geórgia estava no salão de madame Bertin, na Bond Street, envolta em musselines, gazes, rendas, cetins e sedas, experimentando vestidos de

baile, conjuntos, trajes para o dia, estolas e peliças.

Ao seu redor, as costureiras alfinetavam aqui, prendiam ali e aguardavam a opinião de Lady Carrington. Esta, sentada numa cadeira de espaldar alto e tendo a seus

pés um garoto negro, levava o lornhão aos olhos e expressava seu parecer.

Trajada no rigor da moda, Lady Carrington usava vestido roxo, de cetim, em estilo diretório e chapéu do mesmo tecido, todo guarnecido com plumas também

roxas. Trazia

ao pescoço belíssimo colar com várias fileiras de graúdas pérolas orientais. Toda vez que ela movia o braço ouvia-se o tilintar de suas pulseiras, enquanto os diamantes

dos anéis que pesavam nos dedos ossudos e longos lampejavam singularmente no salão. Lady Carrington era uma mulher corpulenta e vistosa, ao conhecê-la, na véspera,

Geórgia a achara fascinante. Logo percebera que tinha nela uma grande aliada.

- Horrível! - Lady Carrington exclamou, desaprovando um dos trajes - Leve-o daqui, madame Bertin. Não vê que esse tom pastel põe em evidência a tez queimada de sol

da moça? Não consigo entender como é possível uma jovem Lady sair de casa sem um guarda-sol para proteger-lhe a pele!

No mesmo instante, Lady Carrington piscou para Geórgia e dirigiu-lhe um sorriso travesso, a dizer que sabia muito bem por que sua protegida não tinha a pele alva

como decretava a moda.

- Está certa, Milady. Tem toda razão - concordou madame Bertin - Os tons pastel não realçam os belos olhos bleu peruenche de mademoiselle. Ao mesmo tempo, cores

vivas não ficam bem para une jeune file.

- Ela não é une jeune file - corrigiu Lady Carrington - Você não notou a aliança no seu dedo?

- Sim, notei a aliança na mão esquerda, Milady - respondeu a modista - Mas Milady pareceu-me tão jovem e inocente que não imaginei que fosse casada. Desculpe-me,

Milady, desejo-lhe felicidades.

- Obrigada - Geórgia agradeceu um tanto sem graça.

- Agora compreendo por que Vossa Senhoria escolheu aquele tafetá rosa choque, a gaze azul-anil, o vestido de batista com fita verde esmeralda. São cores perfeitas

para uma Lady casada e monsieur sentirá muito orgulho da bela esposa.

Quando entrara na loja Geórgia imaginara que elas iriam comprar apenas um traje de noite para usar na Carlton House e um de musseline para o dia. Ficara surpresa

quando Lady Carrington, nada mesquinha, protestara,

- Você irá precisar no mínimo de doze trajes - ela decidira e começara a dizer a madame Bertin o que desejava, sem ouvir a opinião de sua protegida.

No momento, aproveitando que madame Bertin se afastara, Geórgia disse baixinho a Lady Carrington,

- É roupa demais, Milady. Quem irá pagar esse verdadeiro enxoval? Não tenho dinheiro comigo e não vou permitir que o Sr. Ravel.

- Nem eu aceitarei que ele pague um traje sequer-Lady Carrington interrompeu - Não, querida, estes vestidos são a minha contribuição para a nossa aventura!

- Por favor, Milady, não está certo...

Um gesto imperioso de Lady Carrington fez com que Geórgia se calasse.

- Minha criança, deixe que eu me divirta. E um prazer enfeitar uma jovem bonita como você. Faz lembrar quando eu era bem mais moça e tinha o corpo como o seu.

Depois disso, Geórgia não teve como protestar. Continuou a experimentar outros trajes, deixando o veredicto por conta de sua protetora.

Sentado no assoalho, aos pés de Lady Carrington, usando calções e casaco de cetim verde esmeralda com botões dourados e um turbante combinando com o traje, o menino

negro observava tudo impassível. Levantava-se ocasionalmente para pegar a bengala de marfim que a patroa deixava cair. A certa altura, ele cochilou e Lady Carrington

cutucou-o com a ponta do sapato para despertá-lo.

Finalmente, quando se sentia prestes a desmaiar e estava achando que experimentar roupas naquele salão quente e abafado era mais cansativo do que atravessar o canal

da Mancha, Geórgia ouviu Lady Carrington declarar que haviam comprado o suficiente.

- Quero tudo pronto para hoje, no final da tarde - exigiu.

- Impossível Milady! - exclamou madame Bertin - Mandarei entregar na Grosvenor Square, pouco antes da hora do jantar, três, talvez quatro vestidos. Os outros, só

amanhã cedo e, mesmo assim, minhas ajudantes trabalharão até altas horas da noite.

- Está bem - Lady Carrington cedeu - Espero um serviço perfeito. É claro que você deseja que a minha protegida, a mais recente e mais sensacional beldade a aparecer

em Londres, esteja muitíssimo bem vestida, usando as incomparáveis criações de madame Bertin.

Tais palavras fizeram com que Geórgia olhasse para Lady Carrington com espanto. Não dera atenção aos exagerados elogios feitos pela modista, pois compreendera que,

como comerciante, ela abusava das lisonjas para aumentar suas vendas. Mas ouvir Lady Carrington dizer que sua protegida era uma “sensacional beldade”, surpreendeu-a.

Percebendo a reação de Geórgia, Lady Carrington sorriu.

- Agora você deve usar o vestido de musseline com fitas azul turquesa. Arrume-

a, madame Bertin, da cabeça aos pés - ordenou - E mande buscar na loja vizinha loções,

pó-de-arroz e cosméticos para os lábios.

Um pouco embaraçada, Geórgia viu-se entregue aos cuidados do que lhe pareceu uma dúzia de mãos experientes, dispostas a transformá-la de camponesa em elegante Lady

da sociedade.

Notando que o vestido era muito transparente, ela desejou que o Sr. Ravel aprovasse aquela toalete ultra sofisticada e a pintura do rosto. Invadiu-a um desejo súbito

de ver admiração nos olhos dele.

Na verdade, a constrangia a expressão do Sr. Ravel quando a fitava. Sentia que ele se divertia com a sua aparência, antes de um rapaz irrequieto do que de uma mocinha

delicada e tranqüila.

Pensando em Trydon Ravel, ela fez a si mesma as perguntas, Se ele tinha problemas, por que não recorria aos amigos ricos e influentes? Se era um fugitivo, de quem

estaria fugindo e por quê? Por que se arriscaria a ir à Carlton House?

Geórgia estava tão mergulhada nos seus pensamentos que mal notou o que faziam no seu rosto. Por fim, colocaram em sua cabeça um chapéu em forma de tocado, com a

aba alta cercada de delicadas plumas, e amarrado sob o queixo.

- Voilà! - madame Bertin exclamou - Cest mer-veilleux, n'est-cepas? Uma pintura Milady! Uma pintura que só uma artista como eu poderia criar!

- Muito bem! Perfeito! - Lady Carrington aprovou - Dê uma volta, querida, quero admirá-la.

Olhando-se ao espelho, Geórgia ficou pasma. Viu-se de corpo inteiro e por um momento não pode acreditar que a imagem ali refletida era a sua.

A musseline branca, quase tão fina quanto uma teia de aranha, assentava perfeitamente no corpo esbelto, revelando as curvas suaves. As fitas azul turquesa, artigo

finíssimo vindo da França, enfeitavam os ombros, modelavam os seios delicados e caíam em cascata até a barra do vestido. Completava o traje uma jaquetinha com mangas

curtas, de tafetá, no mesmo tom azul turquesa.

Emoldurado pelo chapéu, o rosto ovalado parecia ainda menor, enquanto os olhos tornaram-se maiores. Tratada com loção de pepino a pele suavizou.

A camada de pó-de-arroz tornou-a mais alva como queriam os padrões de beleza, pois cobriu as queimaduras do sol e do vento gelado do mar. Os lábios vermelhos deram

mais vida e luminosidade ao rosto delicado.

Só as mãos, apesar da massagem com creme amaciante e a loção de pepino, ainda revelavam os maus tratos sofridos. Isso não passou despercebido a madame Bertin que

providenciou imediatamente um par de luvas, também azul-turquesa.

- Essa aí sou mesmo eu? - Geórgia indagou, indicando a imagem refletida no espelho.

- Milady terá a resposta quando souber que deixou os elegantes cavalheiros do beau monde encantados e brindando à sua beleza - disse madame Bertin com um sorriso.

- Oh, não! Espero que isso não aconteça a uma Lady como a Sra. Baillie - retrucou Lady Carrington.

Os olhos da francesa brilharam.

- Por que não? Fiquei sabendo que Vossa Senhoria era aclamada não só nos clubes de St. James, mas em toda Londres como a “Incomparável das Incomparáveis”!

- Tolice! Bobagem! - rebateu Lady Carrington, mas sorria feliz - Eu era muito alegre e, ao mesmo tempo, travessa. Sei que a Sra. Baillie é muito mais discreta e

recatada do que eu era na juventude.

- Imagino que a senhora tenha se divertido a valer - observou Geórgia.

- Sem dúvida, eu e os da minha geração éramos joviais, ruidosos, engraçados, gostávamos de festas e alegria - admitiu Lady Carrington - Éramos também mais francos,

mais abertos e sinceros. Agora há muita dissimulação e hipocrisia. Grande parte das viúvas aristocráticas dos dias atuais, frustradas que são, criticam os mais jovens

e ditam regras que os impedem de divertir-se. O Almack's está se tornando nada mais do que um lugar de tagarelice de velhas senhoras e, portanto, insuportavelmente

aborrecido.

Esse era o discurso predileto de Lady Carrington. Ela fez uma pausa, depois voltou para Geórgia e completou,

- Entretanto, querida criança, iremos ao Almack's esta noite. Meu neto terá o prazer de nos acompanhar. Hoje Peregrine irá almoçar em casa e falarei com ele sobre

o assunto.

Lady Carrington levantou da cadeira e o garoto negro correu à frente dela para abrir a porta.

- O que devo fazer com o conjunto de montaria da Sra. Baillie? - quis saber madame Bertin.

- Queime-o! - ordenou Lady Carrington antes de Geórgia se manifestar - Queime-o e queime com ele também o passado. A Sra. Baillie está começando uma vida nova, num

ambiente novo.

Geórgia não ousou discordar. Ficou, porém, imaginando o que iria acontecer quando voltasse para Four Winds. A “vida nova” iria durar quantos dias? Vendo que Lady

Carrington já se achava na calçada, seguiu-a.

Os dois cavaliários, postados do lado do luxuoso co-che que ostentava nas portas resplendente brasão, adiantaram e ajudaram a velha senhora a subir na carruagem.

Geórgia agradeceu à modista,

- Muito obrigada, madame, tudo o que eu possa dizer será pouco para expressar como me encantei com os trajes.

- E sempre um privilégio vestir une femme si elegante - asseverou madame Bertin.

Assim que Geórgia acomodou no banco estofado, ao lado de Lady Carrington, o cocheiro tocou os cavalos.

- Não tenho palavras para agradecer... - Geórgia começou.

- Não diga nada, minha criança - Lady Carrington interrompeu - Há muito tempo eu não me divertia como me diverti esta manhã. Se você soubesse como se tornaram maçantes

as senhoras da minha geração, compreenderia como estou exultante com esta oportunidade de ter a companhia de uma jovem como você. Como eu disse, esta noite iremos

ao Almack's e, amanhã, à Carlton House.

- Tem certeza de que eu terei permissão de entrar na residência do Príncipe de

Gales?

- Na minha companhia você entrará em todos os lugares - declarou Lady Carrington altivamente - Posso ser velha, mas ainda sou importante e muito respeitada no beau

monde. Terei orgulho de apresentá-la ao Príncipe e aos meus amigos.

Ela deu uma palmadinha na mão de Geórgia e prosseguiu,

- E uma pena que você já seja casada. Seria divertido arranjar um pretendente. Sou por natureza “casamenteira”, infelizmente, não tive uma neta.

- Sim, já sou casada - Geórgia murmurou - Para ser franca, Milady, não tenho interesse em cavalheiros da sociedade. Ou, melhor dizendo, eu os odeio!

- O que aconteceu para você odiá-los? - indagou Lady Carrington, surpresa.

Geórgia ficou vermelha.

- E difícil explicar, Milady. Mas conheço os aristocratas e afirmo que são odiosos, perversos e concupiscentes.

- Palavras fortes! Mas o que você diz de meu neto e de seu amigo Trydon?

- Oh, Milady desculpe... - tornou Geórgia, embaraçada - Receio que fui rude ao generalizar. E claro que o Capitão Carrington é um verdadeiro gentleman. Ele foi muito

amável comigo. O Sr. Ravel também tem sido compreensivo e bondoso. Eu me referi a outras pessoas.

- A quem em particular?

- Prefiro não falar sobre isso - A voz soou trêmula e ela virou a cabeça.

Experiente e sensível, Lady Carrington deu o assunto por encerrado. Também, já estavam na Grosvenor Square.

- O Capitão Carrington já chegou? - ela perguntou ao mordomo assim que entrou no hall.

- Sim, Milady, está na biblioteca.

Havia nos olhos de Lady Carrington uma expressão de travessa cumplicidade quando ela voltou-se para Geórgia.

- Ouça minha filha, quero observar bem a reação de meu neto quando a vir. Então terei certeza de que fui bem sucedida ao transformá-la numa borboleta. Espere um

pouco, depois entre na biblioteca.

Dando uma risadinha, Lady Carrington afastou-se.

No hall, diante do espelho com moldura dourada que pendia sobre um consolo ricamente entalhado e com tampo de mármore, Geórgia olhou para a própria imagem. Mentiria

se não se achasse bonita. A pele mais clara, quase alva, realçava os olhos azuis orlados de longos cílios escuros, tornando-os ainda maiores. Mas os lábios estavam

muito vermelhos.

Quanto ao vestido, era lindo, embora um tanto vistoso. Enfim, a maquiagem e aquele traje condiziam com sua condição de senhora casada. Afastando-se do espelho, ela

foi para a biblioteca, apreensiva. Não temia o julgamento do Capitão Carrington, mas do amigo dele. Vira no hall ao entrar, dois chapéus de castor, de copa alta.

Seria extremamente frustrante se, depois de todo o trabalho e das despesas de Lady Carrington o Sr. Ravel se recusasse a acompanhá-la à Carlton House.

Compreendendo que Trydon não tinha interesse nenhum em sua aparência, Geórgia julgou-se ridícula por se preocupar com o julgamento dele. Tudo o que ele esperava

era que ela conseguisse identificar o francês que atravessara o canal da Mancha no seu barco. Para isso, bastaria ela estar em ordem e apresentável. Assim que a

tarefa estivesse terminada, ele a mandaria de volta a Four Winds, como quem despacha um pacote.

Tais considerações fizeram com que o entusiasmo de Geórgia diminuísse, mas o orgulho veio em seu socorro. Ergueu a cabeça, e caminhou com uma expressão desafiadora.

Somente ao atravessar a soleira da porta aberta por dois lacaios e entrar na biblioteca sentiu o coração bater mais forte.

As três pessoas estavam de pé, no fundo do cômodo, perto da lareira. Seis olhos mantiveram fixos nela. Sua primeira impressão foi a de que o Sr. Ravel parecia outro.

Logo entendeu que agora ele trajava-se no rigor da moda.

O paletó verde escuro com lapela de cetim em tom mais claro, bem assentado, evidenciando os ombros muito largos, a calça justa, o elegante colete com a corrente

de ouro do relógio, tornavam-no diferente do homem com quem ela viajara a cavalo durante todo o dia anterior.

Caminhando devagar e com altivez, Geórgia tinha a sensação de que havia entrado num mundo estranho. Lady Carrington, com suas jóias e plumas, os cavalheiros com

botas hessenas bem polidas e altas gravatas brancas, imaculadas, pareciam pertencer ao um reino de conto de fada, como aquele que ela costumava imaginar nos momentos

de solidão.

Foi Peregrine quem rompeu o silêncio.

- Oh, Senhor! - exclamou - Parece inacreditável, mas é verdade! Vovó, você é um gênio!

Sorrindo, Geórgia aproximou-se dos três.

Notou que o Sr. Ravel permanecia mudo, porém tinha nos olhos a admiração que ela tanto desejara ver. Sabia instintivamente que ele apreciava sua elegância e mesmo

a perfeição de seu corpo sob a gaze transparente e as anáguas de seda.

Estendeu a mão enluvada para o Capitão, contente por estar coberta pela finíssima luva azul-turquesa.

- E então, Trydon, o que acha? - perguntou Lady Carrington - Está tão calado!

Por ainda alguns segundos o Duque continuou fitando Geórgia que, um pouco ressentida com aquele silêncio, pediu impulsivamente,

- Sim, Sr. Ravel, diga-nos o que pensa. Ainda se envergonha de mim?

- Nunca me envergonhei de você - ele contrapôs - Só estou pasmado. Eu trouxe para Londres uma encantadora camponesinha, ingênua, simples e tenho agora à minha frente

uma Lady sofisticada, vestida com luxo e elegância. Só não tenho certeza se gostei da mudança.

- Ora, Trydon, francamente, deve se envergonhar de ser um desmancha prazeres!

- Lady Carrington censurou-o - Esta jovem esperava ouvir um grande elogio. Madame Bertin

afirmou que a Sra. Baillie será a beldade do momento e todos brindarão à sua beleza. Pode ter opinião mais abalizada do que a de nossa melhor modista?

- Espero que tal previsão não aconteça - volveu o Duque.

Lady Carrington deu uma risadinha.

- Foi o que eu disse a madame Bertin. Erguer brindes a uma Lady! Que coisa vulgar! Ao mesmo tempo, compreendi que Madame estava sendo sincera. Nossa jovem está fascinante,

vocês irão concordar comigo.

- Mal pude respirar ao vê-la! - Peregrine declarou - Eu esperava que você fizesse maravilhas, vovó, mas nunca imaginei que realizasse milagres. Sra. Baillie, Capitão

Carrington, seu criado.

Peregrine curvou-se diante de Geórgia e ela, sorrindo, fez uma pequena mesura.

- Obrigada pelas palavras amáveis. Eu precisava ouvi-las. Pode acreditar que sob estes atavios me sinto nervosa como uma camponesa ignorante. E assim que minha madraستا

me chama.

- Sua madraستا? - repetiu Lady Carrington.

- E uma longa história - interpôs o Duque - Podemos falar sobre isso em outra ocasião?

- Naturalmente - concordou a velha senhora - Vamos para a sala de jantar. Admito que passar a manhã toda fazendo compras me deixou faminta.

Peregrine e a avó foram à frente e Geórgia voltou-se para o Duque com ansiedade no olhar.

- Você não gostou? Não estou bem?

- E claro que gostei - ele assegurou - Fiquei contente por você e por Sua Senhoria. Ela está mais entusiasmada com o seu sucesso do que você. Só receio que essas

plumas façam com que voe para longe, desapareça e eu não a veja mais.

Encabulada, Geórgia baixou os olhos.

- Não vou desaparecer - murmurou - Também não quero ir a lugar nenhum, exceto claro, ao Almack's e à Carlton House. Se tivermos sorte, poderemos ver o francês esta

noite, então tudo estará terminado e eu poderei voltar para casa, não é mesmo?

- Voltar? Bem, isso dependerá só de você.

Não as palavras, mas o tom de voz do Duque revelaram a Geórgia que ele estava apreciando a sua companhia. Entusiasmada e sentindo um leve rubor, ela falou em voz

baixa, pois já estavam no hall,

- Talvez a vida pareça triste e vazia quando esta aventura terminar.

“Estou flertando com o Sr. Ravel”, Geórgia pensou. “Faço isto por estar confiante na minha aparência e por que... por que... sinto-me tão diferente!”

Após o almoço, na sala de estar, Lady Carrington perguntou,

- Quais são os seus planos, rapazes? Pensei que seria interessante irmos ao Almack's esta noite. O que acham?

- Ao Almack's? Oh, vovó, aquelas senhoras tagarelas e bisbilhoteiras são insuportáveis. Na última vez que estive lá, Lady Jersey teve a ousadia de me obrigar a tomar

parte numa quadrilha, da qual participavam umas mocinhas tolas e sem graça que eu nunca tinha visto antes.

- Lembre-se de suas obrigações sociais - a avó admoestou o neto.

- Bem, sou contra a ir ao Almack's - Peregrine teimou - Por que não vamos a outro lugar?

- Acho uma boa idéia irmos ao Almack's - opinou o Duque - Se esse francês que procuramos Jules está freqüentando a alta sociedade, possivelmente estará no Almack's.

Também tenho o pressentimento de que poderemos ver outro cavalheiro cujo nome não sei.

O Duque estava pensando no homem de cinza.

- Não nos interessa quem você deseja encontrar, Trydon - Lady Carrington rebateu - Geórgia quer mostrar seus vestidos novos e eu quero apresentá-la à sociedade.

Iremos ao Almack's e veremos se a nossa jovem é mesmo uma sensação.

- Oh, por favor, não esperem muito de mim - Geórgia pediu encabulada - Não sei dançar, além disso, receio cometer algum erro e deixá-los constrangidos.

- Interessante, as roupas mudam a aparência das pessoas, mas interiormente elas permanecem iguais - Lady Carrington observou suavemente - Você está linda, parece

ter plena confiança em si mesma, mas continua a garota assustada, exausta e coberta de pó que chegou aqui ontem à noite.

- Será que não mudei pelo menos um pouco? - Geórgia olhou para o Duque ao fazer a pergunta.

- Não vejo diferença alguma - ele respondeu, fitando-a dentro dos olhos.

Por um momento, houve uma vibração entre ambos. Algo forte que fez com que Geórgia prendesse a respiração e o Duque se mantivesse imóvel. De repente, em tom de voz

acima do normal, ele indagou,

- O que seu marido dirá ao voltar do mar, vendo a esposa tão diferente?

CAPÍTULO IX

Empenhado em distrair e alegrar Geórgia, Peregrine falou sobre coisas interessantes e fez observações espirituosas, provocando o riso de todos. Feliz, Geórgia até

esqueceu que não gostava do mundo em que o Duque e os amigos viviam.

Lady Carrington, notável por seu bom humor e sua vivacidade, estimulava o

neto, fazia apartes, tornando a conversa ainda mais agradável e divertida.

Estavam todos rindo quando um laçao empoadado abriu a porta e aproximou de Lady Carrington tendo na mão uma salva de prata na qual se via um envelope.

- De Carlton House, Milady.

Com evidente entusiasmo, Lady Carrington pegou o envelope com lacre enorme e comentou,

- Deve ser o convite para a recepção de Sua Alteza Real, amanhã à noite.

Levando o lornhão aos olhos ela ficou por uns segundos atenta à leitura do convite e exclamou,

- Melhor ainda!

- De que se trata vovó? - o neto perguntou.

- O Príncipe convida-nos para jantar com ele esta noite - explicou Lady Carrington - Na carta que escrevi ao Príncipe de Gales falei sobre minha protegida e mencionei

que pretendíamos levá-la hoje ao Almack's. Sabendo que Sua Alteza Real sempre aparece naquele salão no fim da noite, acrescentei que esperávamos encontrá-lo.

- Oh, vovó, você é astuta como uma serpente! - Peregrine exclamou - Jogou a isca e Prinny engoliu-a.

- Estou fazendo o que posso para apresentar Geórgia ao beau monde com toda pompa e glória - replicou a avó com um brilho no olhar - E o que pode haver de mais empolgante

para uma jovem senhora do que ser recebida, na sua primeira noite em Londres, pelo Príncipe de Gales?

- Bem, um jantar na Carlton House, apesar de ser um tédio, colocará Geórgia num pedestal - Peregrine admitiu.

- Pode ter certeza de que não ficarei entediada - Geórgia protestou.

- E claro que não ficará - reiterou Lady Carrington - O Príncipe é adorável quando está bem humorado. Para dizer a verdade, ele sempre foi gentil e encantador comigo.

- Gostaria de saber por que - tornou o neto.

- Embalei o Príncipe nos braços quando ele era bebê - respondeu a avó, sorrindo
- Acredito, porém, que a atenção que Sua Alteza Real tem para comigo é porque eu

gostava da Sra. Fitzherbert e era sua amiga quando o Príncipe se apaixonou por ela. Ambos se encontravam nesta casa quando eu, lamentavelmente, me ausentava.

- Você é mesmo incorrigível! - Peregrine criticou a avó, rindo - Você é fascinada por um amor secreto e não resiste a um espetáculo. Esta noite estará no seu elemento

ao apresentar Geórgia a Sua Alteza Real, como se ela fosse um animalzinho amestrado. E amanhã, dirá a toda Londres que o Príncipe se encantou com ela.

- Ele irá admirá-la, sem que eu insista. Irá admirá-la por sua beleza - enfatizou Lady Carrington.

Não acostumada a ouvir elogios, Geórgia sentiu ruborizar-se. Jamais alguém iria admirá-la, muito menos o herdeiro do trono da Inglaterra. Lady Carrington, que a

observava, notou sua reação e perguntou,

- Está entusiasmada?

- Entusiasmada não é bem o termo. Estou atônita e, ao mesmo tempo, maravilhada. Preciso me beliscar para me convencer de que tudo isto não é um sonho.

- Se me derem licença, vou responder a Sua Alteza Real dizendo que aceito o convite. Na carta de ontem, eu mencionei que você, Trydon, iria nos acompanhar

- disse

Lady Carrington, ficando de pé.

- Irei, com grande prazer - assentiu o Duque, curvando-se.

Lady Carrington voltou-se para Geórgia,

- Mandarei uma carruagem à loja de madame Bertin para pedir que apronte o melhor dos trajes de noite. Ela iria entregá-lo com os outros, amanhã, mas nossa visita

à Carlton House foi antecipada. E agora, suba e vá dormir um pouco. O cabeleireiro virá penteá-la às cinco. Não podemos nos atrasar e o Príncipe janta cedo demais.

Antes de Lady Carrington sair da sala, o Duque perguntou,

- Posso falar a sós com Geórgia, Milady?

- Naturalmente, Trydon - a velha senhora consentiu - Mas não a prenda por muito tempo. Quero que ela esteja com sua melhor aparência esta noite. Toda aquela agitação

na loja de madame Bertin deixou-a exausta.

- Não será uma conversa demorada - o Duque prometeu.

Dirigindo-se a Geórgia, convidou-a,

- Vamos até a biblioteca.

- Está bem - ela respondeu ansiosa, imaginando o que o Sr. Ravel iria dizer.

Teria ela feito algo errado? Teria o corpo do francês sido encontrado e a guarda marítima estaria fazendo perguntas?

Eles entraram na biblioteca e o Duque fechou a porta. Olhou para Geórgia e achou-a encantadora. Ela havia tirado o chapéu e o sol que entrava pelas portas altas

que se abriam para o jardim, iluminava os cabelos dourados que emolduravam o rosto delicado como uma auréola. Os lábios vermelhos tremeram quando ela perguntou,

- O que aconteceu?

O Duque manteve-se de pé, olhando-a embevecido, o pensamento distante. Quase com um sobressalto, respondeu,

- Tenho algo para lhe dar. Um presente.

- Um presente?! Por favor, você não deve me presentear. Fiquei constrangida porque Sua Senhoria fez questão de comprar para mim um verdadeiro enxoval. Compreenda,

não posso aceitar presentes de estranhos.

- Não sou um estranho. Além disso, não se trata de um presente comum, que se avalia em termos de dinheiro.

- O que pode ser? - Geórgia indagou confusa. Em resposta o Duque tirou do bolso uma folha de papel e entregou-a a Geórgia.

Ela abriu-a com as mãos trêmulas e quando reconheceu a letra do irmão, olhou para Duque, incrédula.

- A confissão de Charles! Mas como? Como você a conseguiu?

- E melhor não fazer perguntas. Alegre-se porque a confissão está em seu poder - disse o Duque brandamente - Agora Charles é um homem livre.

- Livre! Oh, Trydon, Trydon, o que posso dizer? Geórgia olhou para a folha de papel novamente como se precisasse certificar-se de que era mesmo real.

Então, sem pensar, abraçou o Duque.

- Obrigada! Obrigada! Oh, como posso expressar meus agradecimentos?

Emocionada, ela encostou a cabeça no peito dele e começou a chorar. Ele envolveu-a nos braços e manteve-a junto de si.

- Não chore - disse pouco depois - Agora você tem todos os motivos de estar alegre. O pesadelo terminou. Sua madrastra não pode mais magoá-la nem obrigá-la a nada.

- Custa-me acreditar! Não pode ser verdade, não pode! - Geórgia soluçava - Se você soubesse como tenho vivido atormentada, temendo pela vida de Charles. E agora...

Incapaz de controlar as lágrimas, ela continuou com o rosto encostado no peito do Duque que sentia nos braços o corpo trêmulo. Ele podia avaliar o que ela havia

sofrido em tantos meses de angústia e terror.

- Está tudo bem, Geórgia - tentou confortá-la - O pesadelo terminou. Você e Charles estão livres.

Geórgia ergueu a cabeça. Tinha os longos cílios e as faces molhados de lágrimas. O Duque enxugou-as suavemente com um lenço finíssimo, debruado com renda que tirou

do bolso superior do paletó.

- Obrigada - Geórgia murmurou - Obrigada. Obrigada. Ainda não posso acreditar que seja verdade.

- Esqueça o passado que tanto a fez sofrer - Inclinando a cabeça o Duque beijou Geórgia no rosto.

Ela estremeceu, soltou-se dos braços dele, deu uns passos e permaneceu de costas, olhando para a folha de papel que tinha na mão. Virou então, de repente e perguntou

ansiosa,

- Podemos queimar isto?

- E o que vamos fazer.

O Duque pegou um isqueiro de mesa, acendeu a vela de um castiçal e estendeu a

mão para Geórgia. Ela entregou a confissão. Indo até a lareira, ele encostou o papel

na vela e jogou-o em chamas sobre a grelha. Em silêncio, ambos observaram a folha de papel transformar-se em cinzas.

- Estamos livres! - Geórgia exclamou com uma nota vitoriosa na voz - Livres! E estou imensamente grata a você.

- Livres, sim. Como eu já disse, esqueça o que aconteceu.

Lembrando-se de Caroline, Geórgia perguntou temerosa,

- Mas... E minha madrasta? Como você conseguiu persuadi-la?

- Sua madrasta sequer sabe que a confissão não está mais em seu poder - respondeu o Duque.

Os olhos de Geórgia se arregalaram.

- O que está querendo dizer?

- Receio que você não seja boa companhia - o Duque interrompeu sorrindo - Você é responsável por eu ter me tornado um criminoso. Por sua causa envolvi com contrabando

e agora me tornei um ladrão.

- Você roubou a confissão! Que coragem a sua! Mas... Será que Caroline não descobrirá o roubo e não irá denunciá-lo?

- Sua Senhoria terá muita dificuldade de explicar como tal documento estava em suas mãos.

- Sim, é verdade. Eu não havia pensado nisso.

- Fique tranqüila, ela não falará sobre o desaparecimento da confissão.

- Mesmo assim, tenho medo de Caroline - Geórgia declarou, estremecendo.

- E questão de hábito. Você esteve sob o domínio dela por tanto tempo que não

se acostumou com a idéia de se ver livre. De agora em diante, sua madrasta nada poderá

fazer contra você, exceto gastar o dinheiro de seu pai.

- Se é que ainda resta um pouco da fortuna que papai deixou. Oh, seria tão bom se Charles voltasse para saber que está livre daquela chantagem.

- Podemos entrar em contato com ele - o Duque sugeriu.

- Podemos? Você tem influência para isso? Eu pensei que você estivesse foragido. Achei que você se expôs demais vindo a Londres.

O Duque apoiou o braço na cornija da lareira e encarou Geórgia.

- Tenho algo para revelar a você.

- Oh, está com mais problemas?

- Não. Isto é, terei problemas e ficarei muito infeliz se você se zangar comigo.

- Por que eu ficaria zangada? Você tem sido tão bondoso, compreensivo, ajudou-me tanto - Geórgia enumerou - E o que fez por Charles... Pode estar certo de que seremos

amigos para sempre e nunca deixarei de ficar do seu lado.

- Obrigado, Geórgia - Ele estendeu a mão, segurou a dela e beijou-a.

Ambos se fitaram longamente, presos de uma emoção nova. Por fim, Geórgia baixou os olhos e ele soltou a mão que ainda segurava.

- O que eu tenho a dizer irá surpreendê-la - o Duque começou - Não sou exatamente a pessoa que você imagina que eu seja.

- Não é Trydon Ravel? Então você deu-me um nome falso?

- De fato, esse é o meu nome, mas tenho um título importante. Sou o Duque de Westacre.

Geórgia, atônita, repetiu devagar,

- Duque de Westacre... - Perguntou então - Por que me disse que estava com problemas e estava fugindo? Queria zombar de mim?

- Absolutamente! De fato, eu estava fugindo da casa de minha madrinha, onde eu me hospedava. Saí de lá no meio da noite por motivos que prefiro não relatar. Mas

não menti para você.

- Pois eu imaginei que você tivesse problemas sérios. Questionei se você estaria fugindo de cobradores ou dos agentes da polícia da Bow Street - Geórgia revelou

- Como eu iria imaginar que um homem tão importante pudesse estar cavalgando sozinho, no meio da noite?

- Eu tinha bons motivos para isso, fugia de uma armadilha muito bem montada para me apanhar. Asseguro que se eu caísse nela estaria com a vida arruinada.

Geórgia refletiu por um instante e concluiu,

- Uma armadilha montada por uma mulher, para agarrá-lo.

- Você é muito perspicaz - louvou o Duque - Prefiro que não me pergunte mais nada para não envolver outras pessoas. Você também não gosta que eu lhe faça perguntas.

- Pelo menos você não pode me acusar de ter mentido. Eu lhe disse a verdade a meu respeito - Geórgia defendeu-se.

- Sim. Você não mentiu. Mas eu também não menti. Eu disse que estava com problemas e estava mesmo, mencionei que meu nome era Trydon Ravel e isso é verdade. Apenas

omiti meu título e os outros nomes que herdei - Foi a vez de o Duque se justificar.

- Um Duque! - Geórgia exclamou - Um Duque fugindo de um tipo de armadilha para apanhar o que Lady Carrington chamaria de un grand parti. Um partido mais do que desejável

do ponto de vista matrimonial. Compreendo que você tenha desejado fugir de uma mulher de quem não gostava.

- Eu fugia de todas as mulheres. Eu havia confessado a Peregrine que estava cansado de todas elas e decidira evitá-las. Bem, você viu no que deu a minha resolução,

acabei carregando barris de brandy, fardos de mercadorias contrabandeadas e recebendo ordens de outra mulher.

O Duque falou isso rindo, porém Geórgia disse com expressão grave,

- Sinto muito.

- Eu não lamento o que aconteceu. Naquela noite, fiquei zangado e enfureci quando você me trancou naquele esconderijo - o Duque admitiu - Mas agora as coisas mudaram.

Pude ser útil acabando com o domínio que sua madrastra exercia sobre você. E juntos seremos úteis ao país.

- Sim, claro. Não me esqueci de que temos essa missão pela frente.

Notando que Geórgia estava retraída e parecia disposta a sair da biblioteca, o Duque segurou sua mão.

- Ouça Geórgia, sou o mesmo homem em quem você confiou, que viveu do seu lado momentos dramáticos e que riu com você. Os títulos e altas posições na sociedade podem

ser um mal, se os aristocratas que os têm não os honram e são uns irresponsáveis. Sei que no passado você conheceu pessoas indignas com títulos de nobreza. Mas dê-me

chance de provar que o normal é encontrar nobres decentes e amáveis que não amedrontam ninguém.

Enquanto ele falava Geórgia manteve os olhos fixos em seu rosto, como se a verificar se havia de fato sinceridade em suas palavras.

- Tem razão - ela concordou - Nem todos os aristocratas são como... Lorde Ravenscroft.

- Ele é outra pessoa que você deve esquecer assim como o passado - o Duque aconselhou.

- Tentarei.

- Tente também não me ver como um Duque, mas como Trydon Ravel, simplesmente. Um homem que, como seu irmão, só quer vê-la feliz.

O rosto de Geórgia se iluminou.

- Você é tão gentil! Tenho sido muito tola. Posso esquecer que você é um Duque, mas jamais esquecerei o que fez por Charles e por mim.

Mais uma vez o Duque levou a mão dela aos lábios.

- Obrigado. Agora você deve subir. Vou reunir-me a Peregrine e faremos planos para esta noite. Posso afirmar que Lady Carrington não desistiu da idéia de irmos ao

Almack's e certamente convencerá o Príncipe a acompanhar-nos até lá depois do jantar.

- Será?

- Não duvide disso. Provavelmente encontraremos no salão o francês que procuramos. Devemos combinar algum sinal para você fazer, de modo a nos indicar quem é o tal

Jules. Terá de ser algo discreto para não alertá-lo. Caso ele desconfie de alguma coisa, poderá desaparecer, o que será um desastre.

- Compreendo. Converse com o Capitão, depois me diga o que fazer. Tenho certeza de que se eu vir o francês o reconhecerei. Ele tem um rosto estranho.

- Mas não se preocupe com isso antes da hora. Quero que você aproveite bem sua primeira noite em Londres. É uma ocasião muito importante em que será apresentada

ao Príncipe de Gales.

- Espero não desapontá-los.

- Você nunca nos desapontaria.

Ele afastou-se e Geórgia seguiu-o com o olhar até vê-lo desaparecer. Ela sentia ainda, na mão e no rosto, o calor dos lábios dele. Em vez de subir para descansar, foi para o jardim. Precisava refletir organizar seus pensamentos.

Trydon era um Duque! A revelação a deixara chocada em princípio, mas sabia que o título, para ela, não fazia grande diferença. Ele continuava sendo o homem em quem

confiara e que acabara de afastar para sempre a sombra ameaçadora que pairava sobre sua cabeça. Agora ela e Charles estavam livres!

Nana estava certa em afirmar que o Sr. Ravel era um nobre e merecia confiança. Lembrando da confissão de Charles, Geórgia ficou imaginando como ele conseguira roubá-la

de Caroline. Talvez nunca ficasse sabendo a resposta. Mas o importante é que a folha de papel fora destruída.

Quanto tempo ficou no jardim florido, onde havia uma fonte e a estátua de um fauno, Geórgia não saberia dizer. Levou um susto quando viu um dos lacaios aparecer

à porta e ouviu-o anunciar,

- Lady Grazebrook Milady.

Instintivamente, Geórgia levou a mão ao peito como se pudesse aquietar o coração que batia descompassado. Entrou na biblioteca e deparou com a madrastra de pé, trajada

no rigor da moda, usando vestido e estola de cetim escarlate, e chapéu com plumas da mesma cor.

- Então é verdade! - Caroline esbravejou - Não pude acreditar quando a vi saindo daquela loja da Bond Street esta manhã. Madame Bertin assegurou que sua cliente

era a Sra. Baillie e estava hospedada na mansão da viúva Lady Carrington. Tive de vir até aqui para me convencer que era verdade.

Os lábios de Geórgia estavam secos, mas ela conseguiu dizer,

- Como vê, estou aqui. Sou eu mesma.

- Por quê? Como chegou aqui? Quem a convidou? Como conheceu Lady Carrington? Há dois dias você estava em Four Winds!

Caroline parou de repente. Ficou olhando para a enteada por um momento e exclamou,

- Que elegância! Sem dúvida Lady Carrington é muito rica para vesti-la com tanto requinte.

- Fui convidada para passar alguns dias aqui - Geórgia respondeu - Eu não podia ficar na casa de Sua Senhoria sem trajes adequados.

- Convidada de Sua Senhoria! Por quê? Que motivo teria Lady Carrington para vesti-la com tanto luxo? Para quê? E claro que ela não está interessada em você para

ser a noiva do neto, pois você já é casada. Além disso, quem pensaria em tê-la por esposa, senão algum tolo?

- Lady Carrington é muito gentil e generosa, apenas isso - frisou Geórgia com ar de superioridade - Não sei qual a razão de tantas perguntas. Você nunca se preocupou

comigo, nem com meu bem estar. Pelo contrário!

- Eu a quero no campo, onde é o seu lugar - grasnou Caroline - Não vou permitir que minha enteada frequente os altos círculos onde não sou bem recebida. Volte para

o campo, imediatamente! Imediatamente, ouviu bem? Deixe para trás as roupas que Sua Senhoria comprou para embelezá-la. Uma mulher como você não pode alimentar sonhos

acima de sua posição social.

- E qual é a minha posição social? Sou filha de um nobre! - Geórgia rebateu - Se transporte contrabando, quem me obrigou a isso?

- Como ousa falar comigo neste tom? - Caroline gritou - Algo mudou em você. Algo está errado! Não sei o que é, mas vou descobrir. E incrível que você esteja aqui.

Quem a trouxe? E claro que você não viajou sozinha.

- Não é da sua conta. Assim que meu pai morreu você deixou bem claro que não me suportava. Bateu em mim, maltratou e me oprimiu de um modo além da decência. Também

passou a usar Four Winds para suas atividades ilegais. Mas tudo terminou! Nunca mais a obedecerei! Você não poderá me prejudicar.

- Não posso prejudicá-la! - Caroline deu um grito estridente - Esqueceu o que tenho em meu poder? Já saiu da cabecinha de inseto que se eu apresentar a confissão

de Charles ao almirantado, ele será expulso vergonhosamente da Marinha e irá preso?

- Posso afirmar que as autoridades da Marinha não acreditarão em você! - Geórgia falou com voz firme e desafiadora.

Sabia que a madrastra não mais podia chantageá-la. Pela primeira vez na vida ganhara coragem para enfrentar Caroline, não de igual para igual, mas com superioridade.

Deixara de ser a camponesa maltratada, tímida e mal vestida.

Olhou de relance para a própria imagem refletida no espelho e constatou que era muito mais jovem mais elegante e mais bonita do que a madrastra.

- Sem dúvida, alguma coisa aconteceu - Caroline murmurou, examinando a enteada com expressão de suspeita - Você está diferente. Por que perdeu o medo? Charles morreu?

- Claro que não - Geórgia meneou a cabeça - Charles goza de perfeita saúde. E agora é melhor Vossa Senhoria sair desta casa, já que não foi convidada para vir aqui.

Eu não quero que Lady Carrington pense que abusei de sua hospitalidade, convidando uma estranha para me visitar.

- Estranha? - Caroline explodiu - Sou sua madrasta! E se você quer ser apresentada à sociedade, quem deve fazer isso sou eu.

- Quem pagaria as despesas? Não posso imaginar que você abriria sua bolsa em meu benefício. Você sabe que bons vestidos, complementos e jóias custam muito dinheiro.

- Quem está pagando tudo isto para você?

- A viúva Lady Carrington fez questão de presentear-me com um verdadeiro enxoval de luxo.

- Tudo isto é uma trama! Uma trama para me humilhar! - Caroline falou em tom ameaçador - No momento, você pode se julgar muito importante, pode estar toda afetada,

vaidosa, cheia de si porque se veste luxuosamente e se hospeda numa casa como esta. Mas, espere! Espere até eu mostrar aquela confissão do seu querido Charles àqueles

que podem realmente puni-lo. Você e ele estarão destruídos!

- Só ele e eu? E quanto à sua participação no contrabando? - Geórgia indagou em tom gélido - Assim que começarem as investigações haverá muitas pessoas mais do que

dispostas a testemunharem sobre o que viram e ouviram. As autoridades descobrirão com facilidade para onde iam aqueles cavalos e carruagens carregados de barris

de brandy e outras mercadorias. Se eu fosse você, pensaria muito antes de fazer alguma denúncia que a envolveria e... claro... envolveria seus amigos. Afinal, o que acontece com a carga depois que depositamos penosamente no porão, é responsabilidade sua e deles.

Geórgia teve a satisfação de ver a madrastra empalidecer, tanto de medo como de raiva.

- Eu a destruirei por isso! - ameaçou com veemência - Ainda não entendi o que causou sua transformação, mas vou descobrir, pode ter certeza disso.

Caroline virou-se com um movimento brusco e deixou a biblioteca. Geórgia ouviu os passos rápidos ressoando no hall de mármore. Tomada de súbito tremor e receando

desmaiar, apoiou-se numa mesinha. O encontro com a madrastra a forçara a aparentar uma coragem que na realidade não sentia.

Vendo um frasco de sais aromáticos pegou-o e levou-o ao nariz. Quase no mesmo instante, colocou-o de volta à mesinha.

“Por que estou com medo?”, questionou-se. “Ela nada poderá fazer contra mim, nada!”

Subitamente sentiu um forte impulso de correr para Trydon, contar o que havia acontecido e certificar-se de que estava de fato livre da chantagem de Caroline e que

Charles não corria perigo. Tivera forças na presença da madrastra, mas agora estava desesperadamente amedrontada.

Lembrou-se dos braços fortes do Duque envolvendo-a e do suave perfume que sentiu ao encostar a cabeça no paletó com lapela de cetim. Vendo na cadeira do seu lado

o lenço que ele usara para enxugar suas lágrimas, pegou-o automaticamente e examinou-o.

Era de finíssima cambráia e tinha a um canto um monograma encimado pela

coroa ducal com as respectivas folhas de morango. Ficou por um momento com o lenço na mão,

depois deu um soluço e saiu correndo da biblioteca.

Quatro horas mais tarde, Lady Carrington entrou no quarto de Geórgia com um estojo de jóias.

- Você é casada e pode usar diamantes - asseverou, exibindo um belíssimo colar - Se você fosse uma debutante, eu emprestaria um delicado colar de pérolas. Como pode

ver, há vantagens em ser casada!

Geórgia achou graça.

- Um colarzinho de pérolas me deixaria muito feliz. Este colar é deslumbrante! Mas é grandioso demais para mim.

- Nada disso - Lady Carrington discordou - Se você não fosse tão jovem eu emprestaria também a tiara de diamantes que combina com o colar. Mas admito que as duas

peças seriam excessivas. As flores que André prendeu nos cabelos complementando o penteado combinam com seu ar angelical. Mas você vai usar também os brincos.

- Vossa Senhoria é tão bondosa. Nem sei como agradecer.

- O agradecimento que espero é vê-la fazer sucesso esta noite. Todos dizem que tenho o dom de transformar em ouro o que eu toco - revelou Lady Carrington, rindo

- Você, porém, minha criança, já era ouro, ouro puro, quando veio até mim! Eu apenas dei mais brilho.

- Obrigada - Geórgia agradeceu.

- Se você não fosse casada, eu teria prazer de arranjar-lhe um marido. Trydon, por exemplo. Já é tempo de ele se casar. Ainda na semana passada sua madrinha

me falou

sobre o assunto.

- Realmente, é de surpreender que Sua Alteza esteja solteiro - comentou Geórgia.

Lady Carrington deu uma risadinha.

- Há muitas cortesãs de luxo e lindas mulheres casadas mais do que dispostas a fazer companhia a Trydon.

- Mulheres casadas? - Geórgia admirou-se.

No mesmo instante, sem saber a razão disso, sentiu como se uma mão gélida lhe comprimisse o coração.

- Isso mesmo. Posso citar Lady Valerie Voxon, Condessa de Davenport, como sendo uma delas.

- Ela é... bonita?

- Sim, mas arrogante. Valerie também não tem graça, vivacidade ou agudeza de espírito. Um homem se cansa de ver sempre o mesmo rosto do outro lado da mesa. Todos

eles querem uma mulher de coragem... Como você, minha querida. Seu marido é um felizardo, posso assegurar que do seu lado ele nunca se aborrece. E você o ama muito?

A pergunta surpreendeu Geórgia.

- Sim... Eu o amo, claro - respondeu depressa.

- Bem, como eu já disse, lamento não poder arranjar-lhe um bom casamento. Mas não se preocupe minha criança, aproveite a vida enquanto é jovem - Lady Carrington

olhou-se ao espelho e comentou - O tempo é impiedoso, a juventude efêmera. Veja quantas rugas! Ah, se fosse possível voltar o relógio! Eu gostaria que você

me visse

quando eu era mais nova. Meus namorados diziam que quando eu entrava numa sala ou num salão tudo se iluminava. Ah, as mulheres me detestavam e morriam de inveja

de mim. Eu era sempre aclamada a bela do baile.

- Posso imaginar o seu sucesso - Geórgia sorriu. Sem poder controlar a curiosidade, perguntou - O Duque ainda ama a Condessa de Davenport?

- Ama? Quem falou em amor? Sei que Trydon já gostou de Valéria, mas isso foi no passado. Agora é ela quem tenta conquistá-lo. Também sei que Trydon era visto com

uma mulher cujo nome não sei. Era uma mulher comum, embora bonita. Você sabe minha filha, um homem gosta de aventuras, mas não se pode chamar tais affaires de coeur

de amor. Quando existe amor, a história é outra. A felicidade fala mais alto não importa a posição social ou a fortuna.

- A senhora se apaixonou, Milady?

- Muitas vezes. Porém, só o amor que senti por meu marido teve importância e foi duradouro. Vivemos felizes durante trinta e dois anos, a maior parte deles no campo.

Infelizmente, ele morreu num acidente de caça. Dois anos depois, nosso filho tomou parte num duelo idiota que custou sua vida. Meu neto, Peregrine, é tudo o que

me resta. Espero que um dia ele encontre a mulher que o fará feliz.

- Realmente, ele merece - Geórgia concordou.

- E você? Encontrou a felicidade no casamento?

A conversa foi interrompida por batidas na porta.

A criada foi atender e informou ao voltar,

- Um dos lacaios veio avisar que os cavalheiros chegaram e esperam no hall, Milady.

- Vá até eles, minha filha - ordenou Lady Carrington, entusiasmada - Quero que a vejam. Desça a escada devagar, com graça, a cabeça bem erguida. Você está linda!

Eu queria transformá-la numa mulher sofisticada e sedutora, mas a sua aparência é de uma jovem inocente, mas nem por isso menos adorável!

O Duque e Peregrine achavam-se no hall e admiravam Geórgia, enquanto ela descia a majestosa e larga escadaria de mármore.

Estava deslumbrante naquele traje de noite de fina gaze azul pervinca, da mesma cor de seus olhos. Todo bordado com fios de prata, o vestido cintilava conforme o

movimento que ela fazia ao descer os degraus. Trazia sobre os ombros uma estola prateada, guarnecida de plumas de marabu, do mesmo tom da gaze, e ao pescoço o extraordinário

colar de diamantes de Lady Carrington.

- Meu Deus! - exclamou Peregrine - Será que esta é a mesma jovem que entrou ontem na minha sala, com um traje de montaria fora de moda e toda empoeirada?

- Sou eu mesma - Geórgia afirmou, sorrindo - Então, estou bem?

- Você está estonteante e vai provocar um alvoroço na Carlton House! - asseverou o Capitão. Voltando-se para o Duque, perguntou - Você não concorda comigo, Trydon?

- Sim, você tem razão, Peregrine - o Duque respondeu.

Seu olhar, porém, fixo em Geórgia, disse muito mais do que ele expressou com aquelas poucas palavras. Em outro tom, acrescentou,

- Vamos até a sala matinal. Preciso falar com vocês dois.

Os três atravessaram o hall e um laçao adiantou-se para abrir a porta de uma sala à direita.

- Ouçam - começou o Duque quando eles ficaram sozinhos - iremos ao Almack's após o jantar. Caso Geórgia veja o francês, deve dizer a mim ou Peregrine, depende de

quem estiver mais perto, "Está muito quente aqui no salão, você poderia pedir ao cavalheiro de paletó azul", ou qualquer que seja a cor do paletó que o francês use,

para ir buscar alguma coisa para eu beber?"

- Oh, não, está muito forçado, amigo velho - Peregrine discordou.

- Então, o que você sugere? - indagou o Duque com certa impaciência - Geórgia não pode apontar para o francês. Também não podemos deixá-lo alarmado.

- Já entendi - interpôs Geórgia - Saberei o que dizer e vocês logo entenderão a mensagem.

- Espero que você não esqueça o seu papel. Não duvide que será o foco de todos os olhares, terá inúmeros cavalheiros ao seu redor admirando-a, elogiando-a e beijando

a mão. Essas coisas são como champanhe sobem à cabeça! - Peregrine provocou-a.

- Estarei atenta - Geórgia prometeu com um sorriso.

Voltando-se para o Duque, perguntou em tom descuidado,

- Você ainda não disse se gostou ou não do meu vestido.

Os olhos de ambos se encontraram por um instante. Pouco depois, o Duque caminhou para a porta e falou secamente antes de sair,

- Vou reservar meus aplausos para juntá-los ao coro que você em breve ouvirá.

Inesperadamente Geórgia sentiu como se todas as velas do lustre de cristal tivessem sido apagadas e ela se visse na escuridão.

CAPÍTULO X

Provido de bancos estofados, extremamente confortáveis, e um conjunto de molas do último tipo, o grande e luxuoso coche de Lady Carrington, apesar da aparência pesada,

era muito leve e descia velozmente a Carlos Place na direção da Berkeley Square.

O vestido de Geórgia e as jóias que ela e Lady Carrington usavam refulgiam à luz das lanternas laterais da carruagem e dos lampiões das ruas. Para Geórgia estava

sendo maravilhoso e inacreditável, se ver cercada de tanto luxo e acompanhada de aristocratas do beau monde, quando poucos dias atrás, era esbofeteada e humilhada

pela madrasta.

Receando amassar o lindo, luxuoso e elegante traje de noite, ela manteve-se ereta e imóvel no assento. Olhava ocasionalmente para o Duque, sentado no banco à sua

frente, e não deixava de notar uma estranha expressão em seu rosto.

Em dado momento, seus olhares se cruzaram e Geórgia, embaraçada, voltou-se para Lady Carrington.

- Para mim, tudo isto é novo e empolgante! - falou com entusiasmo - Mal posso acreditar que serei recebida na Carlton House. Espero não cometer erros, o que seria

constrangedor para vocês.

- Não fique apreensiva. O Príncipe aprecia um rosto bonito e, sem dúvida, fará muitos elogios - Lady Carrington tranquilizou - Só Lady Hertford, que se torna cada

vez mais ciumenta e possessiva, pode representar algum perigo. Na verdade, embora eu não ouse dizer isto fora deste coche, prefiro a reserva e a dignidade de Maria

Fitzherbert.

- Você parece mais entusiasmada do que Geórgia, vovó - comentou Peregrine.

Lady Carrington riu.

- Estou vibrando, é verdade. Sinto como uma debutante indo ao seu primeiro baile. E para mim uma grande alegria servir de chaperon a esta jovem Lady tão linda. A

companhia de velhas como eu me aborrecem. Eu gostaria de ter tido filhas e netas para apresentá-las à corte.

- E certamente seria a maior casamenteira de Londres - Peregrine provocou a avó, rindo.

- Seria sem dúvida. Ah, tivesse eu uma neta, Trydon, me empenharia para que você a levasse ao altar - tornou Lady Carrington com um sorriso travesso.

- Se essa neta fosse encantadora como a avó, não seria preciso empenho nenhum para eu desposá-la - respondeu o Duque, gentil.

- Lisonjeiro! - exclamou a velha senhora, encantada - Lamento que Geórgia não seja solteira, deste modo não posso planejar o seu futuro.

- Pode ter certeza, vovó, de que o fato de você não pretender pôr em operação seus planos casamenteiros, faz com que Trydon e eu respiremos aliviados. Você já sabe

que quando eu decidir me casar, a escolha da noiva será minha, não sua. Quanto a Trydon, depois de sua última experiência, quer distância das mulheres.

- Que experiência? - quis saber Lady Carrington, curiosa.

- Peregrine está dizendo tolices - interpôs o Duque, depressa - Não dê atenção, Milady. Seu neto fala demais.

- Eu lhe contarei em segredo o que aconteceu, vovó - Peregrine assegurou, bem humorado - Prepararam uma boa armadilha para nosso amigo Duque. Ele conseguiu livrar-se

dela graças à sua astúcia e, como um covarde, fugiu o mais depressa que pode.

- E esta agora! Você ainda me chama de covarde! - protestou o Duque zangado - Pare com suas graças, Peregrine! Cuide da sua vida, não da minha.

- Eu só estava brincando - disse o Capitão em tom de desculpa, compreendendo que fora longe demais.

- Uma brincadeira inoportuna e sem graça - rebateu o Duque, olhando para Geórgia.

Se ela o ouviu ou prestara atenção à conversa, não deu demonstração disso. Estava voltada para a janela, absorta.

A noite pareceu subitamente escura e tempestuosa, seu entusiasmo desaparecera. Sem saber por que, desejou estar em Four Winds com Nana, distante da sociedade. Em

vez de ver as casas e as pessoas na rua, tinha diante dos olhos o rosto do espião francês. Seria capaz de reconhecê-lo?

Provavelmente veria no Almack's vários homens parecidos com o passageiro que trouxera no seu barco semanas atrás. E se falhasse? E se desapontasse aquelas pessoas

que haviam confiado nela?

Como se captasse seus pensamentos, o Duque inclinou-se para frente e colocou a mão sobre a dela.

- Está tudo bem, não precisa ter medo - tranqüilizou - Nada acontecerá esta noite. Pense em coisas alegres e que irá divertir-se na Carlton House.

Lady Carrington e Peregrine ficaram em silêncio observando os dois. Por alguns segundos, Geórgia apenas sentiu o calor e o conforto daquela mão na sua.

- Meu único receio é não conseguir reconhecer o francês - murmurou pouco depois.

- Reconhecerá - o Duque afirmou - Nossa memória é algo extraordinário. Por vezes acreditamos que esquecemos uma coisa e, de repente, um gesto, um olhar ou uma palavra,

traz de volta o que julgávamos esquecido.

- O que acontecerá se não encontrarmos o espião? - Geórgia insistiu.

- Encontraremos qualquer noite destas - disse o Duque com confiança - Lembre-se de que não deve deixá-lo perceber que foi reconhecido. Tenho certeza de que não se

lembrará de você.

- Claro que não se lembrará - Geórgia sorriu, apesar de suas apreensões.

- Ah, assim está melhor! - alegrou Lady Carrington - Quero vê-la sorridente. Pense em se divertir Geórgia, você será a grande beldade da noite. Esqueça essa trama

aborrecida de assassinato. Vocês parecem um trio de artistas dramáticos. Eu, pelo menos, não acredito que um espião de Bonaparte, queira assassinar o Príncipe justamente

na Carlton House, onde Sua Alteza Real vive cercado de seguranças e de amigos especiais. Só um maluco se arriscaria a ponto de se aproximar do herdeiro do trono.

O Duque soltou a mão de Geórgia e recostou no banco. Mais calma, ela reconheceu que Lady Carrington tinha razão. Devia esquecer o francês, a tentativa de assassinato,

e procurar divertir-se.

O coche parou diante de um pórtico. Como num sonho, Geórgia se viu num hall imenso com colunas de pórfiro, paredes com frisos dourados e painéis pintados, nichos

com estátuas, bustos e urnas e uma majestosa escadaria curva. Havia ali o que lhe pareceu um exército de lacaios usando vistosos uniformes ornamentados com galões

e botões dourados.

Seguindo Lady Carrington, Geórgia subiu a escada e entrou num salão com cortinas de seda chinesa, todo mobiliado e decorado em estilo oriental. Era ali que o Príncipe

de Gales recebia os amigos mais íntimos, dispensando formalidades.

Sua Alteza Real já se achava no salão. Do seu lado estava à gorducha Lady Hertford, coberta de rendas, fitas e muitas jóias. Tinha o rosto ainda jovem e sem rugas,

o que era de admirar, sendo já avó. Com as mãos gordas ela afagava Sua Alteza Real, como se precisasse demonstrar a intimidade que havia entre ambos.

O Príncipe adiantou-se para receber os recém-chegados. Lady Carrington fez uma mesura completa diante dele.

- E uma grande alegria recebê-la - ele disse cortês, tendo levado a mão dela aos lábios - Há muito tempo não tenho o prazer de sua companhia.

- Vossa Alteza Real é muito amável, como sempre - tornou Lady Carrington - Devo dizer que está com ótima aparência, Sire, e mais elegante do que nunca.

Geórgia não estranhou os elogios feitos ao Príncipe. Já ouvira dizer que Sua Alteza Real não resistia a palavras lisonjeiras. De fato, não passou despercebida a

expressão satisfeita no rosto risonho e um tanto balofo.

- Esta é a nova beldade que você prometeu me apresentar? - indagou o Príncipe, examinando Geórgia como se estivesse diante de um cavalo de raça, num leilão.

- Permita-me apresentar-lhe, Sire, a Sra. Geórgia Baiilie - disse Lady Carrington.

Geórgia fez também uma mesura completa diante do Príncipe.

- Encantadora! Encantadora! - exclamou Sua Alteza Real, apertando a mão de Geórgia - Você estava certa, Lady Carrington, ela é uma beleza e provocará comentários

em toda St. James's.

- Sem dúvida, uma vez que tem a aprovação de Vossa Alteza Real - concordou Lady Carrington.

Atônita, Geórgia sentiu os dedos gordos do Príncipe fazendo cócegas na palma de sua mão antes de soltá-la.

- Esperamos vê-la com frequência, Sra. Baillie - acrescentou o Príncipe.

Parecendo relutante, ele voltou-se para o Duque que estava do lado de Geórgia.

- Que bom revê-lo, Westacre. Onde esteve escondido nestas últimas semanas? Será que a Carlton House não mais o agrada?

- Tive de ausentar-me de Londres para tratar de negócios, Sire - o Duque justificou - Assim que for possível, gostaria de falar a sós, sobre assunto de grande importância

para Vossa Alteza Real.

- Assunto de grande importância? - o Príncipe repetiu intrigado - Muito bem - Ele repousou a mão gorda no ombro do Duque - Mais tarde conversaremos. Estou ansioso

para saber do que se trata.

- Obrigado, Sire.

Peregrine foi cumprimentado a seguir. Outros convidados estavam chegando e o Príncipe voltou-se para dar-lhes atenção.

Consciente de seu papel, Geórgia fixou o olhar em todas as pessoas que entraram no salão. Sobressaltou-se quando o mordomo anunciou,

- Lorde Ravenscroft!

Ela sentiu o sangue fugir-lhe do rosto e seu primeiro impulso foi sair correndo dali. Ouviu o Duque dizer,

- Fique calma. Ele não a reconhecerá.

- Tem certeza disso? - Geórgia sussurrou.

- Plena certeza. Ele não espera encontrá-la aqui e você está muito diferente. Em todo caso, se ele a reconhecer, o que poderá fazer, senão se mostrar cortês e manter-se

à distância?

- Você me protegerá?

O tom de voz de Geórgia era o de uma criança assustada.

- Sim, eu a protegerei - O Duque sorriu ternamente para ela, de modo a infundir confiança - Sabe que farei isso, não é mesmo?

Ambos se fitaram e novamente houve uma vibração entre os dois. A cor voltou ao rosto de Geórgia e seu coração bateu forte.

Por um momento tudo pareceu deixar de existir. Eles estavam sozinhos em um mundo mágico que subitamente tornou-se dourado e cheio de música.

- Geórgia quero apresentar o general Denman.

A voz de Lady Carrington quebrou o encanto.

Geórgia sentiu como se rolasse do alto de uma montanha para o vale. Virou-se, olhou distraidamente para o senhor idoso, coberto de medalhas que era apresentado a

ela e disse mecanicamente algumas palavras convencionais.

Seguiram outras apresentações, Geórgia viu-se levada pelo salão e voltou com Lady Carrington para junto do Príncipe que disse,

- Sei que Lady Carrington já conhece meu velho amigo, o Comte St. Clare. Quero apresentá-lo a Sra. Baillie - Sua Alteza Real fez um gesto com a mão - O

Comte Jules

St. Clare.

Ao fazer a mesura, Geórgia teve a impressão de que um raio atingira o salão. Ouviu o Comte murmurar, “Enchanté”, depois de ter beijado sua mão. Ela olhou-o, amedrontada,

mas percebeu que não tinha sido reconhecida.

Por um momento, teve a sensação de que não podia andar. As pernas pareciam não obedecê-la. Notando que o Comte estava entretido, falando com Lady Carrington, ela

conseguiu dar uns passos e se aproximar do Duque, que conversava com o general Denman.

Esperou impaciente que a conversa entre os dois terminasse. Percebendo que alguma coisa acontecera o Duque pediu licença ao militar e voltou-se para Geórgia.

- O que foi?

- O homem com Lady Carrington, Comte St. Clare - ela respondeu em voz baixa.

- Aquele...?

O Duque não terminou a sentença. Reconheceu o homem de cinza que vira em Four Winds com Caroline e a quem ela dissera que estava tudo arranjado para a noite seguinte,

certamente se referindo à travessia do Canal.

Claro que o homem de cinza era o tal Jules! Por que não pensara nisso antes?

Em segundos toda a trama ficou clara na mente do Duque.

O Comte morava na Inglaterra havia alguns anos, fizera amizade com o Príncipe de Gales e era bem aceito nos mais altos círculos sociais. Com a guerra, passara

a

ser espião de Bonaparte. Ia para França e voltava para a Inglaterra no barco de contrabandistas e, recentemente, recebera a ordem de assassinar o Príncipe de Gales.

A idéia do assassinato devia ter partido do próprio Jules, pois ele, melhor do que ninguém estava a par da loucura do rei George III, e podia avaliar a crise política

e o caos resultantes da morte do herdeiro do trono.

- Está vendo o Comte? - A voz de Geórgia tirou o Duque de suas reflexões.

- Sim. Aja com naturalidade.

Virando para o lado, o Duque viu que a pessoa mais próxima era Lady Hertford. Tomou a mão dela, levou-a aos lábios e declarou,

- Cada vez que a vejo noto que está mais jovem e mais bonita, Milady. Começo a acreditar que descobriu o segredo da eterna juventude.

- Oh, Westacre, você é sempre lisonjeiro! - disse Lady Hertford - É muito bom revê-lo. O Príncipe sente demais a sua falta.

- E uma honra merecer a amizade de ambos, Milady - O Duque curvou numa breve reverência.

- Permita-me apresentar a Sra. Geórgia Baillie, hóspede de Lady Carrington.

- E um prazer conhecê-la - Lady Hertford falou sem o menor entusiasmo, seu olhar traindo a inveja que sentia, de uma jovem tão linda e elegante.

Ela voltou-se para o Duque como se a apresentação de Geórgia tivesse sido uma interrupção desagradável da qual se livrara depressa.

- Esta noite temos poucos convidados para jantar - explicou - Sua Alteza Real quis reunir apenas amigos mais íntimos. Seremos vinte e cinco ou pouco mais à mesa.

- É um grande privilégio estar presente - tornou o Duque formalmente.

O jantar foi anunciado e houve uma movimentação geral para os pares seguirem o Príncipe e Lady Hertford que, de braços dados, encaminharam para o salão de jantar.

Geórgia estremeceu ao ouvir uma voz gutural, odiosa, dizendo,

- Oh, não estou enganado, esta é Geórgia. A pequena Geórgia Grazebrook.

Horrorizada por ter sido reconhecida, Geórgia pensou que ia desmaiar. Porém uma coragem que ela jamais pensou que tivesse, reanimou-a.

- Engana-se, Milorde. Não sou mais Geórgia Grazebrook - retrucou - Estou casada, sou a Sra. Baillie.

- Seu marido está aqui? - indagou Lorde Ravenscroft.

- Está na marinha.

Mal deu a informação, Geórgia percebeu que cometera um erro, pois viu impressa nos olhos de Sua Senhoria a expressão lasciva que a repugnava.

- Você está ainda mais linda do que quando estivemos juntos pela última vez - ele elogiou - É bom que esteja em Londres, poderemos nos ver com regularidade. Amanhã

irei visitá-la.

- Não... estarei... na cidade - Geórgia balbuciou.

- Saberei encontrá-la - volveu Lorde Ravenscroft, seguro de si.

Aterrorizada, Geórgia sentia-se como um coelhinho hipnotizado por uma serpente. Neste instante alguém se colocou entre ela e o homem que detestava..

- Vou acompanhá-la ao salão de jantar - disse Peregrine gentilmente - Por sorte vou sentar à mesa à sua direita.

Aflita, Geórgia passou o braço pelo do Capitão, sentindo que desmaiaria se não se amparasse nele.

- Você está tão estranha - Peregrine observou com a franqueza de um irmão -

Sente-se bem?

- Aquele homem... - Geórgia murmurou.

- Que homem? O francês? Ele está aqui?

- Sim, está. Mas quem agora me assustou foi Lorde Ravenscroft.

- Oh, aquele ordinário! - Peregrine desabafou - Não conheço pessoa mais desprezível. Nunca entendi por que o Príncipe o recebe em sua casa.

Eles caminhavam lentamente para o salão de jantar. Percebendo que Lorde Ravenscroft estava distante, e reanimada pela conversa alegre de Peregrine, Geórgia voltou

a sentir-se autoconfiante.

- Não tenha medo daquele velhaco - o Capitão aconselhou - Trydon saberá lidar com Sua Senhoria. Fale-me sobre o outro. Qual dos presentes é ele?

Muito discretamente, Geórgia descreveu o francês.

- O quê?! O Comte St. Clare! - Peregrine exclamou - Você deve estar enganada! Ele é amigo do Príncipe de Gales, é bem recebido na mais alta sociedade e todos o consideram

um homem decente, embora seja francês.

- Mas é ele - Geórgia frisou sua expressão sombria.

- Por Júpiter! - Peregrine estava perplexo - Trydon já sabe?

- Já.

O salão de jantar, com colunas de granito ocre e creme, muito colorido e esplendorosamente decorado, encantou Geórgia. Ela sentou entre Peregrine e o idoso general

Denman.

A cabeceira da mesa estava o Príncipe com Lady Hertford à sua direita e Lady

Carrington à esquerda. Na outra extremidade, Lorde Ravenscroft ocupava o lugar de honra.

Os pratos foram servidos, um após outro, em travessas de ouro. Percebendo que Lorde Ravenscroft a olhava com insistência, Geórgia mal podia engolir. Cada bocado

das delícias que punha na boca tinha gosto de serragem.

Buscando conforto, ela olhou para o outro lado da mesa, onde estava o Duque, sentado perto de uma Lady usando tiara de opalas e pérolas. Do outro lado dessa Lady

estava o Comte.

Embora Lady Hertford tivesse dito que o Príncipe quisera reunir apenas alguns amigos, eram vinte e oito os convidados reunidos ao redor da longa mesa envernizada,

sem a tradicional toalha adamascada, imensa. Fora o Príncipe de Gales quem introduzira a moda de se usar pequenas toalhas individuais sob os pratos.

A mesa estava decorada com candelabros e outros enfeites de ouro e um enorme arranjo de orquídeas brancas com pintas vermelhas. Olhando para as flores, Geórgia imaginou

por um momento que via gotas de sangue e sentiu um calafrio. Voltou o olhar para o Comte e observou-o por um instante.

Estaria cometendo um engano? Se o Comte era benquisto por todos, poderia ter em mente assassinar o Príncipe, que o considerava um amigo? Seria ele mesmo o homem

que ela carregara no barco algumas semanas atrás?

Sabia que era. Não estava enganada. Não esqueceria aquelas feições estranhas. Naquela noite vira perfeitamente as rugas descendo das laterais do nariz até os cantos

da boca. Ela o reconheceria mesmo entre uma multidão.

Os vinhos especiais que acompanhavam os pratos requintados eram despejados em copos de cristal lapidado, ostentando os emblemas reais. A sobremesa começou a ser

servida e Geórgia pensou aliviada que em breve as Ladies deixariam o salão.

Neste instante, o Duque ficou de pé e perguntou ao Príncipe,

- Permite-me, Sire, que eu relate uma história do interesse de todos os presentes?

- Ah, uma história? - tornou o Príncipe, curioso.

- Sim, uma história que diz respeito a Vossa Alteza Real.

- Se me diz respeito, pode fazer uso da palavra - aquiesceu o Príncipe, encantado, imaginando ouvir lisonjas - Só peço, Westacre, que não seja uma história longa

como os sermões do meu capelão.

- Serei breve - o Duque prometeu - a história começa na França, onde Napoleão Bonaparte recebeu em audiência, cerca de três semanas atrás, um visitante procedente

da Inglaterra.

O Príncipe empertigou-se em sua cadeira.

- Como? Por que alguém deixaria a Inglaterra para ter uma audiência com o inimigo? - inquiriu.

- Logo direi Sire. Devo esclarecer, em primeiro lugar, que essa audiência foi secreta e era de grande importância para Bonaparte. O visitante da Inglaterra tinha

um plano em mente, livrar-se de Vossa Alteza Real.

O queixo do Príncipe caiu.

- Livrar-se de mim? Como? Está falando de assassinato? Quem contou isso, Westacre?

- Deixe-me concluir, Sire - pediu o Duque - A trama foi considerada excelente porque tanto o idealizador da mesma, como Bonaparte, compreenderam que a morte de Vossa

Alteza Real, neste momento, causaria uma crise política, uma inquietação nas forças armadas, especialmente na Marinha. Enfim, seria o caos.

- Sim, sim, causaria. Mas, assassinar-me? Nunca imaginei uma coisa dessas.

- Só de pensar nisso sinto que vou desmaiar - murmurou Lady Hertford.

Ninguém pareceu ouvir o que ela disse. Todos os olhares estavam fixos no Duque, ele prosseguiu,

- O cavalheiro retornou à Inglaterra...

- O que Collingwood está fazendo que não vê isso? - Sua Alteza Real interrompeu o Duque - Como é possível que as pessoas atravessem, de um lado para o outro do Canal

como se estivessem passeando por Piccadilly?

- Devo dizer que ele fez suas viagens em barco de contrabandistas - esclareceu o Duque - Vossa Alteza Real sabe que eles fazem seu comércio, desrespeitando os agentes

do tesouro público e a polícia marítima. Na verdade, nem dez por cento do contrabando é apreendido. É claro que o cavalheiro em questão tem na Inglaterra alguém

com autoridade, muito dinheiro, muita importância e tráfego de influência. Essa pessoa organizou um comércio rendoso de contrabando. Posso dizer que ele controla

a maior parte do comércio ilegal. Foi muito simples, portanto, para o espião de Bonaparte, pedir ao amigo que o transportasse para a costa francesa e de volta para

a Inglaterra. Digo mais, esse espião combinou com outro francês para trazer a mensagem de Bonaparte com instruções sobre a data do assassinato.

- Meu bom Deus nunca ouvi uma história tão extraordinária! Quem são esses dois? - quis saber o Príncipe.

- O controlador do contrabando é um aristocrata inglês que Vossa Alteza Real conhece bem...

Houve uma agitação na extremidade da mesa, a cadeira foi afastada com tal violência que tombou no chão. Com o rosto alterado e uma expressão diabólica, Lorde Ravenscroft

ficou de pé e tirou do bolso do paletó uma pequena pistola.

- Todos para trás! Ninguém me toque! Matarei quem encostar um dedo em mim!
- ameaçou furioso - E você, maldito Westacre, como descobriu que era eu?

Enquanto gritava ameaçadoramente, Lorde Ravenscroft mantinha os olhos fixos no Duque e dava passos para trás, pretendendo sair do salão. Agilmente, Peregrine correu

para a porta. Virando-se, Lorde Ravenscroft viu o Capitão e atirou. Errou o alvo porque Peregrine abaixou-se, indo a bala atingir o painel da parede.

As Ladies gritaram e os cavalheiros ficaram de pé. Ouviu-se outro tiro e Lorde Ravenscroft caiu pesadamente no chão. De costas para a porta, estava Peregrine segurando

a pistola ainda fumegante.

A confusão foi geral. Algumas pessoas recuaram para o fundo do salão, outras ficaram aflitas para sair dali e a maioria dos cavalheiros correu para junto do corpo

estendido no chão.

Atento ao Comte, o Duque não perdeu nenhum de seus movimentos. Viu-o aproximar-se do Príncipe, aproveitando aquele momento de desordem, em que as atenções estavam

voltadas para onde estava Lorde Ravenscroft caído.

De repente, o Comte tirou do bolso do paletó de brocado um afiado punhal e ergueu o braço para desferir o golpe mortal. Ouviu-se o grito agudo de Lady Hertford e

o Príncipe, petrificado, viu a lâmina de aço reluzir à luz das velas.

Com um movimento rápido o Duque agarrou a mão assassina, fez com que o Comte se voltasse para ele e desferiu no queixo um golpe de boxe, aprendido na universidade

com mestres do ringue.

O Comte quase voou no ar antes de cair no chão, inconsciente do lado do punhal que brilhava sobre o tapete.

O vozerio e a confusão aumentaram. O Major-General, Lorde Darlington, assumiu o comando da situação.

- Retirem, imediatamente, estes dois da presença de Sua Alteza Real - ordenou aos criados em pânico - Por favor, senhoras e cavalheiros, retornem a seus lugares.

Este barulho não pode ser mais inconveniente.

Tais palavras agiram como uma ducha de água fria sobre os presentes.

Todos obedeceram. Sentaram e ficaram em silêncio, olhando para o Príncipe, que, vermelho, parecia respirar com dificuldade. Encostada no seu ombro, Lady Hertford

chorava e segurava um lençinho contra o rosto.

Só Lady Carrington, muito ereta em sua cadeira, observava todos com um brilho nos olhos.

- Vossa Alteza Real não se machucou? - perguntou desnecessariamente um militar do cerimonial da guarda.

- Estou bem, muito bem - respondeu o Príncipe.

Peregrine ficou de pé.

- Peça que me perdoe - disse cortesmente.

- Perdoá-lo?! - admirou o Príncipe - Por quê?

- Por carregar uma arma na presença de Vossa Alteza Real. Sei que isso é uma ofensa, mas eu já previa que iria acontecer o que aconteceu.

- Já previa?

- Que Lorde Ravenscroft estava envolvido nisso, eu não tinha idéia. Mas sabia que um espião a mando de Bonaparte tentaria assassiná-lo, Sire - revelou o Capitão.

- Vejo que você agiu com Westacre em minha defesa - reconheceu o Príncipe - Entretanto, se vocês sabiam quem era o homem enviado por Napoleão, por que não o prenderam

antes que ele me ameaçasse?

- Vossa Alteza Real teria acreditado em nós? - indagou o Duque - Além disso, eu não tinha certeza de que St. Clare iria agir esta noite. Pelo menos, não diante de

tantas pessoas. A confusão reinante com a morte de Lorde Ravenscroft foi a oportunidade que ele esperava, para matar Vossa Alteza Real e desaparecer sem que tivessem

percebido seu crime.

- Você salvou-me a vida, Westacre. Jamais me esquecerei disso - O Príncipe enxugou o suor da testa - E agora, por favor, alguém poderia me servir um pouco de brandy.

Preciso muito de uma bebida forte depois do que passei.

De volta ao salão chinês com Lady Hertford e as outras senhoras, Geórgia não prestou atenção à conversa acalorada que se seguiu. Cada uma queria contar o que vira,

sentira e ouvira.

Isolada, num canto, ela refletia que não iria ao Almack's nesta ou em qualquer outra noite. Também não voltaria à Carlton House. As roupas que Lady Carrington lhe

dera não seriam usadas. O Duque a levaria de volta a Four Winds e depois disso ambos nunca mais se veriam.

Os pensamentos entristeceram-na. Trydon era maravilhoso! Graças a ele o Príncipe de Gales estava salvo. Quando Trydon se levantara e agarrara a mão do Comte, ela

temera pela vida dele e não de Sua Alteza Real. Soube então que o amava.

Amava-o tão intensamente que sentia como se um fogo ardesse em seu peito. E o amor, agora tinha certeza, nascera em seu coração, quando Trydon concordara em substituir

um dos remadores naquela travessia do Canal. Na companhia de Trydon sentia-se feliz e protegida. Vibrava quando ele a tocava ou quando a fitava daquela maneira tão

especial.

Apesar de aquele amor despertar nela uma emoção indescritível, Geórgia sabia que era um amor impossível. Eles nunca poderiam pertencer um ao outro. Seus olhos arderam

e por um alarmante momento Geórgia julgou que iria chorar. Como costumava acontecer quando corria o perigo de fraquejar, seu orgulho fez com que erguesse a cabeça

altivamente. Por mais que amasse o Duque, ele jamais saberia disso.

Geórgia estava tão absorta que não viu o Príncipe e os cavalheiros entrando no salão. Sua Alteza Real aproximou-se dela e convidou-a para ver alguns dos tesouros

que ele colecionava.

Automaticamente, ela seguiu-o pelos salões. Olhou para as telas e obras de arte valiosíssimas, sem o menor interesse e sequer notou que o Príncipe mantinha-se muito

mais perto dela do que o necessário. Quando se separaram ele tocou o rosto e com os dedos roliços fez novamente cócegas na palma de sua mão.

Só uma pessoa prendia a atenção de Geórgia, o Duque. Calmo, elegante e perfeitamente à vontade ele conversava com amigos, andava pelo salão e inevitavelmente voltava

para o lado dela.

Ao final da noite, o Príncipe agradeceu ao Duque mais uma vez e advertiu a todos,

- Nada do que ocorreu aqui deve aparecer nos jornais. Confio em vocês, meus amigos, e sei que guardarão segredo. Deixemos que Bonaparte faça conjecturas sobre qual

terá sido o resultado de sua trama. A incerteza será para ele mais torturante do que saber que seu plano falhou.

Todos prometeram que nenhuma palavra sairia de seus lábios e foram deixando o salão.

No hall, o Duque olhou para o oficial com o uniforme dos hussardos que acabava de chegar e exclamou,

- Oh, Senhor, é Arthur! Ouvi dizer que você estava preso, na França. E muito bom vê-lo aqui, Coronel!

Depois de cumprimentar Trydon e Peregrine, o Coronel respondeu,

- Caímos numa emboscada e fui parar numa prisão da França, onde imaginei que ficaria até o fim da guerra. Felizmente, consegui sair de lá - respondeu o oficial -

Mais tarde falaremos sobre isso. Preciso ver Sua Alteza Real.

Lembrando-se das Ladies na sua companhia, o Duque apresentou o amigo,

depois convidou-o,

- Almoce comigo, amanhã, Arthur. Então você me contará sobre a sua prisão e como conseguiu libertar-se.

- Impossível, Trydon - o Coronel recusou o convite - Seguirei amanhã para Sussex, mais precisamente para Little Chadbury. Devo procurar a Srta. Geórgia Grazebrook.

Tenho uma mensagem do irmão dela, com quem estive na prisão.

O Coronel curvou diante das Ladies e ia se afastar, mas Geórgia disse depressa,

- Sou Geórgia Grazebrook. Baillie é meu sobrenome de casada. Oh, por favor, Coronel, que mensagem de Charles o senhor tem para mim? Eu não sabia que ele estava preso.

- Charles foi preso há alguns meses, quando tentava salvar a vida de um marinheiro que havia caído no mar, durante uma tempestade. Ele nadava de volta para o navio,

mas os franceses capturaram e levaram-no para a prisão do castelo de Calais, uma verdadeira fortaleza.

- Oh, meu Deus! Que horror! - Geórgia levou as mãos ao peito - Charles está bem?

- Na medida do possível, sim. Está frustrado por ver-se fora da luta contra Bonaparte.

- Por favor, conte-me tudo o que sabe sobre meu irmão - Geórgia suplicou.

O Coronel olhou para os amigos como a pedir sua interferência. Entendendo o apelo, o Duque explicou calmamente a Geórgia,

- Em primeiro lugar o Coronel deve falar com Sua Alteza Real. Quando ele deixar Carlton House, talvez possa ir até a Grosvenor Square, isto é, se Lady Carrington

permitir.

- Naturalmente - assentiu Lady Carrington - Você sabe muito bem que estou tão ansiosa quanto Geórgia para ouvir o que o Coronel tem a dizer.

- Muito bem, irei vê-los o mais depressa possível - prometeu o Coronel.

- Carrington House, Grosvenor Square - informou o Duque - Mandarei a carruagem buscá-lo, caso você não tenha a sua.

- Não tenho meios para tanto, velho amigo! - respondeu o Coronel, rindo - No tempo em que lutamos juntos você também não podia manter tal luxo. Com Peregrine a história

era outra.

- E verdade - O Duque riu também - Mas vá depressa ver Sua Alteza Real. Se ele o aguarda, deve estar ansioso para ouvir suas aventuras.

- Pode acreditar que são mesmo aventuras - afirmou o Coronel. Curvou-se diante das senhoras e acrescentou antes de se afastar - Seu criado, Ladies.

No coche, de volta para a casa de Lady Carrington, Geórgia murmurou,

- Charles está preso. O que farei agora? Não suporto pensar que ele está nas mãos do inimigo.

- Talvez encontremos uma solução - o Duque falou em tom confortador.

- Você poderia nos ajudar? - Os olhos de Geórgia brilharam.

- Não prometo nada, mas acaba de me ocorrer uma idéia. Acredito que temos chances de libertar Charles.

CAPÍTULO XI

Puxado por quatro cavalos admiráveis, o luxuoso faetonte avançava a uma velocidade incrível na estrada para Brighton, praticamente vazia àquela hora da manhã. Muito

elegante, usando um conjunto novo de viagem, coral, com capa e chapéu dessa

mesma cor, e sentada entre Peregrine e Trydon, Geórgia refletiu que viajava em grande

estilo e chegariam a seu destino em tempo recorde.

Estaria imensamente feliz, não fosse a lembrança de que Charles estava preso e que em breve ela e o Trydon se separariam.

Trydon era um Duque e, terminada a aventura de tentar salvar Charles, ambos não mais se encontrariam. Sequer poderia pensar em continuarem amigos, pois ele voltaria

para seu mundo e ela permaneceria em Four Winds. Tentaria administrar a fazenda até que Charles voltasse para casa definitivamente.

Pelo menos não teria de suportar a presença da madrasta nem continuar com as atividades de contrabando.

O pensamento a fez lembrar do que acontecera na noite anterior, depois de terem voltado da Carlton House e nessa manhã, logo que se levantara. Na sala de estar da

Carrington House, Geórgia perguntou timidamente ao Duque, como ele achava que Caroline iria reagir ao saber do que acontecera.

- Esqueça Caroline. Sua madrasta nunca mais a perturbará - ele respondeu.

- Por que não? Ela voltará a Four Winds, com toda certeza.

- O superintendente de Carlton House prometeu que irá procurar Lady Grazebrook. Ele saberá lidar com uma mulher como aquela. Fique tranqüila, você nunca mais voltará

a vê-la - o Duque assegurou.

O tom enfático deveria deixar Geórgia confiante, porém ela refletiu que assim que Trydon sáísse de sua vida, Caroline Grazebrook voltaria a Four Winds para se vingar

da enteada por considerá-la responsável pelo término das atividades ilegais que

lhe davam tanto lucro e pelo que acontecera a seus dois maiores amigos.

Percebendo o que Geórgia estava sentindo, o Duque disse calmamente,

- Mais tarde falaremos sobre isso. Por enquanto, esqueça aquela mulher insignificante. Fique certa de que está livre dela para sempre. Devemos tratar de um assunto

muito mais sério.

Era verdade, Geórgia reconheceu. A libertação de Charles era mais importante e mais urgente. O Duque revelou que tinha em mente um plano para salvar Charles, mas

antes de estudar como poderia ser posto em ação, ela precisava conversar com o Coronel Goodwill.

Este, como havia prometido, foi à casa de Lady Carrington após sua audiência com o Príncipe de Gales. Tranqüilizou Geórgia, assegurando que Charles estava bem. Revelou

que fora libertado em troca da libertação de dois almirantes de Bonaparte.

Por fim, ele deu algumas informações sobre o castelo de Calais, sobre os guardas e explicou como era a rotina dos oficiais presos. Fez também um desenho para indicar

onde Charles e outros prisioneiros eram mantidos. Eram os elementos que o Duque precisava. Em casa, ele traçou cuidadosamente um plano para tirar Charles do castelo.

Na manhã seguinte, mal o dia clareou, Geórgia levantou sem esperar ser chamada pela criada que a atendia. Vestiu-se sem pressa, sabendo que era muito cedo. Quando

desceu encontrou Peregrine sentado à mesa do breakfast.

- O que você pode me dizer sobre o plano de Trydon para libertar Charles? - Geórgia perguntou ansiosa, nem se lembrando de cumprimentar o Capitão.

- Bom dia, Geórgia - Peregrine ficou de pé - Quanto ao plano, estou tão ansioso para saber sobre ele quanto você. Sente-se e coma alguma coisa.

- Estou sem fome - disse ela, olhando para a mesa cheia de pratos apetitosos servidos em travessas de prata.

- Precisa se alimentar - Peregrine insistiu - Você não pode fazer uma viagem tão longa com o estômago vazio. Aliás, essa é uma das regras de Trydon. Ele costuma

dizer que aprendeu no regimento, que os soldados marcham e lutam melhor quando bem alimentados.

- Você acha que iremos ainda hoje?

- Trydon é um homem de ação. Acredito que ele porá seu plano em prática esta noite, se possível.

- Não será fácil tirar Charles... - Geórgia não completou a sentença porque entendeu o olhar de Peregrine, indicando para não tocar no assunto diante do mordomo

que os servia.

Novamente, o Capitão insistiu com ela para comer. Não só para agradá-lo, mas também por achar que Trydon tinha razão, em dizer que as pessoas deviam se alimentar

bem para ter forças, Geórgia comeu um pouco de ovos com presunto. Depois tomou café com creme, e experimentou torradas com mel, que Peregrine disse ter vindo da

propriedade que a avó possuía em Surrey.

O Capitão, ao contrário, demonstrou grande apetite. Serviu-se de algumas costeletas de cordeiro, depois experimentou dois outros pratos, nos quais Geórgia não prestou

atenção, impaciente como estava para que o mordomo saísse da sala. Por fim, Peregrine dispensou-o. Assim que a porta se fechou, ela perguntou ansiosa,

- Como Trydon pretende entrar naquele castelo, encontrar Charles e fugirem ambos de lá? Deve haver guardas por toda parte. Seja qual for o plano dele, parece impossível

de ser posto em prática.

- Não se preocupe. Trydon planeja coisas que parecem loucura, mas acaba tendo sucesso. As dificuldades não o assustam. Quanto a mim, vou levar duas pistolas de duelo.

Algo me diz que precisarei delas.

Lembrando de como Peregrine havia usado a arma na noite anterior, Geórgia estremeceu. Disse em seguida,

- Preciso agradecer pelo que fez. Agora que Lorde Ravenscroft está morto, sinto de fato, livre das viagens de contrabando e do pavor de ver aquele homem na minha

frente.

- E a sociedade livrou-se daquela velha cascavel. Mas agradeça a Trydon, não a mim. Foi ele quem me convenceu de que o tal francês era perigoso. Por isso, decidi

ir armado à Carlton House, o que poderia ter me deixado em má situação perante Sua Alteza Real. Mas, afinal, Trydon estava certo e apanhamos não só St. Clare, mas

também Ravenscroft.

- Você e Trydon foram maravilhosos! - Geórgia exclamou.

Neste instante o Duque entrou na sala.

- Ainda estão comendo? Já vamos partir.

- Terminamos - disse Peregrine.

- Ótimo. Meu faetonte está aí fora. Vá buscar a capa de viagem, depressa - ele

recomendou a Geórgia - Imagino que você tenha arrumado uma pequena bagagem para os

próximos dois dias e duas noites.

- A criada que cuida de mim já deixou tudo arrumado. Vou pegar a capa e despedir de Lady Carrington, caso ela já esteja acordada.

Geórgia afastou-se. Encontrou Lady Carrington desperta e excitada só de pensar na aventura que o neto e os amigos iriam viver.

- E uma pena que eu não seja pelo menos vinte anos mais jovem - lamentou - Por mais perigosa que seja uma aventura, é sempre melhor vivê-la do que ser deixada para

trás.

Impulsivamente, Geórgia abraçou sua benfeitora e agradeceu,

- Obrigada por tudo. A senhora foi maravilhosa. Tudo o que eu possa dizer será pouco para expressar quanto lhe sou grata.

- Você é uma garota encantadora - disse Lady Carrington afagando o rosto de Geórgia - Sinto não poder levá-la à recepção desta noite na Carlton House e aos bailes

que havia planejado para você.

- Eu gostaria muito de poder ficar em Londres mais alguns dias. Não imaginei que eu iria reconhecer o Comte Jules St. Clare logo na primeira noite.

Ao dizer isso, Geórgia pensou que ficar em Londres significaria ter a companhia de Trydon por mais tempo. Já não tinha mais dúvidas de que o amava perdidamente.

Porém seu amor era sem esperanças.

Deixando as lembranças, Geórgia olhou para Trydon e admirou o modo como ele manejava as rédeas dos quatro cavalos de raça.

Como ele era belo, forte, elegante e seguro de si, pensou, com o coração batendo forte. Era tão marcante o ar de autoridade e nobreza que emanava de sua pessoa,

que ela se questionou como pudera ter imaginado, que ele era um fugitivo ou que precisava se esconder.

Como se tivesse percebido que estava sendo observado, Trydon tirou momentaneamente a atenção da estrada, olhou de relance para Geórgia e perguntou sorridente,

- O que está achando da viagem?

- Maravilhosa! Nunca viajei com tanto conforto - ela respondeu com a sensação de que, por causa da velocidade, o vento roubava as palavras da boca.

- Por Júpiter, Trydon! Invejo-o por ter cavalos tão magníficos! - exclamou Peregrine - Se continuarmos a viajar nesta velocidade conseguiremos bater facilmente o

recorde feito por Prinny há pouco tempo, de Londres a Brighton.

- Pode acreditar que sim, mas no momento não estou preocupado com recordes. Há coisa muito mais séria em jogo.

- Tem razão - Peregrine assentiu e calou-se.

Eles pararam numa estalagem pouco antes do meio-dia. Dois rapazes correram para segurar as rédeas dos cavalos e o dono do estabelecimento apareceu à porta para receber

os elegantes clientes. Antes de levá-los a uma sala reservada indicou aos cavalheiros onde ficava o lavatório e sua esposa conduziu Geórgia a um quarto do primeiro

andar, onde ela se lavou e refez o penteado.

Ao ver-se no grande espelho da parede ela admirou a própria aparência e elegância. Apesar da noite mal dormida e das horas de viagem, não apresentava sinais de abatimento

e cansaço. Que diferença fazia um belo traje e uma maquiagem, embora leve! Agora, Geórgia reconheceu, parecia uma Lady da alta sociedade.

Sabia, contudo, que, no fundo, era a mesma garota amedrontada que fora obrigada a praticar uma atividade ilegal. Estava sozinha no mundo, exceto pela idosa Nana

que precisava se aposentar e por Charles, prisioneiro dos franceses.

Se tais pensamentos abateram o ânimo, ela não o demonstrou ao sentar-se à mesa com Trydon e Peregrine. Os três fizeram uma refeição ligeira e tomaram vinho.

Estavam quase acabando de comer quando o Duque perguntou a Geórgia,

- Charles tem uma canção favorita? A maioria das pessoas gosta de certa melodia que as faz lembrar-se da infância ou de uma ocasião especial.

- Sim, claro. Mamãe sempre tocava ao piano uma canção chamada “Charlie é meu querido” - Geórgia respondeu, não podendo imaginar qual o motivo de Trydon fazer aquela

pergunta - Nós ficávamos do lado do piano e cantávamos a melodia. Lembro de que eu tinha ciúme de Charles, porque a canção mencionava o nome dele e não o meu.

- Obrigado pela informação, por sorte conheço a melodia - o Duque agradeceu e avisou - Continuaremos a viagem dentro de dez minutos.

- Já? Você nos deu apenas uma hora de descanso - reclamou Peregrine, ainda apreciando seu vinho.

- Há muito trabalho a ser feito - alegou o Duque.

- Até agora não sabemos o que faremos quando chegarmos a Brighton - assinalou Geórgia.

- Não iremos a Brighton. Nosso destino é Four Winds - esclareceu o Duque.

- Four Winds?! - Geórgia repetiu, admirada - Por quê? O que vamos fazer lá?

- Falaremos sobre isso quando chegarmos à sua casa. Não quero tocar neste assunto aqui. Ontem aprendi uma lição, não se deve confiar em ninguém! O superintendente

de Carlton House segredou-me que Sua Alteza Real costuma ser indiscreto diante dos amigos. Depois do que aconteceu, fica a pergunta, Que segredos do nosso Exército

ou que estratégia naval Bonaparte já descobriu, por causa das conversas descuidadas do Príncipe?

- Você está certo - Peregrine concordou com o amigo - Não diga nada, Trydon, ainda que Geórgia e eu estejamos para morrer de curiosidade.

O Duque voltou-se para Geórgia.

- Está descansada?

- Perfeitamente. Viajar numa carruagem com tanto conforto é um luxo com o qual não estou acostumada.

O Duque sorriu e piscou para ela, indicando que sabia por experiência própria como era penosa a travessia do Canal.

- Boa garota! - disse alegremente.

Uma agradável sensação de bem estar tomou conta de Geórgia ao ouvir a aprovação de Trydon.

Eles continuaram a viagem e uma hora depois estavam atravessando o imponente portão de Four Winds. A casa, com seus tijolos vermelhos de tom esmaecido pelo tempo

e cercada pelas árvores, parecia uma jóia preciosa em estojo de veludo.

- Que lugar lindo! - Peregrine admirou.

- Aquela é a minha casa - Geórgia murmurou orgulhosa.

- Parabéns. É uma das mais lindas casas elisabetanas que conheço.

- Bem, receio que vocês não tenham aqui o conforto que têm em Londres - observou Geórgia em tom de desculpa.

- Trydon e eu dormíamos quase sempre no chão duro, quando estávamos lutando na Península.

- Geórgia está sendo modesta - interveio o Duque - Sei que há muito conforto na casa. Também afirmo que Nana não nos deixará com fome.

O faetonte parou diante da porta principal, mas demorou algum tempo para o velho Ned vir cuidar dos cavalos.

Quando Nana apareceu no hall, apressada e com expressão ansiosa, imaginando que Lady Grazebrook estava de volta, os três já iam entrando na casa. Transformou-se

ao ver Geórgia e o Duque.

- Nunca imaginei que fossem vocês, Srta. Geórgia e Sr. Ravel! - exclamou feliz - Mas o que fizeram com você, minha querida? Está diferente, linda e elegante como

eu sempre quis vê-la e como você merece - Nana voltou-se para o Duque - Obrigada Sir, manteve a sua promessa de trazê-la sã e salva.

- Certamente. Mas temos um trabalho difícil pela frente, Nana - expôs o Duque.

Carinhosamente, Geórgia abraçou Nana e disse em voz baixa e suave,

- Ouça, Nana, Charles está preso e vamos tentar libertá-lo. Fique calma, pois sua ajuda é para nós de grande importância.

- Preso? Meu pobre garoto! Aqueles franceses! Ninguém está livre deles! - Nana desabafou.

- Sim, você tem razão, mas Sua Alteza pode ajudar Charles. Ele tem um plano em mente - acrescentou Geórgia, nem se lembrando de que Nana não sabia que o Sr. Ravel

era o Duque de Westacre.

- Sua Alteza? - Nana surpreendeu-se.
- O Sr. Ravel é na verdade, o Duque de Westacre - Geórgia esclareceu.
- Então eu estava certa! - Nana declarou feliz.
- Logo que o vi, Sir percebi que era um nobre. Convivi com aristocratas e não podia me enganar.
- Sou a mesma pessoa em cuja mão você fez o curativo, o mesmo homem faminto a quem você deu de comer e a quem chamou de malandro - enumerou o Duque.

Nana enrubesceu e ficou sem graça, mas Geórgia a abraçou.

- Tenho muita coisa para lhe contar, mas isso fica para mais tarde. Sirva uma bebida para os cavalheiros e chocolate para mim.
- Providenciarei tudo num instante - Nana afastou-se do hall murmurando - Um Duque, eu sabia que havia sangue azul nas veias do Sr. Ravel.
- Agora quero que você reúna o mais depressa possível toda a sua tripulação, Geórgia, e também arranje um homem acostumado a trabalhar na construção e consertos

de torres e campanários - pediu o Duque - Ah, troque de roupa. Os moradores da vila e da fazenda não a reconhecerão. Peregrine e eu iremos até a biblioteca.

Geórgia o obedeceu sem titubear. Subiu apressada para seu quarto e trocou o lindo conjunto coral por um dos vestidos velhos. Encontrou o jardineiro aparando o gramado

e pediu para avisar os remadores, que moravam na vila para virem imediatamente à casa grande. Ela encarregou-se de falar com Sam, um dos guarda caças, pediu para

avisar os outros companheiros que moravam na fazenda que precisaria de todos eles.

Em seguida, foi até a casa dos dois pedreiros, pai e filho, especializados em

trabalhar em torres. Receou que ambos estivessem fora, pois também trabalhavam nas

vilas, nas cidades e fazendas vizinhas. Teve sorte de encontrá-los em casa.

Meia hora mais tarde, Geórgia estava de volta. Vaidosa, subiu para se trocar novamente. Se ia se despedir de Trydon queria que ele guardasse dela uma boa impressão.

Vestiu um dos trajes novos mais simples, de musseline, que trouxera de Londres, e desceu.

No hall encontrou seis de seus homens, um tanto embaraçados, esperando no hall. Cumprimentou cada um deles apertando-lhes a mão e chamando-os pelo nome.

- Queria falar conosco, Milady? - Fred perguntou - Haverá viagem esta noite?

- Espere um momento - ela pediu, foi até a biblioteca e avisou o Duque, - Alguns homens já chegaram. Onde você quer falar com eles?

- Diga-lhes para vir até aqui - ordenou o Duque como se a casa fosse sua.

Os homens rudes entraram na biblioteca e o Duque também cumprimentou apertando-lhes a mão. Geórgia se divertiu ao notar que os homens estavam contentes de rever

o homem que já consideravam um companheiro. Um companheiro que correria riscos como eles, um companheiro que vira o francês morrer e que certamente se livrara do

corpo do inimigo. Um companheiro no qual confiavam.

Outros homens chegaram ofegantes, e a biblioteca ficou lotada.

- Estão todos aqui? - o Duque indagou a Geórgia.

- Sim, os remadores e os dois homens especializados em torres, Ernest Farrow e o filho, Ben. São famosos nas redondezas - explicou Geórgia.

- Tenho uma notícia para vocês, senhores - o Duque começou - Sir Charles, dono de Four Winds, está preso, na França.

Houve um coro de exclamações e um dos homens não conteve uma imprecação.

- Posso avaliar o que vocês sentem, pois sei que gostam de Sir Charles. Quero saber se todos estão dispostos a me acompanhar numa viagem arriscada, uma tentativa

desesperada de salvar o patrão de vocês.

Reinou na sala um momento de silêncio desconfortável. Então, como se atendendo a uma ordem, todos se aproximaram da escrivaninha sobre a qual estavam duas folhas

de papel com a planta da ala do castelo de Calais, onde Charles estava preso.

Começava escurecer quando os homens foram para o barco, levando todos os equipamentos necessários para a travessia do Canal e a escalada da parede do castelo. Soprava

uma brisa suave vinda do sul e o mar estava calmo.

Trajando as antiquadas roupas masculinas e calçando as altas botas de pescador, Geórgia reuniu-se ao Duque e Peregrine e os três desceram para a praia. Pela primeira

vez ela se sentiu embaraçada por estar mal vestida. Gostaria de usar algo mais atraente.

No mesmo instante compreendeu que o momento não era para vaidade, o importante era salvar Charles e participar daquela aventura.

Em princípio o Duque se recusara terminantemente a deixá-la acompanhá-los. A discussão fora acalorada e Geórgia vencera simplesmente porque havia jurado que proibiria

os homens de saírem com o barco.

- Direi que você não é pessoa confiável, inventarei qualquer mentira - ela o

ameaçara - mas você não irá sem mim! Não ficarei para trás!

- O que vamos fazer não é tarefa para mulher - retrucara o Duque.

- Transportar cargas pelo Canal também não é tarefa para mulher e fiz isso mais de doze vezes! Comandei os homens muito bem e sempre os trouxe de volta para casa,

sãos e salvos. Se está lembrado, só tivemos problemas quando você nos acompanhou - argumentara Geórgia, zangada.

- O que você acaba de dizer não tem lógica - rebatera o Duque - Muito bem, você venceu. Eu a levarei, mas sob protesto. Há muitas pessoas no barco.

- Há bastante lugar - Geórgia contestara - Além disso, não teremos carga na volta.

- Oh, quem pode discutir com uma mulher? - O Duque levantara as mãos.

Finalmente o barco foi arrastado para a água, tendo Geórgia assumido o controle do leme. Já era noite, mas a escuridão não era total. A lua pálida mostrava-se, tímida,

por entre as nuvens. Os homens remavam em silêncio, ocasionalmente o Duque dava ordens,

- Um pouco mais a estibordo, Geórgia. Mantenham o ritmo, senhores.

Eles já navegavam havia horas quando avistaram a costa da França. O Duque perguntou a Peregrine,

- Que horas são?

Levou algum tempo para o Capitão acender a lanterna, consultar o relógio e apagar a vela.

- Dez para as quatro.

- Começa a alvorecer às quatro e meia - o Duque considerou - Reme mais ativamente, senhores. De agora em diante tudo será feito dentro do tempo exato

que planejei.

- O que vamos fazer Trydon? - Geórgia perguntou, pois não permanecera na biblioteca o tempo todo e pouco sabia do plano para libertar o irmão.

- Você logo verá - o Duque respondeu.

Notando o desapontamento de Geórgia, Peregrine explicou,

- O Coronel Goodwill informou que os prisioneiros fazem exercícios nas ameias, ao amanhecer e ao escurecer.

O Duque tomou o lugar de Geórgia e pediu que ficasse sentada no barco, bem abaixada. Ao segurar o leme, apertou a mão dela e recomendou,

- Você deve ser corajosa. Mesmo que meu plano fracasse, pelo menos tentamos.

- Eu sei - Geórgia murmurou - O que quer que aconteça, sou muito grata.

Ela passou para o banco à sua frente e curvou-se, ficando com o rosto encostado nos joelhos. Enquanto isso o Duque conduziu o barco para a grande fortaleza que se

erguia, monumental, à beira do mar.

Ainda estava escuro quando o barco parou a pouca distância da praia. Os dois especialistas em torres saltaram para a terra, carregando todo o equipamento necessário

para escalar a altíssima parede de pedra, que descia abrupta para o mar, certamente considerado inexpugnável pelos franceses.

Pai e filho desapareceram. Tudo estava em silêncio. Ouvia-se apenas o marulhar das ondas.

O Duque entregou a cana do leme a Peregrine e desembarcou.

Para Geórgia, foi uma tortura vê-lo se afastar, caminhando para o perigo. Teve vontade de acompanhá-lo, de estar do lado dele. Se algo lhe acontecesse eles não teriam

sequer se despedido.

O céu começou a clarear e já se podiam ver as duas figuras, Ernest e Ben, amarrados a cordas ambos iam avançando devagar naquela penosa escalada. Lá embaixo estava

o Duque.

- Que horas são? - Geórgia perguntou a Peregrine que havia tirado o relógio do bolso.

- Quatro e vinte e oito - Sussurrou o Capitão - Quatro e vinte e nove - avisou um minuto depois e, por fim, - Quatro e trinta.

Todos os que estavam no barco olhavam para o alto do castelo. Subitamente, numa das janelinhas mais altas apareceu uma luz. Alguém descia da torre e carregava uma

lanterna para iluminar a escada. Ouviu-se a seguir o assobio da canção “Charlie é meu querido”.

Só então Geórgia entendeu que o Duque quisera saber qual a canção favorita de Charles para assobiá-la e assim chamar sua atenção. As notas da melodia soavam agudas

e claras. A essa altura, Ernest e Ben já haviam alcançado uma das ameias, prenderam nela uma corda, jogaram-na para baixo, desceram por ela e correram para o barco.

O Duque não parou de assobiar. De repente, uma cabeça apareceu sobre as ameias.

- Veja a corda! - gritou o Duque e acenou indicando à direita.

Por um momento, a cabeça não se moveu. Aquele seria outro e não Charles? Todos pensaram. Segundos depois, um homem descia agilmente pela corda e chegava ao chão.

O homem que ficara segurando o barco na beira da praia empurrou-o para o mar e saltou para seu banco, quase ao mesmo tempo em que Charles e o Duque

patinhavam na

água para subir a bordo.

Apareceram outras cabeças nas ameias e ouviram-se vozes e gritos de comando.

- Força! Remem o mais depressa que puderem! - ordenou o Duque - Fiquem curvados, baixem a cabeça. Um, dois, um dois... mantenham esse ritmo.

O barco, por ser muito leve, avançou a grande velocidade. Começaram os disparos vindos das ameias, mas o barco já se havia distanciado bastante do castelo.

Mesmo assim o Duque continuou ordenando que todos baixassem a cabeça. Os tiros eram apenas ouvidos, mas não os alcançavam.

Só quando o castelo desapareceu de vista e os tiros cessaram, todos se ergueram e Geórgia virou-se para o irmão que estava do seu lado. Ambos se abraçaram e se beijaram

no rosto.

- Charlie! Oh, Charlie!

- Geórgia! Nem acredito que estou com você!

- Conseguimos! O plano deu certo - disse o Duque, radiante.

Os homens deram vivas não de triunfo, mas de alívio. Eles haviam embarcado naquela aventura, porém acreditavam que era uma loucura e dificilmente teriam sucesso.

O dia já começava a clarear. No leste surgiam os primeiros raios de sol, fazendo desaparecer as últimas estrelas.

- Vamos para casa - o Duque falou brandamente tendo os olhos pousados no rosto feliz de Geórgia, que estava sentada, abraçada ao irmão.

Ela havia tirado o lenço preto da cabeça e seus cabelos loiros caíam suavemente sobre os ombros.

- Como você se arriscou desta forma para me salvar? - indagou Charles - Foi um plano louco, audacioso, temerário.

- A idéia não foi minha e, sim, do Duque de Westacre amigo do Coronel Goodwill - Geórgia esclareceu.

- Então o Coronel encontrou-a, Geórgia, e deu meu recado, não? Pedi para avisá-la que eu havia sido preso.

- Sim, estivemos com ele e ficamos sabendo que você estava no castelo de Calais.

- Oh, meu Deus, não acredito que isto seja verdade. Estou livre!

- Livre, e em breve estará em casa - completou a irmã.

- Só por um ou dois dias. Tenho de voltar para o navio. Não me conformo de ter sido apanhado pelo inimigo.

- O Coronel nos disse que você tentava salvar um colega.

- Tentei, mas não tive sucesso. A corrente estava fortíssima. Perdi um dos melhores colegas. Senti muito a sua morte.

- Pelo menos você agora está livre - Geórgia confortou o irmão.

Ela olhou para a extremidade do barco onde estava o Duque, belo e elegante apesar do que havia passado. No dia seguinte, ela imaginou, Trydon voltaria para Londres,

para a vida social da qual fazia parte. Charles o acompanharia ansioso para relatar ao almirantado o que acontecera. Então ficaria apenas ela e Nana em Four Winds.

“Mesmo que eu nunca mais veja Trydon, sempre o amarei. Vou amá-lo até morrer”, pensou, sentindo as lágrimas lhe aflorando aos olhos.

CAPITULO XII

Era oito horas. De pé, na praia, Nana olhava para o mar, atenta ao barco que avistara ao longe. Tinha as mãos unidas, em prece, e no rosto uma inequívoca expressão

de ansiedade, que se transformou em incontida alegria quando reconheceu Charles a bordo, abraçado a Geórgia.

Pouco depois, os homens puxavam o barco para o cascalho e desembarcavam, rindo e falando alto, entusiasmados, radiantes de alegria pelo triunfo de terem libertado

o patrão da fortaleza do inimigo.

Charles abraçou e beijou Nana, em seguida apertou a mão dos homens. Todos tentavam dizer-lhe o que havia acontecido desde que ele se ausentara. Geórgia viu Trydon

e Peregrine conversando e indo pouco depois para a gruta.

Voltaram trazendo duas bolsas de couro cheias de guinéus que distribuíram aos homens. Cada um deles exultou ao ver reluzindo na palma da mão dez moedas de ouro.

Subitamente, Geórgia teve consciência de que estava pavorosa, com os cabelos despenteados e usando aquele casaco surrado e as botas altas que haviam pertencido ao

irmão. Afastou-se sem uma palavra, aproveitando que todos estavam distraídos.

Para encurtar o caminho, voltou para casa pela passagem subterrânea que ia dar no porão, agora vazio.

“Verei Trydon pela última vez”, pensou, imensamente triste.

- Estou faminto, Nana! Sou capaz de comer um boi inteiro! - Charles anunciou,

entrando no hall - Desde que fui preso não comi uma refeição decente.

- Pobre rapaz! Eu sabia que aqueles miseráveis estavam matando-o de fome! - Nana exclamou indignada, indo apressada para a cozinha.

Charles conduziu o Duque e o Capitão para a sala de desjejum. Neste instante Geórgia desceu bem arrumada, usando o vestido vaporoso, branco, de musselina e fitas

azul turquesa, e seguiu Nana. Voltou minutos depois carregando uma bandeja com o bule de café fumegante e pão quentinho. Entrou na sala e alegrou-se ao ver Charles

à cabeceira da mesa bem posta, ocupando o lugar que fora do pai.

- Tomem o café - disse - Nana já vai trazer ovos e o excelente presunto defumado que há três meses reservou para uma ocasião especial como esta.

- Ótimo! - Charles riu para a irmã e voltou-se para o Duque, como se o que ela acabara de dizer tivesse pouca importância, perto do que ele queria ouvir de Sua Alteza.

- Continue Alteza. O que o fez pensar que conseguiria tirar-me daquele castelo?

- Isso mesmo, Trydon, também estou interessada em saber - endossou Geórgia.

- Sete anos atrás, em 1802, quando houve o armistício com Bonaparte, acompanhei o Coronel do meu regimento numa viagem à França - começou o Duque - Na verdade, ele

queria aproveitar o período de trégua para tentar descobrir o que Napoleão estava tramando. Na Inglaterra, o primeiro-ministro e várias outras pessoas estavam convencidos

de que a suspensão das hostilidades era apenas uma estratégia para ganhar tempo. De fato, Bonaparte queria construir navios e mudar a posição das tropas. Viajamos

no iate do Coronel e, chegando a Calais, fomos recebidos cordialmente pelo prefeito da cidade e nos hospedamos no castelo. Na ocasião, não havia ali

prisioneiros

militares, apenas civis. Fiquei sabendo onde eles eram mantidos e conheci praticamente todo o castelo de Calais, uma verdadeira fortaleza. Além disso, meu amigo,

Coronel Arthur Goodwill, revelou-me que os prisioneiros mais importantes, principalmente os oficiais britânicos tinham o privilégio de sair das torres, ao amanhecer

e ao escurecer. Durante quinze minutos eles andavam, exercitavam-se e respiravam o ar puro nas ameias.

- Eu sabia que o Coronel Goodwill tentaria fazer alguma coisa por mim! - Charles exclamou - Porém nunca imaginei que alguém pudesse escalar aquela verdadeira muralha.

- Foi o que imaginei quando estive no castelo. Olhei lá do alto das ameias para o paredão que terminava praticamente dentro do mar, vi as ondas se quebrando contra

os rochedos e imaginei que alguém só fugiria daquela fortaleza se tivesse asas. Quando decidi tirá-lo de lá, Charles ocorreu-me que um homem especializado na construção

e consertos de torres de igrejas escalaria aquele paredão de pedra.

- Como poderei agradecer-lhe o suficiente, Sir, pelo que fez por mim? - indagou Charles, emocionado.

- Nem tente se não quer me deixar embaraçado - tornou o Duque com simplicidade - Agora que já estamos de volta e felizes por termos tido sucesso, devo dizer que

apreciei cada momento de nossa louca aventura.

- Lamento, mas o mesmo não aconteceu comigo - contrapôs Geórgia - Quando vi alguém pôr a cabeça para fora e não tive certeza de que era Charles, me apavorei achando

que os franceses abririam fogo contra nós imediatamente.

- Os guardas estavam despreocupados, pois jamais imaginaram que algum prisioneiro pudesse escapar pela parede do lado do mar - Charles assinalou - As outras entradas

eram sempre muito bem guardadas. O que me fez pôr a cabeça para fora foi ter ouvido alguém assobiando minha canção predileta.

Nana entrou na sala carregando uma bandeja enorme, onde se viam uma grande travessa com ovos mexidos e outra com fatias de presunto.

- Volto daqui a pouco com quatro pombos gordos que estou acabando de assar. Também mandei o filho do jardineiro à vila comprar um pernil de carneiro para o almoço

- declarou Nana, colocando a pesada bandeja sobre a mesa.

- Tudo isto por você, Charles, o favorito de Nana. Ela sempre o mimou - salientou Geórgia, mais para provocar o irmão.

- E eu não merecia tal predileção e tais mimos? Eu era uma criança linda! - Charles vangloriou-se, rindo.

- Para me vingar eu puxava seus cabelos - Geórgia lembrou, rindo também.

Notando que o Duque a fitava de modo curioso, ela calou-se e tomou em silêncio seu café com creme.

- Voltando a falar sobre a fuga, devo dizer que homens remaram com vigor, uma perícia e rapidez incríveis. Isso nos manteve fora do alcance das balas - comentou

Charles - Eles melhoraram muito.

- Você acha que o modo como eles adquiriram prática foi uma coisa louvável? - inquiriu o Duque, a expressão sombria.

Encarando-o, Charles teve a decência de mostrar-se envergonhado.

- Não, Sir. Reconheço que eu disse uma tolice.

- Sua irmã tem arriscado a vida atravessando o Canal para trazer contrabando - apontou o Duque.

- Eu jamais permitiria que ela se envolvesse com essas atividades ilegais se estivesse em casa - Charles apressou em dizer.

- Suponho que você faria as viagens e não ela. Veja bem, Charles, os homens desta propriedade são responsabilidade sua e se viram forçados a desobedecer a lei, arriscando

a vida e a liberdade - argumentou o Duque, severo.

- Eu nunca quis que Geórgia se envolvesse com isso, Sir. Oh, esta é uma história longa e confusa. Talvez eu possa explicar-lhe a razão das atividades ilegais - Charles

falou, pesaroso.

- Já sei de tudo - revelou o Duque - Sua confissão foi destruída.

- Destruída?! Então, minha madrastra devolveu-a? Oh, Sir, o que posso dizer? - Era evidente o alívio de Charles.

- Você devia estar louco para escrever uma confissão como aquela - prosseguiu o Duque no mesmo tom severo.

- Eu sei disso - Charles murmurou, constrangido.

- “Tudo está bem se acaba bem” - citou Peregrine, interrompendo a conversa - Deixe de atormentar o rapaz, Trydon. É mais importante saborearmos este delicioso breakfast.

Depois quero descansar e então pensaremos em nossa viagem de volta a Londres.

- Vou preparar os quartos - Geórgia prontificou-se, ansiosa para sair da sala.

Era insuportável presenciar a humilhação à qual Charles estava sendo

submetido. Reconhecia que a admoestação era merecida e que o Duque tinha todo o direito de mostrar-se

tão severo. Sabia também que Trydon havia falado daquela forma porque ela acabara sendo envolvida no contrabando por causa do irmão.

Nana apareceu com os pombos assados. Estavam dispostos numa travessa enfeitada com agrião do riacho, A exclamação de contentamento de Charles era tudo o que a boa

nanny precisava ouvir. Ela adorava cuidar de suas “crianças”, como se referia carinhosamente aos dois irmãos. Mas Charles era o seu predileto. Assim que Nana deixou

a sala, Geórgia ficou de pé.

- Não partiremos antes das quatro - informou Peregrine - Aproveitaremos o sol mais ameno e chegaremos à cidade a tempo de aproveitar uma noite bem alegre.

A menção a “noite alegre” fez com que Geórgia sentisse uma pontada no peito. Como se não bastasse, Charles perguntou ansioso,

- Posso ir com vocês? Pretendo me apresentar ao almirantado amanhã cedo. Devo relatar o que aconteceu e saber quando posso voltar ao meu navio.

- Claro - assentiu o Duque - De fato, você deve se apresentar aos oficiais superiores o mais depressa possível.

Não suportando mais, Geórgia deixou a sala. No primeiro andar encontrou os quartos dos hóspedes e o de Charles bem arrumado, com a roupa de cama trocada e cheirando

a lavanda. Viu que havia água limpa nas jarras de porcelana dos lavatórios, sabonete nas saboneteiras e toalhas nos suportes.

Indo para os próprios aposentos atirou-se na cama, escondeu o rosto no travesseiro, sentindo vontade de chorar. Tudo estava terminado. Todos iriam partir à tarde

e ela nunca mais veria o Duque. Ele voltaria para seu mundo e ela ficaria sozinha

com seus problemas com a fazenda, lutando para mantê-la produzindo e rendendo o

suficiente para ela manter uma casa tão dispendiosa, pagar os empregados, os aposentados e outras pessoas da vila.

Mas nada disso era importante comparado ao fato de que, ao partir, o Duque levaria consigo o coração dela. Tola! Tola, sim, porque se apaixonara! Mas como evitar

isso?

Desde o início notara que Trydon era diferente. Havia algo no seu porte, na sua voz calma e educada, nos seus modos refinados que a encantaram. Inadvertidamente,

permitira que ele entrasse em sua vida. Agora seria impossível esquecê-lo.

Ela recordou todos os momentos que passaram juntos, sentiu novamente o toque dos lábios dele no seu rosto e na sua mão. Podia vê-lo remando com vigor como se fosse

um daqueles homens simples, envolvidos, por força das circunstâncias, com contrabando.

Veio à mente o modo como ele golpeará o Comte, salvando assim a vida do Príncipe de Gales. Lembrou também como Trydon planejara e pusera em ação o plano que libertara

Charles.

“Amo Trydon! Como o amo!”

Quantas vezes já repetira para si mesma essas palavras, não saberia dizer. Não eram ditas mecanicamente, mas com tal emoção que a fazia sentir uma pontada no peito,

um nó na garganta, um embargo na voz.

Geórgia levantou. Tirou do armário a mala que trouxera de Londres e guardou

nela as roupas que Lady Carrington lhe dera. Antes de tirar o elegante vestido que estava

usando, para colocá-lo também na mala, foi até o guarda-roupa. Nem mesmo seu melhor traje chegava aos pés daqueles comprados na loja de madame Bertin.

A vaidade feminina falou mais alto e ela desistiu de se trocar. Ficaria com aquele vestido. Queria que Trydon guardasse dela a melhor das lembranças. Tirou apenas

o casaquinho de tafetá porque fazia calor. Fechou a mala e desceu para ir ao jardim. Iria mandar um buquê de rosas para sua benfeitora e também uma carta. Assim

expressaria melhor sua gratidão.

A casa estava silenciosa. Nana, certamente, se encontrava na cozinha preparando um almoço especial para seu amado Charles. Trydon e Peregrine deviam estar dormindo.

No jardim de rosas, Geórgia colheu os mais bonitos botões entreabertos.

Antes de voltar para o interior da casa, admirou aquele lugar, lembrou da mãe que considerava as rosas suas flores prediletas, e pensou no seu futuro. Nana pretendia

aposentar e Charles, dentro de poucos anos, estaria casado. Para ela restaria a solidão.

Por um instante quase lamentou não ter mais de enfrentar os perigos e a ansiedade das travessias do Canal. Pelo menos as viagens a livravam da monotonia. O medo,

afinal, era mais estimulante do que não sentir nada.

Não era do seu feitio se entregar à autocomiseração e Geórgia reagiu. Achava melhor amar com todas as forças do coração, mesmo sabendo que o amor lhe traria a infelicidade.

Agora sabia o que era estar apaixonada. Também conhecera um pouco do mundo

em que o Duque vivia, ouvira elogios dele e até do Príncipe de Gales.

Geórgia entrou em casa pela porta do salão que se abria para o jardim de rosas. Sobressaltou-se ao ver o Duque de pé, perto da lareira.

- Eu pensei que você estivesse dormindo - murmurou.

- Preferi não descansar. Eu tinha coisas mais importantes para fazer - declarou o Duque.

- Então pretende partir mais cedo?

- Não. Estou aqui porque preciso falar-lhe, Geórgia.

Trajada de branco e azul e carregando aquele grande buquê de rosas, Geórgia estava encantadora. Um artista que a visse desejaria retratá-la e eternizar numa tela

tanta beleza. Ela e o Duque se fitaram em silêncio por um momento.

- Colhi estes botões de rosa para Lady Carrington. Eu ia mesmo pedir-lhe, Trydon, para levar o buquê e entregar a ela com a mala e uma carta expressando meus agradecimentos

- disse Geórgia, deixando o buquê sobre uma das mesas.

- Mala?

- Estou devolvendo as roupas que Lady Carrington comprou para mim, visando a um propósito especial. Não me julgo no direito de ficar com elas, já que o propósito

deixou de existir.

- Você merece muito mais do que alguns meros vestidos. Se não fosse você, Sua Alteza Real estaria morto - o Duque ressaltou.

- O mérito não foi meu - tornou Geórgia modestamente - Foi você quem planejou tudo e impediu o Comte de usar aquele punhal. Portanto, o Príncipe deve a vida a você.

- Como eu saberia que o homem que procurávamos era o Comte, se você não o tivesse reconhecido? O país, o Príncipe e eu, temos uma dívida de gratidão para com você

- reiterou o Duque.

- Oh, não. Sou eu quem me sentirei eternamente grata a você por ter libertado Charles duplamente. Nem acredito que ele está em casa. Tudo ainda me parece um sonho.

- Charles é um rapaz de sorte. Tem uma irmã que se preocupa com ele e que o ama a ponto de assumir uma responsabilidade que era dele - assinalou o Duque.

- Você foi severo demais com meu irmão - Geórgia censurou-o - Não havia necessidade de falar daquela forma.

- Seu pai, se estivesse vivo, seria mais severo ainda - assegurou o Duque - Mas não se inquiete por causa do rapaz. Ele não ficou aborrecido. No momento, tudo o

que ele quer é conduzir meu faetonte que o encantou. Eu sim estou preocupado com o que possa acontecer aos cavalos.

- Charles é o mesmo de sempre. Não guarda rancor e quer viver a vida intensamente - Geórgia reconheceu.

- O melhor lugar para ele é no seu navio. Ele é humano, compreensivo e dotado de um entusiasmo, uma energia e um otimismo, que teriam sido muito apreciados por Lorde

Nelson. Um dia chegará a almirante.

Geórgia riu.

- Você está indo longe e depressa demais. Charles não passa de um rapaz mimado e travesso.

- É assim que você o vê? E o que pensa a respeito de si própria?

O riso desapareceu dos lábios de Geórgia.

- Não sei o que você quer dizer com isso.

- Sabe, sim. Mas por que estamos mantendo esta conversa, de pé, e com metade deste salão nos separando? Venha até aqui, sente-se - O Duque indicou duas poltronas.

- Lamento não posso...

- Não pode?

- Tenho de escrever a carta.

- Pare de fugir de mim!

- Eu não... - Geórgia olhou para o Duque e não conseguiu terminar a frase.

- Bem, se você não vem até mim, vou até você.

Ele deu alguns passos e ficou do lado de Geórgia.

- Creio que está na hora de conversarmos sobre seu marido.

- Meu marido? - Geórgia ficou tensa - Por quê?

- Porque, ao que parece ninguém sabe da sua existência nem por onde ele anda. Charles me disse que nunca ouviu falar sobre o Sr. Baillie.

- Casei-me quando Charles estava no mar. Ele e meu marido nunca se viram - Geórgia explicou.

O Duque encarou Geórgia e perguntou calmamente,

- Diga-me, Geórgia, algum homem já a possuiu?

Os olhos de Geórgia tornaram-se imensos. A lembrança de Lorde Ravenscroft beijando-a veio à mente. O sangue afluiu ao rosto e ela virou depressa a cabeça.

- Não! Não! Como tem a coragem de me perguntar uma coisa destas?

Os lábios do Duque curvaram-se levemente num terno sorriso. Estendeu o braço, segurou a mão esquerda de Geórgia e tirou gentilmente, do dedo médio, a

aliança de

ouro que ela usava.

- Neste caso, isto é perfeitamente desnecessário, não é mesmo? - perguntou com suavidade.

Tarde demais Geórgia puxou a mão, deixando a aliança com o Duque.

- Uma simulação inteligente - ele reconheceu - Nem imagina como essa história de casamento me inquietou até eu perceber que era mentira.

- Você adivinhou?

- Depois de observá-la bem, Geórgia, tive certeza de que uma jovem tão inocente só poderia ser uma donzela.

Geórgia enrubesceu novamente e começou a juntar as rosas.

- A idéia do casamento foi um pretexto para enganar minha madrastra e seus amigos odiosos. Assim me mantive longe deles - esclareceu - Agora posso voltar a ser eu

mesma.

- Mas vai continuar fingindo, Geórgia? Não vai admitir que alguma coisa aconteceu entre nós? Você não pode avaliar como sofri ao notar a sua resistência contra aristocratas

e também ao imaginar que jamais a teria para mim, pois você pertencia a outro.

Deixando cair as rosas que tinha na mão, Geórgia virou-se depressa e encarou o Duque.

- Eu o fiz sofrer? - perguntou num sussurro.

- Um dia eu direi quanto. Eu acreditava Geórgia, que o meu amor por você era proibido, um amor ilícito.

Os olhos de Geórgia brilharam como estrelas. Seus lábios tremeram, uma estranha chama aqueceu-lhe o coração. O mundo tornou-se dourado, de repente.

Lá fora os pássaros

cantavam. A magia durou apenas um instante. Geórgia virou o rosto, quebrando o encantamento.

- Você está brincando comigo - acusou-o - Volte para Londres, para as pessoas que conhece para o mundo ao qual pertence.

- A única pessoa que me interessa não está lá. Está aqui, é você.

- Não vê que nosso amor é impossível?

- Por quê? Por que sou um Duque? - Trydon sorriu. Perdera Valerie, por quem estava apaixonado, por não ter um título de nobreza - Você não pode relevar o fato de

eu ser um Duque? Afinal, herdei o título, digamos, por acaso, não me empenhei para isso.

- Pare de zombar de mim! - Geórgia zangou-se - Não vê que vivemos em mundos diferentes?

- Mundos que se interligaram em mais de uma ocasião. Passamos juntos por tantos perigos. Vivemos em poucos dias emoções e aventuras, que a grande maioria das pessoas

jamais viverá na vida inteira. Ontem, relutei em permitir que você me acompanhasse naquela viagem perigosa, com pavor de que acontecesse alguma coisa a você. Mas

se nós dois morrêssemos, para mim não importava, pois estaríamos juntos.

Geórgia ergueu a cabeça. Tinha lágrimas nos olhos.

- E verdade? Foi o que você pensou? Aconteceu o mesmo comigo. Quando o vi de pé, olhando para as ameias, disse a mim mesma que se você morresse, eu não queria continuar

vivendo.

- Então, por que, minha querida estamos discutindo? - Trydon perguntou ternamente, seus olhos fixos nos de Geórgia - Amo você! O que mais quer que eu diga?

- Não deve dizer nada. O que tenho para lhe oferecer? Não pertenço ao mundo sofisticado de pessoas elegantes, de Príncipes e Duques, bailes, festas e recepções.

Sou apenas Geórgia, uma garota simples e comum. Meu mundo é Four Winds.

- Para mim você é Geórgia, a pessoa mais maravilhosa, mais linda e mais interessante de todo o mundo - O Duque puxou-a para mais perto dele ergueu o queixo de modo

que ela o encarasse - Também é delicada, vulnerável e corajosa.

-O que mais um homem pode desejar?

- Você está cometendo um engano - Geórgia insistiu, tentando lutar intimamente contra o encantamento e o júbilo que a dominavam - E há... as outras... mulheres...

- Não quero sequer pensar nelas. Oh, meu amor, minha tolinha, ainda não entendeu o que está acontecendo conosco? Nós nos amamos.

Os lábios de Trydon se apossaram dos de Geórgia, mantendo-a presa de doce enlevo, impedindo-a de falar. Ela capitulou, entregou-se incondicionalmente ao êxtase,

ao louco arrebatamento, ao desejo que crescia mais e mais em seu interior como uma chama.

Sentiu que Trydon e ela eram um único ser e estavam destinados um ao outro, para partilharem juntos a vida terrena e toda a eternidade.

Trydon estreitou-a ainda mais junto do peito, no aconchego daqueles braços fortes Geórgia soube que nunca mais se sentiria só ou indesejada. Erguendo a cabeça, Trydon

fitou Geórgia que, ainda enlevada, tinha os lábios entreabertos. Disse

ternamente,

- Nunca imaginei que eu precisasse convencê-la de que um Duque pode ser afinal, um homem comum, um homem como qualquer outro.

O riso de Geórgia expressou sua felicidade. Ela estendeu os braços, enlaçou o pescoço de Trydon para encostar sua cabeça na dele. Ele resistiu.

- Espere. Preciso ouvir de seus lábios a resposta à pergunta que eu ansiava por fazer, e sofria por não ter o direito de proferi-la, Quer ser minha esposa, Srta.

Geórgia Grazebrook? - Trydon indagou solene.

- Sim.

- Eu gostaria de saber por que aceita casar comigo, Srta. Grazebrook - ele insistiu.

A voz de Geórgia soou tão suave que Trydon inclinou a cabeça para ouvi-la.

- Porque te amo, Trydon. Amo você com todas as forças do meu coração.

FIM